

Memórias Vivas

Depoimentos de

Artur Colella

Maria Virginia Menconi Colella

Otacílio Monteiro

Márcia Regina Sillman Hergert

Zilda Abreu Silva

Patricia Liliana Pardo

Pollyana Cristina Ribeiro



Orgs.

Mariana Xavier

Érica Estevam

José Eduardo Gama Noronha

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Programa Universidade

Mariana Xavier

Érica Estevam

José Eduardo Gama Noronha
(organizadores)

Memórias Vivas

BCCL/UNICAMP

Campinas, SP

2025

Universidade Estadual de Campinas
Programa UniversIDADE

Comissão editorial

Felipe de Souza Bueno - Sistema de Bibliotecas da UNICAMP
Andréa Cristina Missoni - Sistema de Bibliotecas da UNICAMP
Thiago Rodrigo dos Santos - Sistema de Bibliotecas da UNICAMP
Patrícia Oliveira - Bibliotecária
Winderson Jesus Gomes - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Alice Helena de Danielli - Universidade Estadual de Campinas

Quadro da capa: Adaptação de obra de Márcia Regina Silmman Hergert

Dados da Catalogação Internacional na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UNICAMP

M519 Memórias vivas [recurso eletrônico] / Mariana Xavier, Érica
Estevam, José Eduardo Gama Noronha (organizadores). –
Campinas, SP: UNICAMP/BCCL, 2025.
1 recurso online : il.

ISBN: 978-65-88816-87-5

1. Memórias autobiográficas. 2. Idosos – Psicologia.
3. Biblioteconomia. I. Xavier, Mariana (org.). II. Estevam,
Érica (org.). III. Noronha, José Eduardo Gama (org.).
IV. Título.

25-025

CDD – 920

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Publicação digital – Brasil
ISBN: 978-65-88816-87-5



Atribuição - Não Comercial - Compartilhada Igual
CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Como citar a obra:

XAVIER, Mariana; ESTEVAM, Érica; NORONHA, José Eduardo Gama (org.).
Memórias vivas. Campinas: SP: BCCL/UNICAMP, 2025. (E-book). Disponível
em: (incluir a URL). Acesso em: dia mês ano.

Sumário

Introdução	5
Depoimentos	17
Artur Colella.....	18
Vida profissional do Menino Artur	19
Uma história de amor limeirense: dois anos de rosas misteriosas.....	21
Maria Virginia Menconi Colella	25
Infância e adolescência no Centro de Limeira	27
Conclusão da história de amor limeirense	30
A bebê com problema no coração	31
Otacílio Monteiro.....	34
Chega de Saudade	35
Entre cidades, escolas e lições de vida	37
A régua, o piano e a generosidade	39
Márcia Regina Sillman Hergert.....	41
A Barbie e o Papa	42
Rainha da Sucata.....	45
Plantando a semente	53
Zilda Abreu Silva.....	60
Nos trilhos da memória	61
Juventude censurada.....	64
Patricia Liliana Pardo	71
A menina que viajou com a própria história: fugindo para voltar.....	72
O caminho que não escolhi, mas que me salvou.....	73
Quando a liberdade não cabe em um lar	75
Perdendo e encontrando caminhos na Tierra del Fuego	77
Artesanato e Liberdade.....	78
Durista: aventuras e sobrevivência nas estradas da América do Sul.....	79
As casas são as sepulturas das pessoas vivas	86
Do Vale ao Recomeço: uma jornada de gratidão	87
Pollyana Cristina Ribeiro	89
Infância e a vida escolar	90

Mudança para Barão Geraldo	90
Amizades e rebeldia na adolescência.....	91
Amores e desencontros	91
Caminhos da vida adulta.....	95
De Agente Comunitário a Psicóloga: um sonho conquistado	97
Resiliência e reconstrução: a vida após o diagnóstico.....	100
Considerações finais	103
Tempo e memória.....	104
Lembranças de família	105
Vizinhos e comunidade.....	106
Os espaços da memória.....	106
Memória política	107
Memória do trabalho.....	108
Mulheres, raça, identidade e autonomia.....	108
O indivíduo como testemunha	109
Referências	112
Agradecimentos	116
Sobre os organizadores	117
Mariana Xavier	117
Érica Estevam	117
José Eduardo Gama Noronha	118

Soneto da memória relativa

*Meu ontem vez em quando me visita,
edita em mim alguns velhos lembrares
e dita, enfim, em alta e boa escrita
histórias novas e novos lugares.*

*É natural e próprio da memória
de tempo em tempo certas revisões.
Assim forjamos nossa louca história,
tecida ao leme das contradições.*

*Em vida e no poder das faculdades,
não somos mais que fatos relativos,
não temos a certeza sobre nada.*

*O que de nós, então, as amizades
dirão quando não mais aos seres vivos
somarmos nossa história mal contada?*

Otacílio Monteiro

Introdução

As memórias aqui apresentadas foram resgatadas no contexto da oficina “Memórias Vivas - Oficina de Memória Oral”, do Programa UniversIDADE¹ da Pró-Reitoria de Extensão, Esporte e Cultura da UNICAMP e integraram a primeira edição nos *campi* de Limeira, entre os meses de outubro e novembro de 2024.

Coordenadas pelos organizadores deste livro, as oficinas “Memórias Vivas” foram um espaço destinado a pessoas com 50 anos ou mais interessadas em compartilhar suas histórias de vida. Foram realizados seis encontros, divididos pelas seguintes temáticas:

1. Introdução e Apresentação
2. História da Cidade e Comunidade
3. Experiências de Trabalho e Relação com a Educação
4. Vida Cotidiana, Cultura e Famílias
5. Memórias Afetivas e Seleção de Histórias
6. Gravação das histórias e Encerramento

A cada encontro, com duração de três horas cada, os participantes eram incentivados a dialogar sobre as temáticas a partir de fotografias, objetos, músicas ou a fala dos demais, recuperando memórias pessoais. Sem pré-requisitos, o curso ofereceu uma oportunidade aos sete participantes, que aqui contam fragmentos de suas histórias em cada capítulo, reviverem e compartilhar suas próprias histórias, entrelaçando-as com as dos outros, pois como indica Bosi (2013, p. 103) “quando amigos se encontram para recordar costumes, lugares, comidas, pessoas... Basta que se evoque algo comum do passado para que se crie um espaço humano denso como é o da rememoração”.

¹ O Programa UniversIDADE foi criado em 2014, com o objetivo de “oferecer de forma gratuita, atividades de caráter integrativo e interdisciplinar, no contexto não formal da educação relacionadas ao desenvolvimento social, cultural, de saúde física e mental para pessoas com idade igual ou superior a 50 anos”, por meio de atividades propostas por pessoas internas e externas à UNICAMP, com o propósito de “disseminar seus conhecimentos, além de estimular o desenvolvimento social e intergeracional” (Universidade Estadual de Campinas, [s.d]).

Os recordadores são o casal Maria Virginia e Artur Colella, Marcinha, Zilda, Patricia, Pollyana e Otacílio. Nenhum deles exigiu que usássemos os pronomes de Senhor, Senhora ou Dona.

Aos instrutores, uma bibliotecária/professora, uma psicóloga e um psicólogo, coube a tarefa de provocar a fala (o que não exigiu muito esforço) e de sustentarem esse espaço intersubjetivo de escuta, a partir das memórias que transbordavam e das relações que se formavam.

Ao final dos encontros, elencamos coletivamente aquelas que consideramos as melhores histórias para produzir este livro, que podemos considerar também um relicário de recordações e preservação de tais narrativas para as gerações futuras. Daí o sentido duplo desta obra: ser um livro de memórias e a síntese de uma experiência. Em um dos encontros de revisão do texto, foi justamente essa a dúvida que se fez mais forte (e que não havia ainda sido posta em palavras), o porquê de transformarmos as palavras ditas em palavras escritas.

Apesar desta publicação não ser uma pesquisa acadêmica científica, como método, nos inspiramos em experiências similares de memória oral, realizadas em sua maioria no âmbito de programas universitários para a população idosa, além da pesquisa de livre-docência da Professora Ecléa Bosi, precursora do projeto de extensão para a terceira idade da Universidade de São Paulo (Bosi, 2023). Tivemos como dispositivo de trabalho predominante a roda de conversa, na tentativa de possibilitar a circulação da fala e da visibilidade dos participantes entre si, favorecendo que se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias.

Como trabalho sobre a memória, nossa primeira tarefa foi a de conduzir a uma quebra dos estereótipos da percepção de todos, de modo que pudéssemos todos passar a simpatizar (Bosi, 1992) com os contextos relatados pelas memórias, entre história individual e coletiva.

A princípio, havíamos separado os encontros em momentos teóricos, nos quais apresentaríamos algumas noções e reflexões sobre memória/relato e momentos práticos para a partilha entre os participantes. No entanto, pouco utilizamos recursos audiovisuais, somente alguns slides com fotos e um vídeo nos três primeiros encontros e a reprodução das músicas quando tratamos do assunto. Rapidamente o

grupo se aclimatou e no cara a cara da roda, o diálogo foi quase ininterrupto, de modo que eram poucas e rápidas as saídas, seja para buscar água ou ir ao banheiro, apesar das três horas de encontro. É importante destacar que os participantes notaram a diferença entre sua forma de relatar no momento da gravação, feita de forma individual e o relato no grupo, que era constantemente contrastado e/ou complementado pelos outros participantes. Assim, começamos por apresentar uma breve retomada dos encontros, para que não ficasse de fora dessa síntese.

05/09/2024 - Introdução e Apresentação

No primeiro encontro, todos se apresentaram. Foi comentado que com a saída dos filhos de casa, o sentimento muitas vezes é de solidão. Mais de uma pessoa falou que ficou muito feliz quando viu as propostas do programa UniversIDADE seja porque não teve oportunidade de fazer uma graduação ou porque já estudou, teve parentes que trabalhavam na UNICAMP e estava feliz em voltar.

Neste primeiro encontro, mostramos a proposta da vivência, os temas dos próximos encontros e fotografias enviadas pelo SIARQ - Sistema de Arquivos da UNICAMP, do antigo Campus de Limeira. Só de mencionar os temas e mostrar as fotografias, os recordadores já engataram nas discussões e deram sinais de como seriam os próximos encontros: com muita história pra contar. Como inicialmente estávamos preocupados com a timidez dos participantes, havíamos combinado de solicitar que trouxessem uma fotografia ou objeto relacionado com a história da cidade onde cresceu para o próximo encontro.

19/09/2024 - História da Cidade e Comunidade

Tendo como tema a História da Cidade e Comunidade, o segundo encontro teve a roda de conversa sobre a história local tendo como ponto de partida os objetos e o compartilhamento de memórias e experiências de infância.

As recordações passaram pelas brincadeiras de rua como carrinho de rolimã e empinar papagaio, pela vida escolar e religiosa e pela rigidez na escola. A lagoa Pininho em Limeira foi rememorada, local em que as mães não queriam que as crianças fossem nadar sozinhas porque era perigoso.

Sobre a lagoa, Otacílio Monteiro (2024) menciona seu poema “Águas de Limeira”:

O Córrego Lavapés
o Bicão e o Pininho...
Quem neles molhou os pés
não se esquece do caminho.

Sobre a história da Cidade além de seu livro “Frutas doces colhemos aos montes” (Monteiro, 2024), assim como Zilda, Otacílio também se lembra da passagem do trem pela cidade e das brincadeiras com os amigos durante essa passagem. Ainda em relação com a cidade, Otacílio mencionou as aulas com a Professora Dyrceia Ricci Ciarrochi, que compôs o hino de Limeira.

Zilda menciona o estereótipo de sua terra natal, a cidade de Itapira, que é conhecida como a terra dos loucos. Sobre as lembranças da escola e a rigidez das Professoras, ela se lembra de comer uma laranja durante a aula e a Professora pede para parar e ela não sabe porque não para e a professora suja sua roupa com o fruto. Virginia lembra que uma professora usava um apito no Trajano para estabelecer a ordem.

Marcinha trouxe o quadro que ilustra a capa deste livro, para conversar sobre como ela olha para essa janela que lembra seu avô para refletir sobre questões do presente. Além do quadro, Marcinha trouxe uma mala e um chapéu como objeto de discussão sobre o tema do dia. O chapéu trouxe à tona a história da família Prada que produzia chapéu em Limeira, cujo prédio da fábrica hoje abriga a Prefeitura de Limeira. Virginia trouxe o caderninho da sua primeira comunhão, além da lembrança deste evento religioso, também contou sobre as festas de Carnaval em Limeira em que ela brincava a noite toda e ia direto trabalhar na loja Mascote.

Dentre as falas, nos chamou atenção uma certa sinestesia, sentida pela evocação de memórias que tem nas ações coletivas e na alegria seus principais eixos, como as festas embaladas ao som de George Michael que Pollyana frequentava com suas amigas, o banquete de bolo, doces e leite após a primeira comunhão de Virginia, o barulho do trem da infância de Zilda e o passeio no sítio de Marcinha.

Além desse poder das memórias, discutiu-se a importância de incentivar o resgate da memória e sua relação com a saúde mental, concluindo-se que somos nós que passamos pelo tempo e não o contrário.

03/10/2024 - Experiências de Trabalho e Relação com a Educação

No terceiro encontro, para arrematar a discussão do encontro anterior, Otacílio traz dois poemas do seu livro de 2024. Transcrevemos a seguir apenas trechos de ambos que abordam a memória e a esperança sobre a cidade de Limeira, o primeiro intitulado Bons Tempos:

A capital da laranja,
famosa no mundo inteiro,
orgulho dos habitantes.
Era Limeira um celeiro
de talentos importantes
e de progresso certo.

O segundo, chamado Redenção, dialoga com as memórias de Maria Virginia em seu relato que leremos adiante:

Um lugar metia medo
pela distância e enredo:
o bairro da Redenção
[...]
A Redenção foi ficando,
a cada dia, mais perto,
acolhedora e igual.
Até passou a ser vista
como Jardim Morro Azul,
o seu nome original.

Neste encontro, a discussão abordou as diferentes experiências de trabalho, com ênfase no trabalho e na educação na juventude. Tivemos a preocupação de pontuar o trabalho doméstico, abordando a divisão sexual do trabalho que separa trabalho de homens e trabalho de mulheres, sendo que o trabalho de homens é considerado como de mais valor e é melhor remunerado que o trabalho de mulheres, principalmente o doméstico. Achamos importante essa discussão porque, como dos

sete participantes, cinco são mulheres, gostaríamos de discutir experiências de trabalho, considerando o trabalho doméstico e de cuidados com um trabalho central na constituição da sociedade, mas que não é reconhecido, tampouco remunerado.

A maioria dos participantes mencionaram neste terceiro encontro que começaram a trabalhar muito cedo, cuidando dos irmãos mais novos, como babá de outras crianças, limpando casas, vendendo algo na rua e costurando (chuleando² roupas para alta sociedade da cidade).

Ainda criança, o Sr. Artur Colella ajudava a mãe em um bazar que a família tinha, buscava limões no Mercado Municipal de São Paulo para revender em saquinhos, ele também vendia revistas, tudo na feira livre perto de sua casa. Também na infância, Patricia não foi para a escola para cuidar dos irmãos, depois teve diferentes trabalhos, mas sua principal função é artesã. Pollyana também trabalhou como babá, passou por algumas funções, mas hoje, como veremos em seu relato, é Agente Comunitário de Saúde e Psicóloga. Dona Maria Virginia que chuleava roupas de alta-costura, também trabalhou como doméstica e só quando maior que foi trabalhar na loja Mascote.

Sobre a juventude, Otacílio participava da Comunidade Eclesiástica de Base que era um espaço onde os jovens, além de praticar a sua fé, formavam comunidades, se casavam, formavam times de futebol. Com essas lembranças, ele se lembrou que seu pai, já muito idoso lhe falou: “Você é um anjo para mim”, algo surpreendente pois o pai não era de ficar elogiando. Além disso, contou sua trajetória profissional que passa por empreendimentos autônomos como uma livraria e o jornal “O cidadão”, servidor público e assessor de imprensa.

17/10/2024 - Vida Cotidiana, Cultura e Famílias

Com a temática sobre vida cotidiana, cultura e famílias, o quarto encontro rendeu histórias sobre músicas, festas, amizades e laços afetivos.

Inicialmente conversamos sobre a Ditadura no Brasil e como lembram desse período que coincide com a juventude deles. Veremos detalhes dessas percepções

² Coser ligeiramente a barra de qualquer tecido para não desfiar.

nos relatos de Zilda e Marcinha, esta última enfatiza a UNICAMP e as pessoas que ela teve contato como um espaço de resistência.

Patricia menciona que na Argentina, durante a ditadura, pobres e analfabetos eram enviados para as trincheiras. Zilda pega o gancho e conta que seu pai Victor Teodoro de Abreu fugiu de Minas Gerais para São Paulo para não abrir trincheira, assim como um parente de Otacílio fugiu para não servir na Revolução de 1932.

Além disso, falamos sobre as músicas da época e como somente hoje entendemos o que os artistas estavam querendo passar nas letras. É interessante o consenso de que somente passado o tempo e reveladas as memórias da Ditadura que interpretamos as letras de então.

Cada integrante escolheu uma música para si e explicou o porquê daquela música, ouvimos e cantamos trechos das músicas escolhidas e discutimos as histórias de cada um e dos artistas e da indústria fonográfica no Brasil.

A partir da discussão sobre música entramos nas questões dos costumes, como moda e comportamento. Até 1960, segundo Marcinha, todo mundo usava mais ou menos a mesma roupa. As mulheres não podiam usar calça comprida e aquelas que ousavam ser um pouco diferentes eram consideradas *puta* (ao mencionar, pediu perdão pela palavra). A partir daí, iniciou-se uma longa discussão sobre tatuagem, que até então era uma marcação de quem tinha sido preso. Parte dos integrantes ainda detestam tatuagem, parte é tatuada.

Essa parte é especialmente interessante para os mais jovens que têm avós, pois permite observar o sofrimento deles em relação à tatuagem. Apesar das tentativas de filhos e netos de homenageá-los com essas marcas na pele, muitos idosos não se convencem de que isso é algo bonito.

Voltamos ao tema música (pois a roda de conversa era assim, a hora que percebíamos, estávamos falando de algo completamente fora do tema do dia) e foram recordados os grandes bailes em que as mulheres iam de vestido longo e os homens de ternos, além dos clubes, discotecas e grandes shows. Artur foi no lançamento de Secos e Molhados em São Paulo, Pollyana viu Lobão em 1984. Otacílio recordou a

Banda Nova Imagem, de Limeira, e a grande Placa Luminosa, que vinha aos bailes da cidade, além de ter visto Caetano Veloso, em 1982, na vizinha Americana.

Nestas festas, contaram que até se podia beijar na boca, mas escondido. Havia sempre a consequência de que a menina que beijava, ficava com fama de rodada, porém os próprios homens difamavam as mulheres dizendo que tinham feito algo com elas, quando não era verdade. Maria Virginia conta que só se podia apresentar o rapaz para o pai quando já havia intenção de casar. Exemplificando com a história de uma parente que ficou noiva, não casou e precisou mudar de cidade pois ficou mal falada. Um pouco mais nova, Pollyana não viveu uma época com costumes tão rígidos, os detalhes das festinhas que ela contou nesse encontro estão no seu relato adiante, inclusive a história de Atílio, personagem que gerou gargalhadas do grupo sobre a fama do seu beijo.

Pollyana escolheu a música *Casinha Branca* de Gilson, Otacílio escolheu a *Chega de Saudade* por João Gilberto, Zilda indicou *O meu amor chorou* de Paulo Diniz, Maria Virginia com *O bêbado e a equilibrista* por Elis Regina, Artur com *Aquarela* e *O Caderno* de Toquinho, Marcinha indicou *Escrito nas Estrelas* por Tetê Espíndola e Patricia cantou *Canción con todos* de Mercedes Sosa.

31/10/2024 - Memórias Afetivas e Seleção de Histórias

No quinto encontro, tiramos fotografias instantâneas, negociamos como seria a organização do livro, selecionamos as melhores histórias rememoradas no decorrer dos encontros para entrar neste livro e marcamos encontros fora da oficina para gravarmos as entrevistas.

Marcinha comentou que os encontros trouxeram boas energias, sentia que as coisas vinham na garganta e era preciso contar e que todos se propuseram a fazer uma viagem. Pollyana lembrou o que falou no primeiro encontro com a frase “quando a morte vier me buscar eu quero que ela me encontre viva”, seguida de Otacílio que complementa com “todos os homens morrem, mas poucos vivem”.

Figura 1 - Fotografias instantâneas em 31 de outubro de 2024



Fonte: Fotografia por Érica Estevam.

Muitos foram os momentos que choramos, seja ao lembrar de um ente querido que não está mais entre nós, seja ao mencionar questões sensíveis que nem sabíamos que produziriam lágrimas, desveladas pelas trocas.

Destacamos também como nessas trocas de memórias, não houve de nenhum participante um tom confessional ou ainda de mero relato racional. Ao encontrarem um espaço acolhedor, emergiram situações e cenas engraçadas, duras, tristes, nostálgicas, afirmativas e, também, processos psíquicos de elaboração de dores e incompreensões, com o apoio da roda. O gesto de narrar deu possibilidade de imprimir sentido às experiências.

Como mencionado, cada instrutor agendou um momento particular para cada participante, com o intuito de gravar as histórias selecionadas. Optamos, para a gravação, por um espaço privativo fora do grupo, para que, a partir de sua história pessoal e os efeitos gerados pelos encontros, cada um pudesse seguir seu fluxo

próprio de pensamento, organizado apenas pelas breves pontuações dos instrutores. Cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido, de modo a autorizarem a publicização e publicação de suas histórias no livro. Após a gravação, as falas foram transcritas e revisadas pelos instrutores e participantes de modo a não ferir a intimidade e a privacidade daqueles que aparecem em suas memórias, mas preservando seus conteúdos simbólicos e sentidos. As biografias estão na terceira pessoa e os depoimentos na primeira pessoa.

Foi feita uma tentativa de organização dos depoimentos seguindo uma ordem cronológica, porém como os recordadores quiseram iniciar as histórias pela infância, esta organização caiu por terra.

Iniciamos com os dois depoimentos do casal Artur Colella e Maria Virginia, ambos interferem na narrativa do outro, tornando impossível desvincular suas histórias entrelaçadas há mais de 45 anos. Começamos por Artur, que desde cedo, enfrentou desafios que moldaram sua personalidade, sendo as suas características mais marcantes a responsabilidade, criatividade e persistência. Responsabilidade com a família, criatividade de se reinventar e buscar soluções em momentos de necessidade e persistência em conquistar o amor da sua vida. Infelizmente não registramos nenhuma de suas piadas, que nos fazia, além de rir, se impressionar com sua inteligência e sagacidade.

Maria Virginia Menconi Colella é uma mulher cujas memórias entrelaçam história pessoal e coletiva, revelando transformações sociais e culturais da cidade. Ela cresceu em uma Limeira marcada pelo desenvolvimento urbano e pelo convívio comunitário intenso, onde as ruas eram palco das brincadeiras infantis e da construção de laços familiares e de amizade. Casada com Artur Colella com quem teve três filhas, Maria Virginia transita em seu relato por momentos de alegria e superação, desde as recordações da infância simples até os desafios da maternidade e da luta pela saúde de sua filha Suelen. Com personalidade forte e determinação, ela também relata episódios marcantes em sua trajetória escolar e profissional, demonstrando resiliência diante das adversidades.

Em seguida do casal, registram-se as histórias de Otacílio Monteiro que é um homem de múltiplas facetas: escritor, casado, avô dedicado e apaixonado por música

e literatura. Nos encontros Otacílio nos emocionou com suas poesias. Em seu relato, conta histórias que revelam a vida rural, as transformações da cidade grande e a generosidade de relações familiares e educacionais. Em seu relato, emerge uma personalidade que celebra tanto a dor quanto a beleza do aprendizado, transformando vivências em versos e memórias em legado cultural.

Márcia Regina Sillman Hergert carrega em si a essência de uma vida marcada pela arte, filosofia e resistência. Sua trajetória é permeada por lembranças familiares profundas, como a conexão com o avô amoroso e a admiração pela avó forte, além de uma infância humilde que moldou seu olhar sensível para o mundo. Márcia encara a arte como uma extensão de si, um meio de protesto contra desigualdades, especialmente a violência contra as mulheres, expressando, em suas criações, uma mistura de dor, resistência e esperança. Com um espírito otimista e engajado, ela continua reinventando-se e plantando sementes de transformação social em tudo o que faz.

A trajetória de Zilda Abreu Silva é marcada pelo trabalho árduo desde a juventude, pela resiliência ao criar três filhos enquanto acompanhava a carreira militar do marido e por uma notável capacidade de adaptação. Atualmente, em Limeira, ela desfruta da tranquilidade conquistada, mantendo-se ativa. Entre suas pequenas alegrias, destaca-se o som do trem, que para ela representa progresso e novos caminhos.

Patricia gravou seu depoimento com sua fala que hora é em português, hora em espanhol e hora em “portunhol”, mas optou por traduzir sua fala para que todos conhecessem sua história. Seu depoimento é de uma mulher que não sabe explicar o porquê, mas que precisa de seu tempo sozinha e que preza muito por sua liberdade. Como mulher viajante, muitas vezes somente com as crianças, Patricia correu muitos riscos, mas também viveu muitas aventuras, se envolveu com as populações locais e carrega essa experiência consigo. Sua fala sobre as casas serem sepulturas das pessoas vivas se relaciona diretamente com a discussão que tivemos em sala sobre o trabalho doméstico.

Marcada por resiliência e intensidade, Pollyana Cristina Ribeiro tem uma vida repleta de histórias de amizade, amores, desafios e conquistas. Desde uma

adolescência repleta de aventuras ao lado de amigas que permanecem próximas até hoje, passando por momentos de rebeldia. Pollyana, determinada que é, encontrou na profissão de Agente Comunitário de Saúde e Psicóloga a realização de um sonho. Apesar de enfrentar um diagnóstico desafiador de câncer em estágio avançado, ela mantém uma visão positiva, transformando adversidades em motivação. Sua história inspira pela força, pela capacidade de reconstrução e pela lealdade às amizades.

São destas memórias que esse livro foi feito.

Após os depoimentos, apresentaremos algumas análises e considerações a partir de temas comuns que se entrelaçam com a memória e os territórios de vida dos depoentes, como forma de concluir este trabalho.

É preciso registrar que ele também é fruto da relação da UNICAMP com a cidade de Limeira e Campinas, não só de sua institucionalidade, mas a partir das vidas dos participantes, que tiveram parentes que atuaram na construção e consolidação da universidade e que estudaram nela. O Programa UniversIDADE, deste modo, se tornou uma oportunidade de acolher aqueles que já passaram por ou foram marcados pela UNICAMP, em um movimento de retorno e ressignificação. Ou como disse uma das depoentes, Márcia Hergert: “Além das memórias, a minha alma está feliz de estar de volta”.

Depoimentos

Artur Colella

Natural de São Paulo, capital, Artur nasceu no dia 20 de novembro de 1955. Tem uma irmã chamada Neusa Colella, seus pais são Anna Bortolani Colella e Francisco Colella, ambos já falecidos.

Mudou-se para Limeira em 1976, é casado com Maria Virginia e pai de três filhas: Rita de Cássia, Suelen Cristina e Giovana Andrea.

Formou-se em Direito em 2003 pela Unimep - Piracicaba. Em 2006, iniciou sua carreira como professor no ISCA Faculdades. Ao longo de quase 20 anos, contribuiu para a formação de aproximadamente 5.000 alunos nos cursos de Direito, Administração, Engenharia e Serviço Social.

Atualmente, exerce a profissão de advogado e possui um escritório próprio.

Vida profissional do Menino Artur

Minha vida profissional começou mais ou menos aos 10 anos, por causa de uma doença que meu pai teve que o impossibilitou de trabalhar.

Minha avó, também chamada Virginia, teve um papel importante na minha vida. Como meus pais trabalhavam muito, ela ajudou a criar minha irmã e eu. Minha mãe era muito esforçada. Ela era costureira e tinha um bazar, uma lojinha. Muitas vezes eu ia até São Paulo buscar material para vender: renda, fitinha, linha, botão, colchete de gancho, colchete de pressão, todos os tipos de aviamento para costura. Quando meu pai ficou doente, ela teve que cuidar da loja sozinha, além de costurar para fora. Aquilo me fez entender que eu precisava ajudar.

Eu precisei ajudar em casa e comecei vendendo limão na feira livre. Isso durou uns quatro ou cinco anos. A ideia surgiu porque eu ia para a feira com a minha mãe e via as pessoas vendendo limão e percebi que era algo que não precisava de tanto investimento nem de ponto fixo. Você não tinha nem que pagar um ponto para poder vender o limão. Simplesmente você ficava ali de pé ou andando na feira. Eu ficava em uma esquina, com saquinhos de limão.

Eu morava num bairro de São Paulo, na zona leste e eu ia buscar esse limão no mercado municipal, conhecido como mercadão lá no centro de São Paulo. O saco era muito pesado e eu era pequenininho, franzino, né? E era um saco de limão em torno de 60, 70 dúzias de limão. Eu dava um jeito de carregar até chegar no ponto de ônibus. Eu ficava sentado lá no fundo do ônibus e na viagem até a casa ia ensacando limão em embalagens pequenas de uma dúzia, para depois já tá pronto para o dia da feira ir vender na feira. Em uma ocasião, o ônibus deu uma brecada e o saco tombou dentro do ônibus. O piso todinho do ônibus ficou coberto de limão e todos os passageiros ajudaram a catar limão para colocar no saco. Todos tiveram dó de mim. Não sei se hoje fariam isso ou se alguém pegaria algum limão, mas eu também não conferi se estavam lá as 60 dúzias. Mas com certeza todos foram devolvidos. Foi bem cômico isso, porque o ônibus estava cheio, com a capacidade de umas 40, 50 pessoas, ônibus circular. E aí todo mundo ajudando a recolher o limão que estava tudo esparramado, acho que até na gaveta do cobrador tinha limão.

Depois desse período, comecei a vender revistas usadas, como fotonovelas, gibis de Zorro, Tarzan e Mandrake, livrinhos de romance e espionagem. Fiz isso por mais uns cinco anos. Na feira, conheci um amigo chamado Lazinho, que tinha uma barraquinha de revistas. Foi ele quem me incentivou a começar neste negócio. A gente comprava revistas por quilo ou recebia doações. Também oferecíamos trocas: as pessoas traziam 10 revistas e levavam cinco. Era muito aceito, especialmente pelas mulheres, que adoravam fotonovelas, Capricho, Ternura e Sétimo Céu.

Eu usava um carrinho de rolimã com uma caixinha atrás para carregar os limões e, depois, as revistas. Meu cachorrinho Brook, e depois a cachorrinha Tica, sempre ia comigo, sentado em cima do material. Eu descia as ladeiras até a feira, com eles na carrocinha.

Mais tarde, minha irmã casou com um argentino e foi morar na Argentina, o que deixou minha mãe e eu ainda mais próximos. Minha mãe foi uma mulher extraordinariamente esforçada. Ela não media esforços para que eu estudasse e tivesse um futuro melhor. Com esforço, me colocou no Colégio São José de Vila Matilde, um colégio de freiras. Lá fiz o curso de admissão e o ginásio. Lembro que todos os dias tínhamos que cantar o hino nacional no pátio, em formação. O respeito aos professores era importante: quando um professor entrava na sala, todos se levantavam e a gente não chamava o professor de tio, chamava o professor sempre pelo nome.

Havia momentos divertidos também. Tinha uma freira chamada Madre Ursulina, mas a gente a apelidou de “Madre Gasolina” porque ela dirigia um fusquinha. Às vezes, levantávamos a traseira do carro enquanto ela acelerava, sem sair do lugar. Ela ralhava, mas não conseguia ser brava. Em outra ocasião, atravessei a escola inteira, do ginásio, a parte do primário e depois a parte do dormitório das freiras. A escola era comprida, dava um quarteirão inteiro o comprimento. Atravessei tudo isso para tocar o sino da igreja durante a aula, plena 9 horas da manhã, estava eu lá batendo o sino da igreja. Meu pai foi chamado na escola por causa disso!

Terminei o ginásio e comecei a trabalhar em 1972. Meu primeiro emprego foi numa empresa onde aprendi muito. Trabalhei lá três anos e depois recebi um convite para outra empresa. Fiquei lá mais três anos e, então, fui para o Unibanco, no Parque

Dom Pedro, onde atuei no departamento pessoal por dois anos. Mais tarde, amigos da minha primeira empresa me convidaram para formar um escritório de assessoria em impostos. Trabalhei lá até 1976, quando vim para Limeira e conheci a Maria Virginia e tive a felicidade de me casar com ela.

Como minha mãe foi uma mulher extremamente esforçada, acredito que me encaminhou para um tipo de trabalho, do qual não nunca medi esforços do tempo que eu trabalho. De manhã, de tarde, de noite. Mesmo depois, quando acabei ficando e constituindo escritório aqui em Limeira.

Em 1998, a Virginia me incentivou a voltar pra faculdade, onde eu fui fazer o curso de Direito lá na Unimep.

Uma história de amor limeirense: dois anos de rosas misteriosas

Em novembro de 1976, vim para Limeira cumprir um contrato de serviço que tinha sido fechado em São Paulo com uma empresa chamada João e Waldomiro Mazutti. O contrato havia sido acertado em São Paulo, mas o trabalho precisava ser realizado aqui. Foi nessa época que conheci a Virginia.

E como conheci a Virginia? Bem, naqueles tempos, eu usava terno e gravata. Só que, ao chegar em Limeira, percebi que tinha esquecido minhas gravatas em casa. Para não andar de paletó sem gravata, porque eu não gostava, fui procurar onde comprar uma. Me informaram que na loja Mascote tinha. E foi lá que a conheci.

Fiquei um pouquinho interessado. Virginia era extremamente simpática, uma pessoa encantadora, como ainda é hoje e me chamou muito atenção isso. Em São Paulo não tinha mulher.

Decidi, então, que queria ficar por aqui. Conversei com meus sócios em São Paulo e propus sair da sociedade. Em troca, ofereci dois contratos de serviço que já estavam firmados aqui em Limeira: um com a Mazutti e outro com as Indústrias Emanuel Rocco. Com esses contratos, cobri minha parte na sociedade e assim fiquei livre para começar uma nova etapa em Limeira.

Aí eu acabei ficando por aqui, me estabeleci aqui, quer dizer, me estabeleci não, né? O meu escritório ficava no hotel, uma pensão. A princípio era o Hotel Joia

que ficava na esquina ali da rua 13 de maio. E depois eu fui para o Hotel dos Viajantes que fica perto da estação ferroviária.

Claro, um dos motivos mais fortes para eu ter ficado foi a Virginia. Mas também vi muito potencial em Limeira. Era uma cidade industrial, com grandes empresas, como a Companhia Prada, Freios Vargas, Rockwell, Fumagalli... Prestei serviço para praticamente todas as grandes indústrias da região.

Naqueles primeiros anos, eu fazia de tudo para me aproximar da Virginia. Passei a enviar flores para ela. Todos os dias, comprava uma rosa em uma floricultura e pedia para um menino chamado Gilmar levar até ela. Ele nunca dizia quem enviava. Esse mistério durou cerca de dois anos.

Sempre que eu queria vê-la, ia até a loja comprar alguma coisa. Sabonetes Alma de Flores e Maja, cueca, meia, lenço... Muitas vezes eu nem precisava daquilo, mas inventava uma desculpa para ir.

Um dia, passando em frente à loja, vi Virginia na porta e quis fazer graça. Fiz um tchauzinho e, distraído, acabei batendo na traseira de um carro. O meu Galaxy, que era enorme, quase um caminhão, bateu num Corcel. O dono era um senhor grandalhão. Não tive escolha: me comprometi a arrumar o carro dele e fui com ele ao funileiro.

Eu também tentava segui-la na rua para encontrar uma oportunidade de conversar, mas ela sempre “sumia”.

Dona Maria Virginia explica: “Eu morava na Vila Castelar, perto do Bom Jesus. Quando chegava na Rua Dr. Trajano, subia uma rua que era contramão e ele me perdia ali. Eu achava que ele estava me seguindo, mas acho que ele só queria me acompanhar. Fiquei com medo, porque nessa época já tinham essas histórias de homens pegando mulheres e colocando no carro. Um dia, eu virei para subir e chamei: ‘Piscil!’ Ele parou e foi quando a gente começou a conversar”.

No dia que ela me chamou eu me senti bastante feliz de estar conversando com ela fora da loja, porque por mais que eu conversasse com ela, era dentro da lojinha, era o assunto do que eu ia comprar. Eu fiquei bastante feliz, me senti bastante interessado em ficar lá conversando o máximo de tempo possível, procurando ter uma

conversa agradável, não ser um cara chato. Eu não tinha consciência de que era tímido, mas eu me achava sempre um galã.

Dona Maria Virginia complementa: “É que Artur se vestia muito bem, né? De cabelo grisalho. Já tinha cabelo grisalho com 20 e poucos anos. Chamava atenção, né? Então, mas assim, no começo não me chamou atenção. Eu atendi o Artur como um cliente porque lá ia muito homem. Tanto de qualquer idade. Uns brincavam com a gente, né? Que já conhecia a família da gente, alguma coisa e outros não. Então, a gente atendia normal, entendeu? Assim como uma profissional. Mesmo porque eu sempre falava que eu não queria casar. Sempre em casa eu falava: “Ah, não vou casar não. Ah, acho que não vou casar, não quero casar”. Então, para mim, era mais um cliente que estava entrando na loja. Nós namoramos um ano e 9 meses, mas antes uns 2 anos foi assim, sabe? Porque ele não resolvia e eu também estava vendo ele como cliente”.

Teve uma época em que precisei ir ao Rio de Janeiro por causa de um trabalho em Resende. Fiquei cerca de seis a oito meses por lá, voltando para São Paulo apenas nos fins de semana, quando dava, para ver minha mãe.

Sobre isso, Dona Maria Virginia comenta: “Por isso que eu também não ligava porque eu achava que o Artur era casado em São Paulo, entendeu? E depois ele sumiu. Ele com os amigos dele que trabalhavam em Limeira, ficavam na Kraide, era uma loja que também tinha roupa de homem. E eles ficavam na porta quando eu passava, porque eu tinha uma amiga que morava na frente da São Benedito, as duas trabalhavam na mesma loja e meu patrão morava ali perto do Grupo Brasil e a gente ia junto, à tarde. E ele estava sempre lá na loja, não todo dia, mas na loja parado lá e esperando a gente passar. Eu acho que ele estava esperando a gente passar. E eu passava assim e meu patrão sempre falava: “Ó lá o cara lá, ó lá o cara”. Porque quando ele vinha comprar as coisas e às vezes ele demorava um pouco, a gente ganhava por comissão. Eu falava com meu patrão quando ele ia embora: “Ai, cara, demora, né, para escolher uma coisa” e o meu patrão falava ‘Água mole em pedra dura sempre bate até que fura”.

Quando saí do Hotel dos Viajantes, juntamente com alguns amigos que eu fiz, fomos morar numa casa alugada, a Casa do Jesus, que era o nome do dono. Essa

casa era na rua Dr. Trajano, em frente ao Dr. Pacheco. Então eles gozavam, a gente acabou transformando numa república, mas era só casado, velho, não era universitário.

Os meninos foram embora, nós nos casamos em 1980 e continuamos morando lá.

Dona Maria Virginia conta: “Nós moramos lá um ano e pouquinho, né? Eu estava grávida da Rita de Cássia e eu achava que era muito barulhento lá. E fomos morar num lugar mais barulhento. Fomos morar na Rua Frederico Ozanan, que é perto lá no Gran. Nem imaginei que ali poderia ter baile, as coisas, entende? A noite era um barulhão. Do Jardim Mercedes nós fomos para perto da Igreja São Benedito, depois fomos pra nossa casa definitivamente no Jardim Caieiras.

Construímos nossa vida juntos e tivemos três filhas.

Maria Virginia Menconi Colella

Maria Virginia Menconi Colella é nascida e criada em Limeira, veio ao mundo no dia 13 de agosto de 1952. É filha de Jacobe Menconi e Rosa Scheicher Menconi e tem seis irmãos, sendo quatro mulheres e dois homens. É mãe de três filhas, fruto de seu casamento com Artur Colella.

— Nasci na Rua Duque de Caxias e ali morei até os 8 anos — ela conta. — Eu vi fazerem a rede de esgoto da Rua Duque de Caxias.

Na época, Limeira era bem diferente: — Não existia nada aqui. Limeira era o centro, a Rua Duque de Caxias, o jardim todo... A catedral nem era catedral, era a igreja de Nossa Senhora das Dores. Perto da minha casa tinha a Igreja da Boa Morte, a uns dois ou três quarteirões. Também tinha o começo da Boa Vista e da Vila Camargo, mas eram só umas três ruas. O restante era tudo fazenda, principalmente canaviais.

Ela recorda o bairro onde está a UNICAMP: — Aqui no Jardim Piratininga era tudo cana-de-açúcar. Só tinha a capelinha de Santa Rita, e depois eu casei lá, porque queria me casar numa capelinha. Nós éramos devotos de Santa Rita e foi por isso que minha filha também recebeu o nome de Rita de Cássia.

Depois do casamento, as coisas começaram a mudar, mas ainda havia muito mato. — Quando nos casamos, já não era tanto, mas até o semáforo de quatro fases que tem aqui subindo, mais ou menos até ali, ainda era tudo mato. Hoje é bem diferente, mas na época só havia o Morro Azul. Quando o Morro Azul foi construído, estava passando a novela “Redenção”. Por causa disso, começaram a chamá-lo de Redenção. As pessoas tinham vergonha de morar lá porque era uma área humilde. Só anos depois, com a construção da Unicamp, o lugar passou a ser valorizado.

Ela também fala sobre sua época de estudos no ISCA: — Quando eu estudei lá, era quase tudo mato. Tinha só quatro ou cinco salas, o resto era canavial.

Maria Virginia cursou Serviço Social no ISCA, mas não concluiu o curso. — Fiz até o terceiro ano, porque depois casei e tive uma briga feia com um professor. Ele era insuportável. Olhava para mim e dizia: "Você veio aqui só para namorar". E eu nem estava pensando nisso! Qualquer coisa que eu fazia, ele implicava.

Certa vez, ela questionou o método dele de avaliar as provas. — Perguntei como ele dava as notas. Ele respondeu que sentava na cadeira e jogava as provas: as que caíssem perto da janela valiam X, e as que caíssem perto da porta, Y. Falei: "Então a minha cai errado". Aí perdi a paciência. Empurrei a mesa dele, soquei-o contra a parede e nunca mais entrei na aula dele.

A atitude firme dela não era isolada. — Ele brigou com outros alunos também. Até com um amigo do Artur, que estudou lá anos depois. Segundo Virginia esse professor era realmente difícil de lidar.

Infância e adolescência no Centro de Limeira

Ali na Rua Duque de Caxias era tudo casal novo que ia tendo criança. Tinha uma casa com cinco filhos, outra com oito. E a gente brincava muito na rua, tanto os meninos como as meninas. Naquele tempo tinha a Humanitária³ que ainda existe, a sala de operação era no porão e na janela ficava aquele cheiro de éter. As crianças paravam lá só para sentir o cheiro.

A gente tinha medo de passar na frente da Maçonaria porque diziam que lá tinha um bode que soltava fogo pela boca. Eu dava uma volta imensa para ir na casa de uma tia minha, que era bem pertinho. Se saísse de casa, bastava andar um quarteirão e meio, mas eu ia pelo outro lado porque ninguém passava na frente da Maçonaria. Não era só eu; até os adultos não passavam. Criou-se essa história aqui em Limeira e até hoje tem gente que fala disso. Como eles não contam o que acontece lá dentro, a gente sempre teve medo.

Quando eu era pequenininha, com 4 ou 5 anos, eu ia buscar pão na padaria do lote, perto da igreja Boa Morte. Todo dia, porque a gente não comia sem pão. Na hora do almoço tinha que ter pão e à tarde também. Eu ia duas vezes por dia com a sacolinha. Eu também buscava carne. A padaria e o açougue ficavam na Rua 13 de Maio.

Era uma infância muito gostosa. Toda casa tinha pé de alguma fruta e você podia subir, pegar. Podia entrar na casa do vizinho sem problema. Às vezes a gente conversava um pouco, outras vezes não. Era normal encontrar café, bolo na mesa, e você comia ali mesmo. Todo mundo era uma família, não existia essa coisa de “minha casa, meus filhos”; era tudo junto.

Eu comecei no parquinho⁴ do Grupo Brasil, fiquei só uns seis meses e já passei para a escola. Estudei até o quarto ano lá. Depois fui para o Industrial, que hoje é o Trajano. Lá aprendi muito, muito, muito, muito. Tudo que sei até hoje. A escola era excelente, mas só tinha até a quarta série, que hoje seria a oitava. Então, passei para o Castelo Branco e estudei lá por dois anos.

³ Se refere ao Hospital Humanitária que existe na cidade de Limeira desde 1936.

⁴ Algumas pessoas chamavam a série pré-escolar de parquinho.

Depois abriu a escola da Vila Pisa, mas não tinha alunos suficientes. Então, nosso terceiro ano foi transferido para lá. Terminei o colegial na Vila Pisa.

No Grupo Brasil, a gente teve a dona Olga Forster, que ia lá uma vez por semana para ensinar as meninas como deviam se comportar. Ela ensinava os meninos também, mas focava mais nas meninas. Olha, aprendi muito com ela, foi uma senhora muito boa. Ela era uma mulher muito chique, ensinava tudo, até como sentar e como comer à mesa. E falava abertamente, se você estivesse sujo ou sem tomar banho, ela dizia na hora. Ela era muito elegante. Eu amava ver aquelas roupas e bolsas dela. Eu era pequenininha, bem magrinha e ficava olhando para ela, pensando: *Um dia quero ser como ela*. Achava muito legal o jeito dela.

No Industrial, tive aulas com a professora de música, a dona Dyrceia Ricci Ciarrochi. Era uma delícia a aula dela, porque era uma disciplina. A escola Industrial era muito linda e muito limpa e lá aprendemos a respeitar de verdade. Já respeitávamos antes, mas lá foi muito mais. Dona Dyrceia ensinava música muito bem e, inclusive, foi a autora do hino de Limeira. Ela tinha um apito e, quando a gente não ficava quieto, botava o apito na boca. Lá também aprendi dietética⁵, puericultura⁶ e cozinha, uso tudo até hoje. Minha professora de culinária era uma graça e eu aprendi a fazer muita comida com ela. Foi muito, muito legal.

No fim, quando eu estava na terceira série, o Cotil⁷ foi para a nossa escola porque ele tinha acabado de começar e não tinha lugar próprio ainda. Começaram a servir almoço lá, já que tinha aluno de fora que precisava almoçar. E o almoço era uma delícia, bem baratinho. A gente podia comer, mas eu só comia uma vez por semana, porque primeiro eu não tinha dinheiro e depois porque, uma vez por semana, acho que era de quarta, ficávamos o dia todo na escola.

Foi muito legal. Os rapazes começaram a namorar todas as meninas e muitos casaram, viu? Porque eram alunos da terceira e quarta série, já bem maiores.

⁵ Dietética é a aplicação prática dos conhecimentos de nutrição (Dietética, 2024).

⁶ “A puericultura, em toda a sua história, sempre representou um conjunto de ações em saúde e a postura voltada para o cuidado da criança” (Albernaz; Couto, 2022, p. 245).

⁷ Colégio Técnico de Limeira pertencente à Universidade Estadual de Campinas.

Quando passei para a escola da Vila Pisa, naquela época, não tinha nada, nós fomos os primeiros alunos dessa época. Para chegar na escola, você passava pela Boa Vista, onde tinha um jardinzinho; depois era só cana. Tinha um posto de gasolina, e até chegar na escola era tudo cana também.

Anos depois, decidi voltar a estudar. Fiz a prova no ISCA⁸ para Serviço Social e passei. Estudei dois anos e meio lá enquanto trabalhava e estudava à noite. Mas depois de casada, parei de estudar.

Passei num concurso para inspetora de aluno do Estado. Quando a Rita de Cássia nasceu, naquele tempo não tinha berçário e eu não tinha com quem deixá-la. O diretor, que era de Rio Claro e muito bondoso, sugeriu que eu a levasse comigo. Ele disse: “Você trabalha de manhã e à noite ela fica com seu marido”. Tenho certeza que isso ia funcionar muito bem, mas depois ele foi transferido e uma nova diretora assumiu. Ela não deixou de jeito nenhum. Disse que eu estava louca de querer levar minha filha.

Eu pedi exoneração porque ela não facilitou nada. Tentei até deixar a Rita com minha mãe, mas ela chorava muito, era recém-nascida. Não dava. Até hoje, penso como foi injusto. Não só comigo, mas com todo mundo. Essa diretora tratava todo mundo mal. Graças a Deus, ela já morreu e eu espero que esteja num lugar bem ruim. Não vou fingir que gostava dela só porque morreu.

Minha família era sócia do Limeira Clube, porque meu pai foi um dos sócios-fundadores. Quando eu tinha 16 ou 17 anos, não perdia um carnaval. Tinha que ir com meus irmãos porque eu ainda não tinha 18 anos. Depois, comecei a trabalhar na Mascote e, mesmo assim, aproveitava os quatro dias de carnaval e ia trabalhar dormindo. Para ir na matinê, eu pegava minha sobrinha, porque você tinha que levar uma criança aquele tempo porque era de criança. Tinha samba, marchinha, essas bem antigas que até hoje às vezes canta.

No carnaval, usavam lança-perfume no salão, colocava no lenço, mas as pessoas ficavam normais. Ninguém exagerava. Todo mundo se divertia. Tomava uma

⁸ Instituto Superior de Ciências Aplicadas – ISCA foi uma instituição de ensino superior localizada em Limeira e fundado em 1970 (Instituto Superior de Ciências Aplicadas, 2023).

Grapette, porque a Coca-Cola era difícil. Também tínhamos uma fábrica de guaraná na cidade, então era mais comum tomar guaraná.

Meu avô morava na Rua Senador Vergueiro, pertinho do jardim e tinha uma fábrica de vinagre, vinho e groselha. Ele dava groselha pra gente, mas o vinho era só para os adultos. Até hoje lembro da groselha, que era a melhor do mundo. Era pura, saía direto da torneirinha do tonel. Até fico com raiva dessas groselhas de hoje, que não chegam nem perto daquele sabor.

Em maio, a igreja levava Nossa Senhora de casa em casa. Fazia-se o terço, e depois tinha confraternização. Minha mãe deixava a gente tomar um pouquinho de licor de cacau, só uma lambidinha. Isso era uma alegria. Cada dia Nossa Senhora ia para uma casa. Todo mundo participava: homens, mulheres, crianças. Agora é diferente. A imagem fica o dia todo na casa e só a família reza.

Senhor Artur comenta: “Daqui a pouco vão fazer virtualmente”.

A Nossa Senhora ia na rua toda assim. Porque naquele tempo, não tinha crente aqui, era tudo católico. Eu lembro da primeira igreja evangélica que veio para Limeira, era a Igreja Quadrangular. O cônego falava para a gente não passar na frente, porque lá tinha o diabo. Eles começaram com uma lona de circo perto do mercadão. Hoje, a igreja é enorme e muito famosa. Mas naquela época, era só o casal fundador. Foi a primeira igreja que conheci que não era católica. Isso foi por volta de 1955 ou 1958.

Conclusão da história de amor limeirense

Ah, então ele não contou que, depois que a gente casou, no primeiro dia passamos fome. Juro, bem. Comemos pão com mortadela e tubaína. A gente casou, ninguém deu nada pra gente. Ficamos cumprimentando as pessoas, isso, aquilo e esquecemos de comer. Fomos embora de viagem e dormimos em Campinas. Só no dia seguinte tomamos um café da manhã legal. Depois seguimos para Caraguá. Minha sogra tinha dito que o compadre dela tinha uma casa muito boa lá, que estaria tudo arrumado para nós.

Quando chegamos, nem precisávamos descer para ver a casa, de tão porcária que era. Sorte que tínhamos levado um pouco de dinheiro. Então, ficamos em um hotel, que era muito lindo, maravilhoso. Mas, como marinheiros de primeira viagem,

esquecemos de perguntar se tinha almoço e janta. Quando a noite chegou, não tinha janta no hotel. O Artur saiu para procurar alguma coisa e encontrou um barzinho, uma vendinha, porque estávamos morrendo de fome. Olha quanto tempo sem comer! Só tínhamos tomado café da manhã. Ele voltou com pão com mortadela, que era o que tinha, e tubaína. Nossa, foi uma festa, com a fome que estávamos!

De manhã, tomamos café e finalmente perguntamos se tinha almoço e janta no hotel. Disseram que não tinha. Aí falei pro Artur: “Olha, vamos sair para outro hotel”. Este ficava meio na praia, sabe? Então, disse: “Vamos para a cidade. No primeiro hotel que a gente passar e estiver cheirando comida, a gente vai ficar”. E foi isso que fizemos.

Até hoje, quando vou em casamento, fico de olho para ver se os noivos estão comendo. Porque essa história ficou marcada, sabe?

A bebê com problema no coração

Nós tivemos a Rita de Cássia e, depois, a Suelen, que nasceu um ano e pouco depois. Quando fui ter a Suelen, passei muito mal. Na hora da anestesia, me deram a dose errada. Eu sumi, “morri”. Não vi a Suelen nascer, não vi nada. Só fui conhecê-la um dia depois.

Eu falo que, se morrer for assim, é ótimo, porque você não sente nada. Mas, quando a Suelen tinha 19 dias, algo aconteceu. Ninguém tinha percebido nada antes. Fui dar mamá para ela e ela ficou toda roxinha. Eu estava na casa da minha mãe e ela disse: “É porque ela é muito branquinha, né?”. Ela ficou roxa na bochecha e embaixo do nariz. Falei: “Não, não tá certo”. Artur não estava em casa, estava em São Paulo. Então, meu irmão me ajudou a levá-la ao hospital. Foi lá que descobrimos que a Suelen tinha um problema no coração: estreitamento da veia aorta. O médico disse que eu ia perdê-la. Eu não me conformava com isso, eles falavam que ela não ia crescer, que não ia viver.

Um dia, assistindo à TV Cultura, vi uma entrevista com o Dr. Adib Jatene, já falecido. Naquele momento, disse para o Artur: “Se não for esse médico a operar a Suelen, nenhum outro vai”. E falei para Deus também: “O Senhor me deu, o Senhor sabe o dia que vai tirar minha filha”.

Durante 10 anos, levamos a Suelen para acompanhamento com o Dr. Adib. Ele dizia que era cedo para operar, que ela era muito pequena, explicou que naquela época o cateterismo estava começando a ser feito, mas poderia estourar a veia e piorar tudo. Quando ela completou 10 anos, ele nos disse que não podia mais esperar. Foi um baque para nós.

O Dr. Adib era um homem incrível, com mãos enormes. Até hoje, falo que acho que ele tem a mão grandona para enfiar a mão assim, tirar o coração, operar, fazer o que tem que fazer, que Deus já tinha dado para ele aquela mão. Quando ele nos falou o preço da cirurgia, que era em dólares, eu disse: “Doutor, nós não temos esse dinheiro”. Durante anos, havíamos comprado coisas para vender e juntar dinheiro, mesmo assim não seria suficiente. Ele então respondeu: “Não vou cobrar nada de vocês. Vocês só pagarão o hospital e o anestesista, porque isso não tem como evitar”. Ele não cobrou mesmo, foi um anjo em nossas vidas.

A cirurgia foi um sucesso e a Suelen, que hoje tem 42 anos, nunca mais teve problema algum. Nunca teve nada, nunca tomou remédio depois da operação. É linda, maravilhosa. Ela é mesmo, sabe? Foi uma passagem da minha vida que eu não esqueço até hoje. Foi muito triste para mim, mas tá aí, tá viva.

Durante aqueles 10 anos, tudo o que ela quis fazer, eu deixei. Ballet, inglês, excursões escolares..., mas sempre com medo. Eu pedia para a Giovana, minha filha mais nova, olhar por ela: “Vê se está tudo bem com a Suelen”. Até hoje, as duas são muito amigas e a Giovana continua cuidando da irmã.

Na época, o Dr. Adib descobriu que poderia fazer uma única cirurgia, mesmo com estreitamentos em dois lugares na veia aorta. Ele fez tudo o que podia e falo que ele foi tudo para mim.

Lembro que, antes de conhecer o Dr. Adib, fomos indicados a um médico na Beneficência Portuguesa. Ele nos atendeu com descaso e sugeriu operar no dia seguinte, sem sequer ter feito exames. Não me conformei. Como alguém opera uma criança de quatro ou cinco meses sem nenhuma avaliação?

A gente chegou a levar ela em Campinas também. *O Senhor Artur complementa: “Fizemos um longo período de tratamento em Campinas. O médico de*

lá disse que não tinha condições de fazer mais nada, que a gente deveria procurar em São Paulo. E aí quando ela viu essa entrevista do Dr. Adib Jatene na televisão, eu falei: ‘Bom, vamos lá ver’”.

Nós fomos no hospital do coração, *segundo o Senhor Artur “nós marcamos uma consulta, até o valor da consulta era mais ou menos o que a gente pagava aqui com o pediatra. Que a gente imaginava que ia ser algo astronômico. Aí começamos a ir lá periodicamente fazer o acompanhamento”.*

Nós passávamos o dia inteiro lá no hospital. Ele operava durante o dia e atendia depois, mesmo que fosse tarde da noite. Às vezes, nos recebia às 9 ou 10 horas da noite. A filha dele, que também é cardiologista, passou a acompanhar a Suelen depois da cirurgia.

Mas assim, eu acho que Deus botou um anjo na minha vida e ele foi um anjo mesmo. E eu tinha uma confiança nele assim, tremenda. Ele era imenso, alto assim, de bigode. Falava muito bem. Quando ele dava a mão para mim, eu não me conformava com a mão dele e até hoje eu vejo aquela mão.

Após a operação, Suelen ficou com uma cicatriz no peito. Eu me preocupava com o que os outros diriam na escola, mas sempre a incentivei a ter orgulho disso. Dizia: “Essa cicatriz é a maior glória da sua vida. É aqui que está a sua vida”. Ela incorporou isso e, até hoje, diz com orgulho: “Isso aqui é minha vida”.

Hoje, olhando para trás, vejo que foi uma experiência que marcou profundamente nossa família. Eu casei aos 27 anos e tive a Suelen aos 30. Nunca imaginei que uma criança pudesse nascer com um problema no coração. Foi um baque para mim e eu perdi mesmo. Perdi e ganhei porque ganhei experiência, 10 anos na minha vida. Durante aqueles 10 anos, minha vida girava em torno dela.

Mesmo assim, sempre tratamos todas as nossas filhas com o mesmo amor e atenção. Foi um período difícil, mas sou grata por ter encontrado o Dr. Adib Jatene, um verdadeiro anjo enviado por Deus. A Suelen está bem hoje e essa é uma bênção na minha vida.

Otacílio Monteiro

Otacílio Cesar Monteiro nasceu em Araraquara/SP no dia 10 de maio de 1962 e reside em Limeira desde 1970.

Jornalista, poeta e compositor, é casado com Silvia Helena Furlan. É avô-coruja de quatro lindos netos e gosta de música, literatura e futebol.

Chega de Saudade

Um dos assuntos que o grupo abordou foi a questão da memória musical. Depois de várias fases em que muitas músicas marcaram a minha vida, cheguei a um momento, alguns anos atrás, em que defini que a música mais marcante mesmo é “Chega de Saudade”, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, na interpretação de João Gilberto. Até hoje essa canção me conta novidades e, ao mesmo tempo, me transporta à infância, em lembranças embaçadas pelo tempo e certamente aumentadas pela lente infantil. Eu poderia dizer que se eu fosse escolher uma única música seria “Chega de saudade”.

Tem um motivo especial para essa escolha, além da qualidade da canção, que toda vez que eu ouço, sempre, sempre tem algo novo. Por mais que você ouça, sempre parece que a música apresenta uma novidade. Tem uma coisa pessoal aí que eu herdei de um primo. Eu nasci em 1962 e, até os oito anos de idade, morei na Zona Rural de Araraquara. Na Usina Tamoio, mais especificamente numa seção da usina que se chamava Jacaré, onde morei até os seis anos, mudando depois para outra seção da Usina Tamoio e, posteriormente, vindo para Limeira.

Quando eu estava lá na usina, na seção Jacaré da Usina Tamoio, 99% dos homens e muitas mulheres eram cortadores de cana. Um lugar rústico que tinha seu charme caipira, plantações mal planejadas, mas frutíferas, seu campinho de futebol, seus porcos e galinhas, os invasivos eucaliptos, os bambuzais e um bom tanto de mata preservada, com onças, capivaras, antas, tatus e muitos outros animais.

Morávamos em uma casa pequena, éramos nove pessoas morando em quatro cômodos. Minha avó paterna, meus pais, eu, meus quatro irmãos e o primo Luís, que viera morar ali ainda pequeno, porque os pais deles haviam se separado, o que era muito raro na época. Um dia, o Luís teve uma convulsão e caiu sobre uma panela no fogão a lenha. Ou será que ele passou a ter convulsões devido a esse acidente? O que sabemos é que a água fervente causou grandes ferimentos no seu peito. E ele passou a ter convulsões com uma certa frequência, ficando inválido para um trabalho bruto como cortador de cana ou similar, inclusive em razão da pele que ficou muito fina e sempre apresentava grandes feridas, sendo complexo de se tratar, principalmente naquela situação em que vivíamos.

Isso aconteceu com esse meu primo quando ele tinha dez, onze anos, e quando ele chegou na idade de trabalhar, foi parar no escritório. Então, ele era a única

pessoa do nosso entorno a trabalhar no escritório, junto ao administrador, e o restante era o pessoal que trabalhava no trabalho pesado como cortador. E também, talvez em função disso, ele ficava muito recolhido em casa. Lia muito e ouvia músicas diferentes, porque a maioria das pessoas ouvia música sertaneja.

Eu lembro que meu pai tinha muitos discos em casa, sertanejo. E o Luís trazia músicas bossa nova, que é o caso de “Chega de Saudade”, samba, boleros e até rock, que estava começando na época, e eu lembro um pouco daqueles bolachões⁹. Mas depois, pela história que meus pais e irmãos contam com os retalhos, a gente foi pegando. Hoje eu sei que a primeira vez que eu ouvi o “Chega de Saudade” foi um disco trazido pelo meu primo, como também livros que eu nem sabia ler ainda, mas eram um objeto diferente dentro da minha casa. Esses livros foram, a maioria deles, trazidos pelo meu primo, que se tornou um personagem icônico na família. Por esse aspecto mais intelectual, vamos dizer assim, além de trazer um conhecimento cultural diferente.

Ele adoeceu mais e acabou falecendo. Eu ainda era criança; devia estar com sete para oito anos quando ele faleceu. Inclusive muito novo, ele tinha 30 e poucos anos quando faleceu, mas ficou na memória da família. É muito forte essa imagem dele.

De alguns anos para cá, refletindo, eu falei “Puxa vida, por que eu gosto tanto dessa música?” Aí eu lembrei, me veio uma vaga lembrança do passado, me veio aquele disco. Até pouco tempo tinha na minha casa e hoje não tem mais, não sei como sumiu. Me veio essa lembrança. Também acredito que muito dessa minha vontade de escrever e de gostar muito de música, principalmente das letras, eu deva, no caso, a ele também. Inclusive, o pai dele era um grande violonista, tocava e cantava muito bem seresta e, principalmente, música sertaneja. Ele realmente tocava muito bem. Tanto que ele chegou a tocar na rádio. Na época, o canal era as rádios, né? Então ele era convidado para acompanhar músicos na rádio e era um músico de verdade mesmo. Eu acredito que foram esses caras que me deram essa referência para depois ser um escritor e, principalmente, letrista.

Eu me lembro que escrevi o primeiro poema, na verdade a primeira paródia, uma letra de música sobre outra, com 11 anos. Logo depois, comecei a escrever os poemas. Faço prosa também, mas muito pouco. Talvez 90% da minha produção seja

⁹ Forma coloquial de se referir aos discos de vinil.

em poesia. Tem um pouco de conto, crônica e um romance começado que pretendo terminar em algum momento.

Eu lembro de um livro que o Luís trouxe que chamava atenção pela cor vermelha da capa, bem chamativa. Não vou saber dizer qual livro era. Ele trazia muito gibi, gibi do Fantasma, do Mandrake, que eram os caras legais daquela época. O meu irmão mais velho sempre gostou muito de ler também e trazia muita história em quadrinhos. O “Chega de Saudade” tem muito a ver com tudo isso.

Entre cidades, escolas e lições de vida

Quando eu tinha oito anos, nós nos mudamos para Limeira. E eu não tinha nenhuma referência de cidade. Tinha ido apenas uma vez, quando morava na usina, para a cidade de Araraquara, ao médico. Se fui outras vezes, não me lembro. A única vez que eu me lembro perfeitamente foi dessa ida ao médico, e foi uma novidade andar de carro, de ônibus. Tudo era realmente novo para mim!

Nessa época eu estava morando numa seção da Usina Tamoio, lá de Araraquara, que se chamava Bela Vista, e nos mudamos para Limeira. Eu não sei se minha mãe ou meu pai foi à escola e acertou, viu lá que tinha uma vaga no Grupo Brasil, que era muito próximo da minha casa. Eram dez minutos a pé, pertinho mesmo. Minha casa era na Vila Glória, perto da indústria Zacarias, uma indústria antiga. E aí, dez minutos a pé da minha rua, já estava no Brasil. Minha mãe conversou com os vizinhos e viu que várias crianças do bairro estudavam lá. Então, ela não me acompanhou no primeiro dia de aula:

“Você vai com os colegas aí”.

Só que, quando chegou lá, tinha que oficializar a inscrição. Então, havia uma fila enorme de crianças, a secretária já estressada. Chegou a minha vez da matrícula, ela perguntou meu nome. Eu só sabia o primeiro, né? Otacílio! Mas eu devia ter algum documento em mãos porque deu tudo certo. Ela perguntou endereço: “Não sei”. Ela perguntou: “Mas de onde você veio?”. “Olha, vim da Bela Vista”.

“Mas é aqui em Limeira?”

“Não, eu vim da Bela Vista aqui pra Limeira.”

“Mas onde é que fica?”

Ela começou a ficar nervosa. Hoje até admito que com razão, mas não teve a delicadeza, a empatia que geralmente se tem hoje, porque hoje existe também

atendimento ruim, mas há treinamento. Com boa vontade também se aprende com tudo. Mas era, não nos esqueçamos, 1970, época de ditadura. Então, ninguém estava preocupado em ser delicado com criança. Aí ela falou:

“Você não sabe de onde veio? Vamos colocar aqui Piracicaba!”

E aí deve ter ficado, nos registros do Grupo Brasil, a minha cidade de origem como sendo Piracicaba. Eu tenho uma curiosidade; até preciso um dia perguntar lá na escola sobre isso. Deve existir uma ficha. Talvez esteja já no arquivo morto e seja difícil de resgatar. É provável que tenha ficado lá como Piracicaba. Também preciso até perguntar para minha mãe. Talvez a minha mãe tenha levado meus documentos no primeiro dia e depois tenham feito uma checagem e visto que não, não era Piracicaba, era Araraquara. Mas não acredito que tenha havido esse cuidado, não. Acho que ficou lá como Piracicaba. E isso é curioso até para mostrar uma época diferente. Hoje é tudo informatizado, na época tinha uma fichinha ali, era tudo a lápis. Só as crianças lá, sem um adulto para ajudar. Eu fiquei muito tempo chateado com a situação, mas admito que tivemos sorte. Foram quatro anos muito bons e uma escola muito boa. Exceto por essa situação, ao mesmo tempo hilária e dramática. Eu me lembro perfeitamente que foi traumatizante, eu em estado de choque, sem saber o que responder. E a pessoa insistindo e gritando até. Essas coisas marcam negativamente.

Essa história eu contei para pouca gente. E, depois de muito tempo, ao conhecer Piracicaba, vi que, pelo menos, ela colocara uma bela cidade. É uma das cidades que eu brinco que, se eu tivesse que sair de Limeira, teria muito prazer em morar. Gosto muito de Piracicaba, eu gosto demais. Tenho ido pouco e perdi vários contatos, mas durante um período, por causa da literatura, eu fui muito para Piracicaba, fiz muito intercâmbio com escritores de lá e me apaixonei pela cidade.

E eu fiz Unimep também; estudei lá, embora tenha feito no Taquaral e tenha se tornado o período em que menos fui ao centro de Piracicaba, pois o campus ficava muito distante. Mas houve outros períodos em que fui bastante e participei de muitos eventos literários e musicais. Piracicaba é como um centro cultural da região. É um cenário muito bom. Valoriza muito a cultura, preserva muito a identidade local. Tem uma história muito arraigada, muito forte.

A régua, o piano e a generosidade

Agora, a história da Régua foi em outra escola, no Trajano Camargo. Eu já estava estudando no ginásial. Acredito que tenha sido na sexta série ou na sétima, 1975 ou 76.

Nós tínhamos uma professora a quem, inclusive, fiz um poema no livro que escrevi recentemente sobre Limeira¹⁰. Ela se chamava Dyrceia Ricci Ciarrochi, a dona Dyrceia. Agora ela é um ícone porque é a autora da melodia do Hino a Limeira. Hoje, é falecida, mas na época, ela abria as aulas ao piano; era um luxo. Era uma coisa meio que inimaginável hoje. Nós entrávamos no anfiteatro do Trajano Camargo, ela colocava todos na primeira fila, perto dela e, sentada ao piano, tocava o Hino a Limeira e o Hino Nacional e nós cantávamos. Isso é fantástico! Na época, a gente não tinha a dimensão do que significava aquilo. Estávamos ali, com a autora do hino da nossa cidade!

Um dia, ela explicava alguma coisa sobre música, que era o forte de suas aulas. A matéria era Educação artística e ela falava de vários, vários assuntos, mas o principal era música. Naquele dia, enquanto ela falava eu estava assobiando, batucando com a régua na carteira, mas era uma régua especial, uma Desetec, utilizada nas aulas de Desenho técnico, grossa pra caramba, cara!

Eu não precisava daquela régua especificamente para as minhas atividades, só achei bonita e tal. Tinha aula de Desenho técnico, mas o professor não exigia que comprássemos, porque era mais cara. Havia os esquadros que o pessoal mais simples tinha, que eram fininhos e havia os super esquadros e tal. Tudo era de acordo com o poder aquisitivo.

Eu não tinha dinheiro, não trabalhava, mas meu irmão já trabalhava. E eu pedi a régua emprestada, ele me emprestou. Era tão cuidadoso esse menino... E lá estava eu, batucando e assobiando. Ela me mandou parar uma vez, talvez duas vezes. Aí disse: “Eu já mandei você parar, hein? Na próxima vou tomar sua régua”. Ela não pensou duas vezes: Levantou-se, chegou até mim, tirou da minha mão bruscamente e falou:

“Eu não vou bater na sua cabeça porque essa regra é muito dura. Não vou bater na sua cabeça, mas eu tinha mandado você parar”.

¹⁰ Refere-se ao livro de sua autoria “Frutas Doces Colhemos aos Montes”, lançado em 2024.

E simplesmente partiu a régua ao meio. Ela tinha força de pianista, porque aquela régua não era fácil de quebrar na mão! Aí o grande drama foi como explicar pro meu irmão. Eu chorei, não tinha pra quem reclamar, porque né? Naquela época era normal. Eu não ia reclamar para a diretoria, até porque eu estava errado. Aí chegou a noite, eu não me lembro se eu contei no mesmo dia ou se contei no outro dia, ia encontrar meu irmão à noite, com ele voltando do trabalho, mas com medo. E com medo também que ele contasse para meu pai e tudo piorasse. Mas não: meu irmão era um santo. Eu digo que ele era, porque ele faleceu há uns cinco anos. E ele era bom demais. Ele ouviu tudo e falou:

“Tá tudo bem, não tem problema. Acontece, mas não faça mais isso. A professora falou pra parar, você para!”

Eu estava sofrendo demais com aquilo, com o que ele poderia me falar, se ele ia me bater, se iria contar pro meu pai... jamais que ele faria isso! É até emocionante. Era uma pessoa generosa, levou numa boa e comprou outra régua. Simplesmente fantástico!

Márcia Regina Sillman Hergert

Nascida em 31 de outubro de 1959, em Indaiatuba, Márcia Regina Sillman Hergert, carinhosamente conhecida como “Marcinha”, faz questão de lembrar que chegou ao mundo no Dia das Bruxas. Vive em Limeira desde pequena, é casada há 44 anos, mãe de três filhas e avó de três netos.

Ela se define como arteira (no melhor sentido da palavra), filósofa, musicista, mulher, mãe, avó. Estudou Enfermagem no Cotuca, Qualidade e Produtividade no Cotel e, com a chegada do ensino a distância, formou-se também em Filosofia. Trabalhou como bancária por três décadas.

Ao longo da vida, Márcia diz ter aproveitado todas as oportunidades que surgiram, sempre curiosa e aberta a novas experiências. Uma de suas frases preferidas é “Tenho saudades do futuro”, de Hélió Jaguaribe¹¹, que traduz bem seu espírito inquieto e sonhador. É com essa saudade que segue vivendo e se reinventando. Em suas palavras: “Sou uma mulher histórica, mesmo que anônima”. Ela diz que escolheu a alegria para contrariar a tristeza, que a alegria é a sua resistência.

¹¹ Hélió Jaguaribe foi um dos mais importantes cientistas políticos do Brasil no século XX, destacando-se também como escritor e sociólogo. Advogado por formação, teve atuação marcante no pensamento sobre o desenvolvimento nacional, ajudando a fundar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) nos anos 1950. Crítico do golpe militar de 1964, exilou-se nos Estados Unidos, onde lecionou em várias universidades, retornando ao Brasil anos depois. Participou da formação do PSDB no final dos anos 1980 e publicou 37 livros ao longo da vida, sendo eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2005 (Jornal Nacional, 2018).

A Barbie e o Papa

Eu nasci em 1959, o mesmo ano do nascimento da Barbie¹². Nasci num pós-Primeira Guerra, onde o mundo tentava se construir em meio a uma Guerra Fria, inclusive a Revolução Cubana Che. Minha família tinha uma vida simples, mas nunca me senti uma pessoa pobre, muito pelo contrário. Meu pai “não parava em serviço”, como dizia minha mãe, mas nunca me faltou nada, graças à minha mãe, muito inteligente e com juízo suficiente para os dois. Meu pai, com sua inteligência peculiar e, mesmo sem estudos, soube aprender muita coisa e conquistou coisas inimagináveis (mas isso também ficará para os próximos livros). Como em todos os períodos do pós-guerra, o mundo mudava e borbulhava de novidades. Estávamos, enfim, no século XX! Onde os jovens fizeram a sua revolução, que reverbera até hoje. Não fui hippie, mas senti as influências do “paz e amor”. Fui uma criança muito feliz e filha única até os 18 anos, quando minha mãe e meu pai resolveram, enfim, ter meu irmão, a meu pedido (fiz até um abaixo-assinado no ginásio, antigo ensino médio, risos).

Na minha infância, a minha casa tinha três cômodos pequenos: uma área na frente, uma pequena sala que cabia apenas um sofá e a televisão, a cozinha e um único quarto onde ficavam as duas camas e um guarda-roupa. Nos fundos, ficava a pequena empresa de meu pai, um torno mecânico, que meu pai comprou à prestação, com muita economia e determinação. Foi de lá que tudo começou: com a força de trabalho de meu pai e as economias de minha mãe.

Era uma criança pacata, sei que não parece, já que hoje em dia sou muito agitada. Eu digo que sou uma velhinha com TDAH¹³ (mas adoro fazer yoga e meditação). Quando criança, eu era tranquila, brincava sozinha, brincava na calçada (meus joelhos e cotovelos viviam cheios de hematomas e feridas, como qualquer criança). Eu tinha uma vida como todas as outras. Eu ia para a escola a pé, andava por uns 10 quarteirões até chegar lá e adorava.

¹² Barbie é uma boneca fabricada pela empresa estadunidense de brinquedos Mattel, Inc. e lançada em 9 de março de 1959. No Brasil, ela passou a ser comercializada em 1982. A Barbie original é uma boneca branca, de olhos azuis e cabelos loiros (Altmann, 2013).

¹³ TDAH é o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, uma de suas características é a agitação motora excessiva (American Psychiatric Association, 2014).

Então, foi uma vida humilde, mas nobre. Família e amigos são importantes, mas minha memória afetiva mais importante e feliz foi com meu avô materno, Antônio Boscheiro.

Ele tinha um sítio que ficava perto da Ponte do Funil¹⁴, que hoje já não existe mais. Era muito famosa aqui de Limeira, porque levava os sitiante às suas propriedades e meu avô era um deles. O caminho era distante para os padrões da época, demorava no mínimo uma hora e meia. Era um trecho de difícil acesso, tinha que atravessar um pequeno riacho. Eu via meu avô com olhos cheios de ternura e admiração. Ele dirigia um jipe azul (hoje eu tenho um verde militar, que era de meu pai, Renato Antonio Sillman), e eu, que sempre sonhava em viajar, ficava encantada. Pedi, pedi, pedi para minha mãe para ir, até que um dia ela deixou. “Você já viajou muito, Marcinha e não quer parar.”

Eu me lembro muito bem desse dia. Acordamos às 4h da manhã, minha mãe preparou uma cestinha de lanche, igualzinho meu avô fazia, com comidas simples, mas deliciosas, que ela fazia (minha mãe, Mercedes, sempre foi ótima cozinheira). Então ela colocou a cesta no carro, e lá fomos nós de jipe, só eu e meu avô. Eu achei aquilo a maior aventura. Eu amei. Me lembro dos caminhos, da estrada, do vento na cara, dos cheiros inesquecíveis.

Assim, nós chegamos ao sítio lá pelas 7h da manhã e paramos embaixo de uma árvore, não me lembro se era um pé de jaca ou de abacate. Abrimos a cesta que tínhamos levado e tomamos café da manhã ali mesmo, um *brunch* como chamam agora (risos).

Meu avô tinha a aparência do Papa João Paulo II¹⁵ (aliás, o contrário, porque o Papa era mais jovem). Meu avô era descendente de italianos, da região de Vicenza, que é perto de Veneza e que eu tive a felicidade de conhecer. Ele tinha um sotaque de roça com italiano, mesmo não sendo italiano, apenas descendente. Sua vida foi muito difícil, porque ele teve cinco filhos com a minha avó Clementina Fronza, que

¹⁴ A Ponte do Funil se localiza na SP-306, em Limeira no sentido Santa Bárbara D'Oeste, ela passa por cima de um trecho do Rio Piracicaba (Município de Santa Bárbara d'Oeste, 2006).

¹⁵ O Papa João Paulo II exerceu o pontifício de 1978 a 2005, quando faleceu aos 84 anos. Ele foi o único Papa eslavo e polaco (Papa João Paulo II, 2024).

faleceu de câncer muito jovem, e casou-se novamente, trazendo muitas dificuldades para minhas tias com a madrasta, tia Rosa (ela dizia que não queria ser chamada de avó).

Minha avó Clementina era muito bonita e alta, uma imigrante ítalo-brasileira, muito parecida com a Sophia Loren, alta, esbelta. Mas, infelizmente, morreu de câncer quando minha mãe tinha uns 13 anos. Então, eu não a conheci.

E assim, para mim, isso é o que é felicidade... uma comidinha, um arroz e feijão bem feito, uma polenta com leite (que eu aprendi a comer com ele), um leite tirado na vaca. Isso, para mim, é o céu!

Eu lembro das frutas que ele trazia do sítio. Ele subia e descia com sacos de laranja, de milho. O sítio era dele, ele quem cuidava de tudo lá. Uma das coisas que me deixava perplexa era como ele conseguia prever o tempo olhando simplesmente para o céu e “diagnosticando as nuvens”. Minha mãe conta que ele sempre foi muito caridoso e auxiliava as pessoas que passavam e lhe pediam ajuda. À noite, quando ele ainda morava no sítio, ele compartilhava seu conhecimento, ensinando a ler e escrever quem lhe pedisse¹⁶. Lembrando que não havia energia elétrica naquele tempo, então tudo era feito à noite com uma lamparina.

Ele tinha uma bondade excepcional, era dócil. Lembro também que ele gostava de contar histórias, principalmente do Pedro Malasartes¹⁷. Então, era o avô perfeito para mim. E não gostava de desperdício, visto que passou muitas necessidades (mas mantinha sempre um açucareiro perto de sua cama com caramelos, que nunca me negou). A minha mãe nasceu em 1939, então, quando começou a Segunda Guerra Mundial, meu avô já tinha 5 filhos e estava quase ficando viúvo. Avarento? Não, absolutamente. Como julgar alguém que vive numa situação tão difícil como naqueles tempos¹⁸?

¹⁶ Limeira é o berço da imigração europeia de cunho particular no Brasil. A partir do final do século XIX, muitos imigrantes europeus foram para a cidade para trabalhar na lavoura e substituir a mão-de-obra escravizada (Pesquisador [...], 2018).

¹⁷ Pedro Malasartes é um personagem tradicional das culturas portuguesa e brasileira, conhecido por sua esperteza, cinismo e habilidade em enganar os outros (Pedro Malasartes, 2024).

¹⁸ Aqui, a depoente se refere à Segunda Guerra Mundial, que foi um conflito global ocorrido entre 1939 e 1945. A participação brasileira na guerra deu-se a partir de 1942, com o rompimento das relações

Mas era uma avareza de quem passou por uma guerra, por situações em que não tinham sabonete para tomar banho. Porque, quando você tem a guerra, você tem uma carência e às vezes a falta de produtos era uma constante. Minha mãe conta que ele cultivava café. Então, começou a guerra e ele desceu toda a plantação para plantar cana e outras coisas, porque as pessoas estavam passando fome naquele tempo. Concluindo: meu querido avô Antônio era uma pessoa bem contida financeiramente, mas tinha um amor profundo pela família, pelos seres humanos e pelos animaizinhos: galinhas, porcos e vacas.

Bom, essa é a minha primeira história.

Rainha da Sucata

As memórias que tenho com minha avó paterna são afetivas, mas não de afeto, porque ela não tinha tempo para me dar esse afeto. Eu não me lembro de ela ter me dado um abraço! Naquela época, não era comum manifestar os sentimentos. Mas eu a admirava como pessoa, como mulher, porque ela teve uma vida difícil. Ela tinha cinco filhos: quatro homens e uma mulher, foi trabalhadora da Prada¹⁹ (os trabalhadores da época eram quase escravos).

Depois, quando ela saiu, acho que da Prada, começou sua pequena e inovadora empresa: trabalhar com ferro-velho, papelão para reciclagem. Limeira tem uma área industrial que pega esses materiais, principalmente papelão, para reciclar. Acredito que era algo inovador. Me recordo dos fardos de papel sendo empilhados e meus tios carregando seus caminhões. Portanto, reciclagem nunca foi nenhuma novidade para mim. Talvez por isso, desde criança, já via o cuidado com a natureza como sendo natural.

Então, a minha admiração é porque ela era uma mulher realmente forte, brava, muito brava, mas ela... eu falo que ela era, para mim, a verdadeira “rainha da sucata”.

diplomáticas com o Eixo e o envio de tropas em junho de 1944. Mas, os efeitos da escassez de materiais e o medo de que os jovens fossem convocados para a luta foi bem sentido no País (Pinheiro, 1995).

¹⁹ A narradora se refere à antiga companhia Chapéus Prada S/A, em Limeira, que fabricava chapéus e feltros (Museu da Propaganda, [s.d.]).

Quando surgiu a novela da Rede Globo com a Regina Duarte, ela já havia falecido, mas eu via claramente os traços da minha avó.

Ela era uma matriarca e seu marido, meu avô Lúcio, ele, sim, era carinhoso, vinha, me beijava, me abraçava, me apertava, como um bom avô. Mas quem mandava era ela. Inclusive, ela tinha que ter essa postura, porque eram quatro homens, o meu pai incluso e eles eram muito, muito levados.

Eu me lembro que o meu tio teve uma amante e apanhou, porque minha avó descobriu. Então, ela era uma mulher que se dava o respeito e se fazia obedecer. E tinha que ser assim, porque alguém tinha que conduzir a família.

O que eu notava é que ela, mesmo no meio da sujeira, era chique, estava sempre limpa, cheirosa. Ela ia duas vezes por semana ao instituto para fazer o cabelo (principalmente o coque banana), as unhas, os pés, sempre assim, bem-arrumada ali naquele meio.

Vó Anna Magdalena Ferreira Sillman, conhecida como Dona Nanica (ela era pequena e gordinha), tinha um olhar de compaixão para os moradores de rua, que hoje se fala, mas eu já via isso nela, no cotidiano de uma vida complicada. Frequentavam lá aqueles moradores de rua, que inclusive são personagens históricos da nossa cidade, que o jornalista e historiador Toco²⁰ divulgava em sua revista com fotos e histórias trágicas e hilárias.

Todos eles eu encontrava lá, porque, no depósito de ferro-velho, eles vinham, levavam reciclagem para ela comprar e revender. Ela dava conselhos e oferecia ajuda. Às vezes, a pessoa chegava bêbada (não existia droga naquela época), ela colocava a pessoa embaixo do chuveiro, para melhorar. E não faltava o café para reanimar.

Dentre os personagens, tinha o Pedro Louco, muito famoso. Ele era uma pessoa de rua que vivia descalço e tinha um saco para carregar justamente os papéis que achava e vendia. As crianças tinham medo dele, corriam dele, ou elas o atacavam, jogavam pedras, judiavam, no que ele revidava.

²⁰ Apelido de José Eduardo Heflinger Júnior é um historiador que se debruçou na história de Limeira, a oficial e a dos chamados “populares”.

Já eu, tinha um outro olhar sobre ele, assim como sobre o Zé Delega e outros personagens que viviam na rua. Eu tenho isso em mim ainda: vejo as pessoas com outro olhar, principalmente as de rua. Vó Anna, para mim, foi uma referência quanto a isso, assim como meu avô Antônio. Por fim, o que mais me intriga é que, apesar da pouca convivência, minha avó Anna me passou a sua fé de maneira que não posso entender como. Acredito que nossos laços são potentes e que o tempo e a distância não os arrefecem. A única herança que recebi dela foi através de minha tia Neide, que me presenteou os quadros que eram muito populares e que me dão a exata noção do que seja a fé que olha face a face com a razão.

Figura 2 - Quadros que eram da avó de Márcia Regina Sillman Hergert



Fonte: Imagem cedida pela depoente.

Eu sempre tive uma inquietação, vi muitas injustiças sociais. Trabalhei 30 anos como bancária. Também sou mãe, criei três filhas, mulheres e sempre me inquietei com o tratamento da mulher na sociedade. Eu queria um espaço para colocar essas injustiças que eu percebia. Comecei a fazer obras, que meu marido chama de lixo, isso porque eu pego as coisas que vejo na rua, principalmente quando saio para correr.

Outro dia, por exemplo, vi uma lâmpada muito bonita. Ela tinha um toque de luz do sol e uma ferrugem. E aí lembrei do livro *A Insustentável Leveza do Ser*²¹ e fiz uma obra com penas e outros materiais que encontrei.

A arte, para mim, começou a florescer de uma maneira natural e eu nunca pensei em fazer uma coisa bonitinha. Eu nunca quis pintar uma florzinha, colocar um quadro na sala, por exemplo, porque a minha realidade era muito nua, muito crua. Então, eu queria realmente mostrar nas minhas obras aquilo que eu estava sentindo.

Um dia, meu marido disse sobre minhas artes: “Quando você vai jogar fora esse lixo?” e eu respondi no automático: “Eu vou jogar”. Mas aconteceu que eu realmente olhei; e, quando olhei, percebi que era tudo sobre feminicídio, tudo sobre a violência contra a mulher.

Na época do Carandiru²², eu pintei uma solitária vista de dentro, super escatológica. Minha arte, assim, não é agradável e, sim, faz pensar! Eu tenho uma obra exposta na minha sala, que se chama *Lagoa Azul*, porque, na época, eu estava assistindo a um filme da Sessão da Tarde²³, famoso.

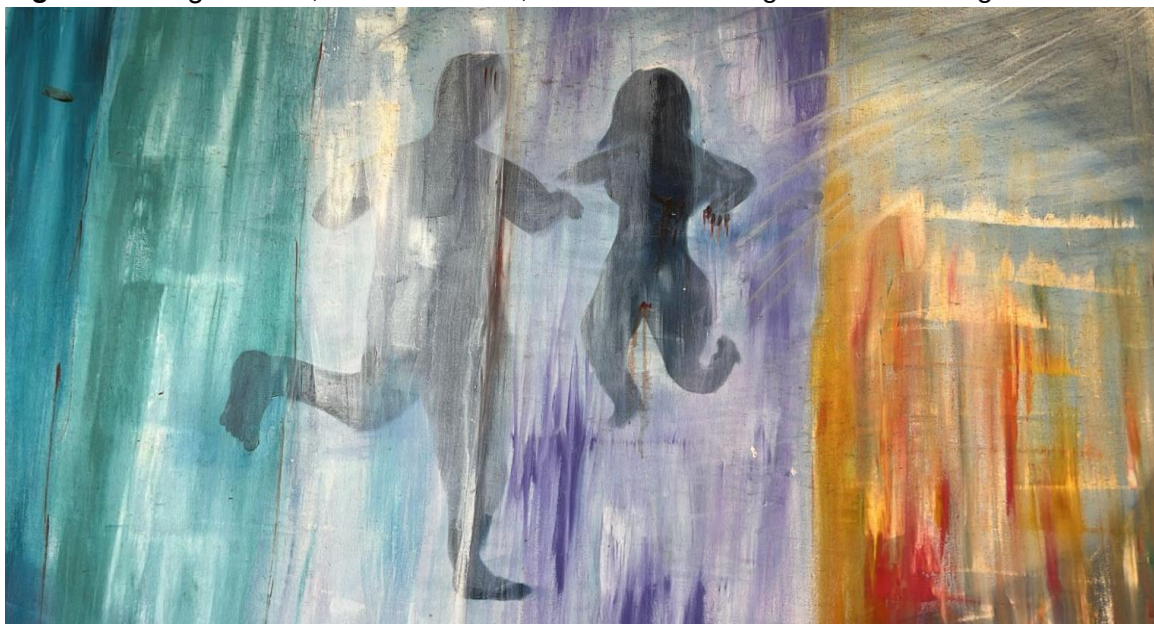
Lagoa Azul é um filme romântico, mas me trouxe um questionamento filosófico: até que ponto a paixão satisfeita é o ideal? Porque a maioria dos feminicídios é por causa disso, de paixão. Paixão não é amor, é possessão: “se não for minha, não vai ser de ninguém” (Mais uma para a estatística).

²¹ KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2008.

²² O Massacre do Carandiru ocorreu em 2 de outubro de 1992, quando a Polícia Militar de São Paulo reprimiu de forma brutal uma rebelião na Casa de Detenção, assassinando 111 homens (Massacre do Carandiru, 2025).

²³ A “Sessão da Tarde” é uma faixa de transmissão de filmes nas tardes da TV Globo.

Figura 3 - “Lagoa Azul”, óleo sobre tela, 2012 - Márcia Regina Sillman Hergert



Fonte: Imagem cedida pela artista.

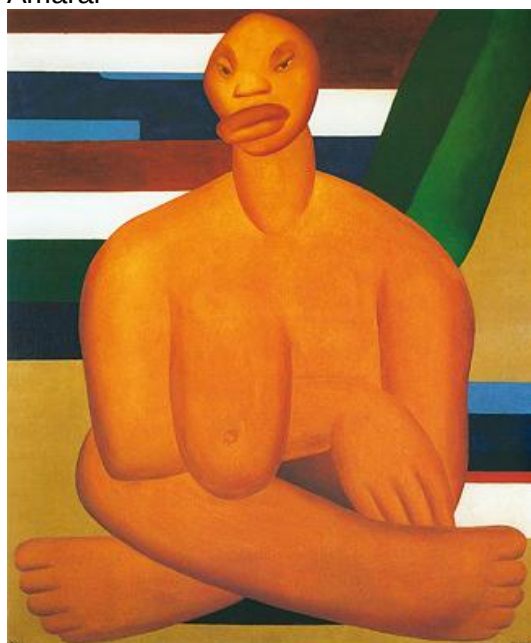
Então, eu pintei. Peguei um quadro imenso e pintei a *Lagoa Azul* da minha maneira e coloquei atrás o questionamento filosófico. Geralmente eu escrevo atrás dos meus quadros. Eu não tenho a intenção de expor um dia, eu faço porque eu tenho que fazer, só que eu também tenho dificuldade de jogar fora.

Outro dia, eu joguei uma obra, joguei em uma caçamba o lixo. A obra era em formato de mãos em forma de soco e cheias de anéis. Eu coloquei o nome de *Porta Lágrimas*. Era uma escultura sobre nossas mãos. Produzi porque percebo que os homens se incomodam com as mulheres trabalhando com as mãos, fazendo artesanato, atividade que vejo como sendo nosso lado feminino. E os homens querem namorar, querem fazer outras coisas, sem dar espaço para as nossas vontades.

E, nesse sentido, fui buscando meus espaços, mas isso incomoda o outro. Então, a arte me salvou do tédio da vida cotidiana! Não no sentido de querer me projetar como artista; ao invés disso, me intitulo “arteira”. Me dá aquela compulsão e eu faço, principalmente com os materiais reciclados: faço esculturas, pinturas com acrílico, argila, entre outros materiais.

Eu sou muito fã da Tarsila do Amaral²⁴, há muito tempo, desde que comecei a pensar em arte. Ela tem um quadro muito emblemático que chama “A Negra” que eu reproduzi de barro. Porque, nessa época, eu já comecei a me interessar pelos cegos. Busquei o secretário de Cultura para fazermos uma exposição para cegos na cidade, com os quadros traduzidos em esculturas. Mas não vingou, porque eles não entenderam o que eu queria. Mas trouxemos um artista de São Paulo, então não foi em vão. A seguir, o quadro que me inspirou:

Figura 4 - “A Negra”, 1923 - Tarsila do Amaral



Fonte: A Negra (2025).

Figura 5 - “A Negra”, releitura, argila, 2020 - Márcia Regina Sillman Hergert



Fonte: Imagem cedida pela artista.

Sou interessada nessa área da falta de visão. Tenho uma prima cega de nascença e sou voluntária com uma menina de 15 anos, deficiente visual. Eu faço arte com ela, vou à escola dela uma vez por semana. Ela tem só 30% de visão, então, por exemplo, cores não têm sentido para ela. É mais a coisa tátil e de ouvido.

A falta de visão é muito difícil, mas eu gosto de tentar proporcionar aquilo a que eles não têm acesso, de uma forma mais criativa possível. Fui voluntária por quatro anos em uma escola para cegos. Então acho que essa também é uma coisa que trago

²⁴ Tarsila do Amaral (1886-1973) foi uma artista e figura central do Modernismo Brasileiro (Genschow, 2020).

da minha avó: não só em ajudar pessoas, mas em, onde as pessoas veem sujeira, eu vejo arte.

Quando vi os quadros do Vik Muniz²⁵, eu falei: "Poxa, eu sempre vi isso, porque às vezes eu olho para um lugar e vejo arte, não vejo sujeira". Ele também produz obras a partir do lixo. Teve uma novela que ele fez a abertura. Ele é muito renomado no exterior. Ele faz a partir de reciclagem e é bem-conceituado; suas obras são muito interessantes. Quando o vi, falei: "Esse é dos meus", porque eu me encontrei nele. Mas eu já fazia, nem sabia que ele existia.

Figura 6 - Abertura de "Passione", 2010 - Vik Muniz



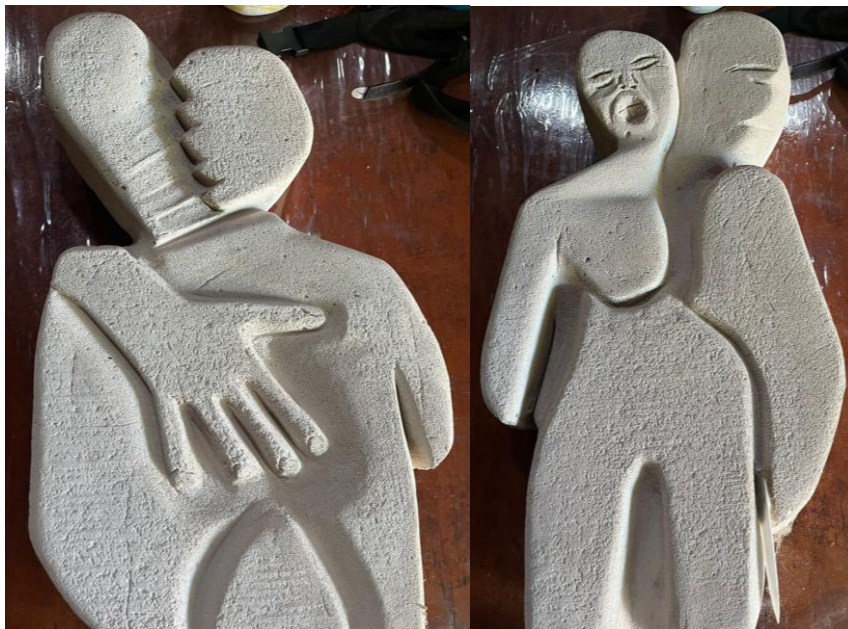
Fonte: Orosco (2010).

Eu sou uma pessoa muito positiva, mas minhas obras são o oposto disso. Não é que eu esconda esse meu lado, mas tem coisas na vida que nos trazem sofrimento. Eu tenho isso do feminicídio, da violência contra a mulher e do racismo, porque vejo que mulheres e negros têm sofrimentos. É isso que tento colocar em minhas obras.

²⁵ Vik Muniz (1961 - presente) é um artista plástico brasileiro que produz obras voltadas para a sustentabilidade. Trabalha com pintura, escultura e fotografia. Ele utiliza técnicas e materiais como alimentos, algodão, materiais recicláveis, cabelo, arame, serradura, pó, terra, dentre outros (Vik Muniz, 2025).

Ontem mesmo, vi no jornal: uma moça que dirigiu na Rodovia Anhanguera com o marido no capô do carro, porque ele estava tentando matá-la. Hoje deve ser outra mulher em sofrimento. Então, assim, acontece todos os dias isso e precisa parar. Urgente!

Figura 7 - “O grito”, concreto celular, 2018 - Márcia Regina Sillman Hergert



Fonte: Imagem cedida pela artista.

E assim, a minha vida também não foi fácil. Quando digo que eu tinha uma vida simples, é porque era a minha visão de criança, mas lógico que todos nós temos problemas.

Nos anos 80, dei à luz três crianças, trabalhando em tempo integral. Mas essa é a realidade de 99% das pessoas, então eu não acho que sou diferente. Todo mundo tem seu sofrimento e todos os sofrimentos me abalam. Óbvio que tive ajuda, afinal, ninguém vive sozinho. Ou melhor, muitas mulheres criaram seus filhos sem ajuda de ninguém.

Por exemplo, na escola, eu era loira, de olhos verdes. Sentava na primeira carteira. Minha mãe passava minha roupa, meu uniforme. Eu ia limpinha para a escola. Só que tinham pessoas negras na minha escola e eles apanhavam da professora porque eram negros, porque a professora dizia que “estavam fedidos”, porque eles “não faziam o caderno direito”. E eu saía muito chateada da escola, saía chorando, porque a gente não podia falar nada para a professora. Então, assim, o sofrimento alheio também me afeta. O mundo é muito injusto e isso é fato. Eu não

posso deixar isso dentro de mim. Tenho que purgar isso, pôr para fora de alguma maneira.

Então, eu acho que é por isso que a minha arte é assim. Eu ainda acho que vou chegar no belo. Um dia, eu vou encontrar esse “belo”, para poder me expressar. Já fiz florzinha, fiz bordado, já fiz coisas bonitas, mas, na minha arte, como arteira, tem que sair aquilo que está dentro de mim: a injustiça do mundo.

Concluindo: fazer arte é uma forma de protesto.

Plantando a semente

A Revolução Cubana²⁶ acabou em 1959, mesmo ano em que eu vim ao mundo. A Revolução potencializou a Guerra Fria²⁷, que dividiu o mundo em uma luta ideológica entre o capitalismo e o socialismo (nenhum venceu de verdade, o capitalismo também é cruel). Mas, claro, nessa época, eu não pensava sobre isso.

Até os meus 15 anos eu era bem criança (acho que essa criança nunca vai morrer) e ainda brincava de bonecas. Fiz um colégio estadual público, era uma adolescente muito ingênua, achava alguns menininhos bonitos, mas nenhum despertar sexual, vamos dizer assim.

Um dia, minha amiga falou assim: “Ah, eu vou tentar o Cotuca²⁸”. Ela era muito inteligente, tinha ganho o Troféu Fumagalli²⁹, uma premiação aqui de Limeira para os melhores alunos. E aí eu pensei: “*Quer saber de uma coisa? Vou tentar enfermagem*”, porque eu gosto da área, eu vejo o sofrimento humano e posso ajudar.

Fiz a prova e passei. Lá fui eu, uma caipira em Campinas! Que já era uma cidade grande, cosmopolita, com muita arte e cultura. Eu nunca fui a primeira da classe, muito pelo contrário, porque eu estava despreparada, a maioria dos

²⁶ A Revolução Cubana (1953 - 1959) foi um movimento guerrilheiro que resultou na derrubada do ditador Fulgencio Batista em 1º de janeiro de 1959. Liderado por Fidel Castro, o Movimento 26 de Julho foi responsável por essa transformação histórica em Cuba. Após a vitória armada, o apoio da União Soviética reforçou o caráter anticapitalista e anti-americano da revolução, alinhando o país ao bloco socialista (Revolução Cubana, 2025).

²⁷ A Guerra Fria (1947 - 1991) foi um conflito político-ideológico que foi travado entre Estados Unidos e União Soviética (Redação National Geographic Brasil, 2022).

²⁸ Colégio Técnico de Campinas (1967 - presente).

²⁹ Premiação para os destaques nas mais diversas áreas da comunidade limeirense.

estudantes estava bem avançada. Só que uma coisa que não me falta é vontade de aprender e muita disciplina. Tudo que fiz eu finalizei. Enfim, fiz o satisfatório com louvor (risos). Aprendi a não desistir com facilidade.

Para chegar lá, eu pegava o ônibus Caprioli⁵ às 5h30 da manhã e voltava no último ônibus, que acho que era às 19h. O último era às 20h da noite e depois não tinha mais, portanto não podia perder.

Quando eu passei no Cotuca, não sabia onde estava entrando, porque eu tinha 15 anos. E aí o que aconteceu? Já no primeiro dia, eles falaram: "Vocês vão estudar até meio-dia aqui as matérias normais: matemática, português, ciências, essas coisas. E depois vocês vão para o campus da Unicamp." Eu falei: "Campus da Unicamp? Como assim?".

A minha mãe tinha me dado só o dinheiro da ida e da volta para comprar a passagem e um dinheiro para comer alguma coisa. Bom, aí tinha o Rápido Luxo⁶, que era um ônibus muito lotado. Tinham 100 pessoas para pegar o ônibus. Teve um dia em que eu estava na porta e me levaram, eu não sei como entrei, muito menos como saí, onde estava meu pé, onde estava minha mão. Esses dias eu estava vendo na EPTV e os estudantes continuam com o mesmo problema.

Bom, eu sei que peguei esse ônibus e fomos para lá. Quando chegamos no campus, tinha o restaurante e ao lado a sala de anatomia. O que foi um barato, porque a menina que estava brincando de boneca no dia anterior se viu numa sala de anatomia com alunos do primeiro ano de medicina e com outros professores.

Meu mundo se transformou. Eureka! Foi uma abertura completa. Minhas amigas só pensavam em "paquerar" e eu, como uma esponjinha, queria aprender. Nunca fui namorada, só namorei um aluno de mecânica muito bonzinho. Gostei dele, mas terminamos.

O que me empolgou mesmo foi aquela efervescência de pessoas do mundo inteiro que a gente encontrava lá no campus. Muitos fugidos das ditaduras, do Chile principalmente, além do Panamá, Peru, tinha muito peruano. Eu até fiz um amigo da Argentina.

Nós não sabíamos o que realmente estava acontecendo. A gente não tinha ideia, nós éramos tão... digamos, contidos, nessa questão e isso era próprio da Ditadura³⁰.

Aliás, em 1959, o ano em que eu nasci, eu descobri que houve um complô contra o Juscelino Kubitschek³¹, que foi uma das maiores mentes do nosso país, até mudou a capital para Brasília. Já estavam começando o golpe em 1959, que depois culminou em 1960, acho que foi em 1964, o Golpe da Ditadura³².

Então, quando eu estava no Cotuca, que foi de 1975 a 1977, a gente já estava na ditadura mesmo, nos piores tempos. E o que acontecia? Alguém lá me falou assim: “Olha, cuidado com o professor de OSPB³³, porque ele é agente do DOPS³⁴”. Eu pensei: *“DOPS? O que é o DOPS? Não sei o que é isso.”*

Nós tínhamos um grêmio estudantil, que foi fechado. Uma menina do curso de enfermagem desapareceu, entre outros. Há uns anos atrás acharam um cemitério clandestino em Campinas, que tinha muitas ossadas. Acredita-se que eram desses alunos que desapareceram no tempo da ditadura, mas não sei se conseguiram identificar.

A gente não podia estar com um livro diferente, que tivesse “coisas estranhas” ou contra o regime militar. O regime militar sabe como doutrinar um povo. Os regimes militares e tirânicos sabem como fazer. A gente não sabia nem o que estava acontecendo.

Tinha a impressão de que estava tudo certo. Por exemplo, você não percebia que não tinha pessoas negras no clube, no banco. Parece que a gente fica igual

³⁰ Nota: esse relato foi antes da estreia do filme *“Ainda Estou Aqui”*, que me emocionou, porque querem apagar esse período da nossa história, que vivemos. Como esquecer!?

³¹ Juscelino Kubitschek foi o 21º Presidente do Brasil, entre 1956 e 1961 (Juscelino Kubitschek, 2025).

³² A ditadura militar brasileira foi o regime instaurado no Brasil em 1 de abril de 1964 até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, a ditadura teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito (Ditadura Militar Brasileira, 2025).

³³ Organização Social e Política Brasileira - OSPB.

³⁴ O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 1924, foi um órgão do governo brasileiro utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na Ditadura Militar. O órgão, que tinha a função de assegurar e disciplinar a ordem militar no país. O que normalmente se chama de DOPS são as unidades de Polícia Política de cada estado, responsável pela repressão a comunistas, anarquistas, sindicatos e movimentos sociais (Departamento de Ordem Política E Social, 2025).

aquele sapo na panela que fica cozinhando. Então, para as pessoas que estavam na zona de conforto, parecia que estava tudo bem. E minha vida seguia.

Porém, todo mundo tinha medo. Eu não sei como eles propagaram o medo, mas havia medo. A gente sabia que houve fechamento de faculdades, prisões de professores, pessoas mandadas para o exílio. Então, lá em São Paulo a coisa ficou mais evidente, mas a gente do interior não tinha essa percepção.

Além disso, por exemplo, o Jornal Nacional, as mídias eram todas censuradas, toda a programação de rádio e televisão passava por um censor antes de chegar ao povo. Então, as notícias quase não chegavam sem serem manipuladas. Tinha que ser no boca a boca. E realmente as pessoas sumiam, sumiam mesmo. Pois é, na Argentina eles jogavam de avião; aqui também faziam isso: punham lá umas 100 pessoas e jogavam.

Mesmo assim, eu não sabia o que estava acontecendo. A ditadura começou quando eu era criança. Eu cresci nisso. Então as pessoas falavam assim: “Olha, cuidado com o que você fala”, mas para mim, estava tudo bem. O Brasil estava indo para frente, tinha a musiquinha “Eu te amo, meu Brasil”³⁵. A gente era campeão do mundo de futebol (o que distraía o povo em forma de “pão e circo”). Porque o futebol impulsionava e dava legitimidade a esse regime.

Geralmente eles usam alguma coisa, no caso, na época, era o futebol. Então, os jogadores também estavam sendo muito vigiados (me lembrei do Pelé, que não podia usar o mesmo hotel dos jogadores brancos da seleção). Então, a gente realmente tinha medo e não sabia do quê.

O meu professor de física no Cotuca foi quem me deu as primeiras informações de que estávamos em uma ditadura. Ele trazia notícias para a gente. Por isso que tem aquela música, que foi inclusive da novela “Senhora do Destino”: “mande notícias do

³⁵ Single da banda brasileira de rock “Os Incríveis”, lançada no final de 1970. A letra enaltecia o Brasil pela sua diversidade de belezas naturais e culturais e demonstrando aprovação ao fato de viajar ao Brasil ou nele morar e permanecer. Além disso, a letra faz referências, através de paráfrases, à “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, bem como a slogans da ditadura militar brasileira, como “Brasil, ame-o ou deixe-o” (Eu Te Amo, Meu Brasil, 2022).

mundo de lá”³⁶. Então ele nos dizia: “Ó, tá acontecendo isso”, “vocês estão sendo doutrinados, a coisa não é por aí”, “democracia não é isso”. Ele trazia isso, porque já era do partido, do MDB³⁷.

Ele me deu dois livros e falou: “Tome cuidado com esses livros!” Eu comecei a me interessar muito por política nessa época. E nós aprendemos o que era comunismo, mas só o conceito: comunismo, socialismo, democracia. Para nós, estávamos vivendo uma democracia. Na época, eu li o livro e nunca devolvi. Depois, fiz uma dedicatória póstuma.

Graças a muitos artistas e intelectuais brasileiros, principalmente à MPB³⁸, Chico Buarque, Caetano, com aquelas músicas que pareciam inocentes e que tinham passado pela censura, aí a gente começou a pensar: “um mais um é dois”, entender que não era bem assim como os militares estavam falando.

Porém, chegava no dia 7 de setembro³⁹ e 15 de novembro⁴⁰, todo mundo tinha que estar no pátio da escola cantando o hino nacional. Agora, se você cantasse o hino nacional fora das datas, você seria subversivo. Se tivesse uma bandeira fora daquele dia, no exato momento em que eles delegaram, você era considerado subversivo. Então, muita gente morreu sem saber por que morreu, nem sabia o que estava acontecendo.

Eu só tive essa percepção maior mesmo quando as coisas começaram a acabar. Quando a oposição começou a aparecer, na época era o Ulysses Guimarães⁴¹, inclusive o Orestes Quércia⁴², que também tomou carona no negócio.

³⁶ “Encontros e Despedidas” foi escrita por Milton Nascimento e Fernando Brant, em 1985. Ela pode ser interpretada como um recado dos compositores para todos que precisaram se afastar de amigos e familiares durante a ditadura militar (Freire, 2020).

³⁷ O Movimento Democrático Brasileiro é um partido político brasileiro de centro.

³⁸ Música Popular Brasileira é um gênero musical surgido no Brasil em meados da década de 1960 (MPB, 2024).

³⁹ O Dia da Independência do Brasil, também conhecido como Sete de Setembro ou Dia da Pátria, é um feriado nacional comemorado em 7 de setembro. A data marca a Declaração de Independência do Brasil em relação ao Império Português, ocorrida em 1822 (Dia da Independência (Brasil), 2024).

⁴⁰ Data da Proclamação da República, que determinou o fim do regime monárquico e a instauração da república no Brasil (Proclamação da República do Brasil, 2025).

⁴¹ Ulysses Silveira Guimarães (1916 - 1992) foi um político e advogado brasileiro, um dos principais opositores à ditadura militar (Ulysses Guimarães, 2025).

⁴² Orestes Quércia (1938 - 2010) foi um empresário e político brasileiro, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Foi o 53º Governador do estado de São Paulo (Orestes Quércia, 2025).

Mas Ulysses Guimarães foi um grande opositor à ditadura e esse movimento de oposição depois culminou com a nossa Constituição. Ele lutou por isso e depois sumiu também. O helicóptero dele nunca foi achado. Nunca acharam. Tenho muita admiração também por Darcy Ribeiro⁴³, entre outros grandes brasileiros.

Mesmo assim, eu me sinto muito abençoada de ter tido a oportunidade de estudar no Cotuca, desse conhecimento, mesmo que só depois de sair de lá comecei a entender. Começamos a pedir as *Diretas Já*⁴⁴, com Tancredo⁴⁵ e as charges do grande Henfil⁴⁶, cartunista.

Eu me sinto feliz de ter conhecido o professor Zeferino Vaz⁴⁷. Nunca conversei com ele, mas ele tinha uma sala lá no Cotuca. E, assim, só de saber que na Unicamp estavam as maiores mentes do Brasil, como César Lattes⁴⁸, que era um físico reconhecido mundialmente.

Então, eu acho que a Unicamp é um lugar que eu reverencio. Minha história está muito ligada a ela. Eu estudei depois também no Cofil, fiz Qualidade e Produtividade, depois de adulta (década de 90). Minhas filhas também estudaram lá. Eu recebi muito da Universidade. Na ditadura, a Unicamp, além das grandes mentes em questão tecnológica, foi um lugar de resistência, mesmo sendo oprimida (até nos dias atuais ainda acontece por pessoas que não acreditam na ciência).

⁴³ Darcy Ribeiro (1922–1997) foi um antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro, ligado ao PDT. Destacou-se por sua atuação em defesa dos povos indígenas e da educação. Como Ministro da Educação, promoveu reformas importantes no Brasil e em outros países da América Latina. Também foi um influente pensador da identidade latino-americana (Darcy Ribeiro, 2025).

⁴⁴ *Diretas Já* foi um movimento político de cunho popular que teve como objetivo a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente da República no Brasil, durante a ditadura militar brasileira (Diretas Já, 2025).

⁴⁵ Tancredo de Almeida Neves (1910 - 1985) foi um advogado, empresário e político brasileiro, tendo sido o 33.º primeiro-ministro do Brasil e presidente da república eleito, porém não empossado (Tancredo Neves, 2025).

⁴⁶ Henfil foi um cartunista, escritor e ativista político brasileiro, conhecido por seu humor crítico à ditadura militar e por personagens marcantes como os Fradinhos e a Graúna. Sofria de hemofilia, contraiu HIV em uma transfusão e morreu em 1988. Sua obra engajada permanece relevante e foi retratada em livros, revistas e um documentário (Henfil, 2025).

⁴⁷ Zeferino Vaz (1908 - 1981) foi um médico brasileiro. Ele conduziu a construção, estabelecimento e desenvolvimento da Universidade Estadual de Campinas (Zeferino Vaz, 2025).

⁴⁸ César Lattes (1924 - 2005), foi um físico brasileiro, co-descobridor do méson- π , descoberta que levou à concessão do Prêmio Nobel de Física de 1950 a Cecil Frank Powell, líder da pesquisa (César Lattes, 2025).

Aos 21 anos, eu já era mãe. Então a coisa foi muito rápida comigo. Aos 47, já era avó. Saí do Cotuca, não pude fazer faculdade, já tinha que sustentar a casa. Acabei não participando muito da política. As “Diretas Já” aconteceram mais no Rio de Janeiro e São Paulo, mas em 1985 a ditadura acabou.

Eu acho que, assim, a gente pode conviver com o erro, mas a gente não pode aceitar o erro. Então eu quero uma coisa melhor para minhas filhas e para o nosso país. Por exemplo, na questão do meio ambiente, eu estou muito preocupada com isso. Todo dia eu planto uma sementinha, porque as árvores se tornaram inimigas das cidades. Limeira não tem 10% de verde comparado à década de 90 (vide fotos aéreas). Não sei se ela vai vingar, mas eu planto, eu fiz a minha parte.

E é isso que eu penso da Unicamp. Eu acho que, assim, muita gente, muitas famílias foram transformadas graças a essa escola. Falando em sementinha, plantei a minha no Cotil, quando fiz Qualidade e Produtividade noturno, sendo idealizadora do primeiro Cotil Arte, que, graças ao Farid Zaine, ex-secretário de Cultura de nossa cidade, foi colocado no Calendário Municipal, reservando um dia para apresentação e premiação do mesmo.

Até o próximo livro, nos vemos por aí. Até breve.

Figura 8 - Menção honrosa à idealizadora do COTIL ARTE, 2005



Fonte: Imagem cedida pela depoente.

Zilda Abreu Silva

Zilda Abreu Silva, tem 72 anos, é natural de Eleutério, um distrito localizado no estado de São Paulo. Na infância, mudou-se com a família para a cidade de Itapira. Cresceu em um ambiente humilde, morando em casas simples e presenciando a realidade da época.

Foi uma jovem trabalhadora, independente e rebelde. Mudou-se para a capital paulista e aproveitou as liberdades da cidade. Já adulta, tornou-se esposa e mãe de três filhos, tendo residido em diversas cidades do estado de São Paulo.

Atualmente, desfruta da liberdade de ter seu próprio tempo. Participa ativamente da comunidade, envolvendo-se em atividades que lhe proporcionam prazer e continua a ajudar os outros, oferecendo apoio a quem precisa.

Nos trilhos da memória

A minha mãe é natural de Artur Nogueira - SP, ela nasceu e se casou lá, seus parentes ainda estão todos lá. Porém, meus pais tiveram problemas com a família e se mudaram, primeiro para Mogi Mirim - SP, depois para o sítio em que eu nasci. Então ela teve dois filhos em Artur Nogueira, dois filhos em Mogi Mirim e eu, a quinta, nasci em outra cidade. Meu pai arrumava emprego fácil, com um caminhão alugado, jogava as galinhas e os cachorros na carroceria com a gente e a minha mãe ia na cabine com o mais novo. Ficava no emprego até se desentender com o patrão.

Eu nasci em 30 de novembro de 1952, no pequeno distrito de Eleutério, que fica entre as cidades de Itapira - SP e Jacutinga - MG, nasci na divisa, por isso que sou mais mineira do que paulista. Mas o meu pai é mineiro. Morei no sítio até os meus 5 anos de idade. Depois viemos para a cidade, no caso, Itapira, meu pai foi trabalhar na prefeitura de Itapira.

Meu pai era analfabeto, mas como ele era funcionário do prefeito na fazenda, o prefeito trouxe ele para a cidade, por causa da escola, já que ele tinha sete filhos. Nós fomos morar numa casa do lado da linha do trem. Hoje ela está praticamente dentro da cidade, mas naquele tempo era um bairro afastado.

Era uma casa velha e quando o trem passava, a casa balançava. Antes da gente ver o trem, a casa já estava balançando. Aí minha mãe juntava todo mundo na janela para olhar, ela pegava os menorzinhos, segurava no colo um de cada lado no braço e colocava só a pontinha da cabecinha deles para fora para ver o trem, porque podia o trem até pegar a gente, de tão pertinho que ele passava na casa.

E essa casa era toda cheia de trinco⁴⁹. Inclusive o depósito de água vazava dentro de casa, de tanto trinco. Mas aquela casa foi provisória. Eu não tenho noção de quanto tempo fiquei lá, mas eu lembro que foi bem pouco, porque era uma casa perigosa. Nós mudamos para outra casa velha também, que era da prefeitura, mas era uma casa em uma avenida. Logo depois minha mãe teve a minha irmã caçula, sua oitava filha, em casa. Os outros sete ela teve no sítio, mas essa foi na cidade, em casa com parteira. Eu estava com 7 anos de idade quando ela nasceu, então fiquei pouco tempo naquela casa do trem.

⁴⁹ Rachadura.

Essa casa na avenida, era uma avenida de terra, depois teve paralelepípedo e por fim, asfalto. Eu lembro que a casa tinha um degrau e a porta da sala dava na rua, na calçada. Ela tinha um degrau alto pra gente subir. E a minha mãe deixava a gente sentar ali. A gente não podia nem levantar, tinha que sentar e ficar. Eu e os outros maiores, porque os dois menores não podiam. Tinham mais dois menores que eu e a bebê, porque eu sou a quinta, de oito.

A gente não podia nem levantar porque era perigoso, ainda mais quando vinha boiada. Eles traziam os bois a pé de um lugar para outro para levar para o matadouro que era para baixo da minha casa. Quando eles passavam, a minha mãe saía catando a gente pela roupa, pelo cabelo, do jeito que dava e carregava para dentro porque eles apareciam de repente e era muito perigoso.

E todo mundo da rua corria mesmo, só que a gente estava se adaptando, não sabia. Eu lembro que quando a minha mãe cismava, ela ficava ali por perto, ela não descuidava não. Ela grudava na gente, a gente nem tinha visto os bois ainda, ela já grudava na gente, levava para dentro e fechava a porta. Éramos todos pequenininhos, magrinhos, era fácil. Eu fiquei nessa casa até os 20 anos de idade. Eu fui para São Paulo com 16 anos e depois com 19, voltei para essa casa já trabalhando em outro lugar em Itapira, depois voltei para São Paulo de novo. Aí a rua já não era mais terra, virou paralelepípedo. Hoje é uma avenida asfaltada, muito, muito movimentada.

Em São Paulo, conheci meu marido, nós alugamos um apartamento e ficamos morando ali. Ele trabalhava no exército, então acabei me mudando bastante por conta da profissão dele. Primeiro eu mudei para Osasco - SP, que é uma cidade da capital, o quartel era pertinho e a gente não tinha carro, não tinha telefone, o apartamento era de COHAB⁵⁰. Depois, ele fez um curso para ser instrutor do Tiro de Guerra. Aí a gente começou a mudar para várias cidades.

Morei em São José do Rio Preto - SP, Piracicaba - SP, Votuporanga - SP. Quando me mudei para Limeira - SP, eu morava em Ribeirão Preto - SP há 3 anos. Eu adorava lá porque eu trabalhava em uma escolinha, no berçário, adorava, trabalhava o dia todo. Meus filhos já estavam fazendo faculdade, então o dinheirinho que entrava era meu.

⁵⁰ A Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, COHAB, é uma empresa estatal responsável por executar políticas públicas de habitação na cidade de São Paulo e em sua região metropolitana (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, 2024).

Meu marido trabalhava no quartel, só meio expediente. Aí, apareceu uma vaga para o meu marido aqui em Limeira, de delegado do serviço militar, ele correu e aceitou. Não dava para esperar, ele tinha que resolver na hora, porque o comando era lá em Sorocaba - SP. Então, ele nem falou comigo, só aceitou. Quando ele chegou em casa e me contou, eu comecei a chorar, chorei muito. Eu não queria vir para Limeira, mas a gente não acredita que o dia de amanhã Deus já arrumou para a gente, né? Já estava tudo ajeitadinho.

Aí eu falei: “eu vou porque é a sua carreira”. Sempre falava para os meus filhos, primeiro a carreira do seu pai e depois o estudo de vocês três. Sempre foi assim. Eu falava pro meu marido: “Só não mudo de país, mas atrás de você pelo Brasil, eu vou”. Mas, eu queria ficar em Ribeirão, porque eu estava trabalhando, estava bom. Tinha independência pela primeira vez depois de casada, depois que o meu filho nasceu. Quer dizer, eu trabalhei em uma clínica até meu primeiro filho nascer. Mas, Deus sabe o que faz, nossa situação financeira melhorou quando viemos para cá, então por isso que eu falo, acho que em outro lugar não teria conseguido. Meu marido falou: “Você investiu bem. Começamos a namorar, eu era cabo e hoje está casada com um capitão. Eu falei: “Investi minha vida, né?”. Foi minha vida ali. Tudo que eles precisavam, eu estava ali, para meus filhos e meu marido.

Mudei para Limeira há 21 anos atrás e me adaptei bem em Limeira, fiz amizades, fiz teatro, fui voluntária na Pastoral da Criança⁵¹. Eu tenho uma frase que eu trago comigo assim: “Eu devo florescer onde Jesus me semear”. Eu tenho que ficar bem ali e eu faço tudo isso para ficar. Eu tenho minhas flores, eu crio meus bichos: gato, cachorro, passarinho, já tive todos.

E hoje eu moro na minha terceira casa aqui em Limeira - SP, em 20 anos. Moro em um prédio, no 10º andar, perto da linha do trem, não tão pertinho como antes. Mas, o suficiente para ouvir o trem. Eu amo ouvir o barulho dele, não me incomoda.

As pessoas falaram: “Você foi comprar apartamento lá perto?”. Eu disse: “Mas para mim barulho de trem é progresso”. De madrugada, se eu estiver acordada, eu ouço o apito, caso contrário não me acorda. E tem dias que eu ouço o barulho do trem, eu já sei se ele está vindo de um lado ou está vindo do outro, já conheço.

⁵¹ A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento integral de crianças entre 0 e 6 anos de idade em sua família e comunidade (Pastoral da Criança, 2023).

O trem vem escrito Rumo. Então eu gosto, rumo é uma coisa boa, né? “Toma seu rumo”, “vou para esse rumo”. É uma coisa boa, eu não vejo o trem como uma coisa ruim, pelo contrário. Estou muito feliz naquele apartamento, agora sou só eu e meu marido. Nós temos síndrome do ninho vazio. Mas, estamos contentes, felizes.

Juventude censurada

Eu fui uma menina moleca, eu tinha dois irmãos mais velhos e tinha os menores, ainda tinham os vizinhos, todo mundo tinha bastante filho, então quando ia escurecendo, ia todo mundo para a rua brincar. Os pais liberavam, ficavam na porta, uma mãe aqui, uma ali. Minha mãe não, ela ficava na porta e não descia para fora. Meu pai era muito ciumento, então segurava ali mesmo, ela foi acostumada em cativeiro, né?

Aí eu fui criada assim, brincando, subindo em árvore, brincando em carroceria de caminhão parado, que era sempre do pai, do tio, do avô, de alguém. Brincávamos em cima, pulávamos de um lado, saíamos do outro, então fui uma menina moleca.

Quando chegou na adolescência lá em Itapira, a gente saía a pé e ia para “Lindóinha” que é antes de Lindóia - SP, na prainha e cachoeirinha que tinham lá. Aí para voltar a gente encontrava conhecidos e voltava de carona, mas em turminha sempre, com o irmão, primo, vizinho de alguém, tudo junto. E os pais deixavam, mas, na verdade, acho que a gente nem pedia, a gente só combinava e participava, mas avisávamos eles. Porque a gente tinha essa liberdade, já trabalhava, né?

Eu com 14 anos tinha carteira registrada, comecei a trabalhar antes, mas registrada foi com 14 anos. Eu falo que eu nasci trabalhando e não parei até hoje. Sou dona de casa. Aí a gente ia lá nadar, depois de noite, se encontrava na praça. Às vezes era só para papear, para combinar algo para durante a semana. Ninguém mais estudava naquela turma. Era uma turma que só trabalhava, ninguém estudava.

Não falávamos mais de estudo, combinávamos passeios de final de semana, bailes. Quando estava sem dinheiro, a gente fazia a “festinha americana” em que cada um levava um prato. Bebida tinha muito pouquinho, a gente não tinha hábito, sabe? Às vezes, lá para os 15 anos, a gente pegava uma cuba⁵² que era pra noite toda que era mais Coca-Cola e gelo do que rum. E a gente aproveitou bem, a gente passeou bem.

⁵² Cuba-libre é uma bebida alcoólica, ou um coquetel feito à base de rum, refrigerante de cola e limão.

Eu fui para São Paulo com 15 para 16 anos, foi em 1970. Sempre fui muito apegada ao meu pai, andava na rua de mãos dadas com ele. Mas aí eu fui crescendo, fui vendo as coisas que minha mãe não contava, ele era alcoólatra. Então quando cheguei na adolescência, fiquei muito revoltada e eu não gostava de sentir raiva dele, eu não queria sentir essa revolta por ele.

Ele era meu pai, gostava muito dele. Nunca ganhei um chinelo, uma boneca, mas ele nunca deixou passar necessidade em casa, de alimento. E aí tinha uma amiga da minha irmã, não era nem minha amiga, era vizinha da nossa casa, mas era mais amiga da minha irmã, mais velha que eu, ela falava: “Zilda, eu vou casar em São Paulo, vou levar você para morar comigo”.

E aconteceu, ela casou, o marido trabalhava à noite e ela engravidou nos anos 1970. Foi na Copa⁵³ de 1970 que eu fui, ela engravidou e me chamou para ir para lá.

Eu trabalhava com carteira registrada já em Itapira. Aí eu nem pedi a conta do emprego, deixei pra minha mãe resolver, fiz minha bolsa e fui embora. Fiquei com ela 3 anos. O neném nasceu e ela me pediu para ficar com o neném para ela voltar a lecionar, eu falei que ficava. Era como se fosse meu primeiro filho, tanto que na minha foto de casamento, ele está lá com a carinha no bolo.

Depois, ela falou para mim: “Zilda queria tanto voltar a fazer faculdade”. Eu falei: “Vai”. Ela foi fazer a faculdade e eu fiquei 3 anos lá. Aí ela ia mudar, comprou o terreno e já tinha reformado a casa nova. Eu falei que para aquele bairro eu não iria porque eu morava em Santana, um bairro bom. Naquele tempo em Santana não tinha metrô, não tinha rodoviária.

Aí eu falei: “Ah, não vou, não vou mudar com você para aquele bairro, vou voltar, não vou mudar lá”. Então, voltei para Itapira, fui trabalhar de assistente em um laboratório de análises clínicas, estava registrada, gostavam de mim, eu gostava deles, era uma turma de meninas e o patrão e a irmã eram os donos.

Porém, minha amiga de São Paulo engravidou, isso ela já tinha se mudado para a nova casa, que eu nem conhecia. Ela teve um acidente grávida, com uma porta de vidro e cortou toda a mão, tinha que tomar a medicação, porém podia perder o neném.

⁵³ A Copa do Mundo da FIFA é uma competição internacional de futebol entre seleções masculinas da FIFA. A Copa de 1970 foi conquistada pelo Brasil, sendo seu 3º título (Copa do Mundo FIFA de 1970, 2025).

Então, me ligou chorando e me pediu para voltar para São Paulo, falou que só confiava o filho dela a mim e estava com medo de perder o outro bebê. Então, eu larguei tudo. Conversei com o meu patrão, ele falou: "Eu te dou o aviso prévio, eu anulo seu aviso prévio. E você vai, o dia que você precisa voltar, as portas estão abertas". E eu fui, um pouco depois conheci meu marido, em uma casa próxima. Ele também morava em Santana, na zona norte de São Paulo. Namoramos, noivamos, na verdade, fomos "namoridos", porque fomos morar juntos seis meses antes de casarmos, alugamos um apartamento e ficamos morando ali. Continuamos juntos até hoje, temos 47 anos de casados, três filhos e uma neta.

Enfim, quando cheguei em São Paulo, eu era jovem, já tinha aquele espírito de liberdade. Eu atravessava São Paulo de ponta a ponta de trem, ainda não tinha metrô, ele estava começando. Não lembro quando começou o metrô, mas eu lembro que eu peguei o começo do metrô em São Paulo. E a gente ia para todos os locais, tinha não sei o que no Ibirapuera, na Praça da República, a gente ia.

Só podia ir de dia, quando ficavam os hippies⁵⁴, de noite a gente não ia, porque já ficava perigoso, mas a gente passeava muito. Aquela foi a época dos hippies também. Falavam que eles usavam drogas, maconha, mas a gente não via nada disso, tinha uma casa de hippies, perto de onde eu morava. A gente não entrava, mas passava na porta e parava para conversar.

Eles ficavam ali na área da casa, fazendo artesanato, presenteavam a gente com corrente, pulseirinha, eles sabiam que a gente morava por ali. E "coisa errada", a gente não via, éramos jovens, eles podiam até fazer consumo de drogas, sei lá, mas ali estavam trabalhando, vendendo as coisas deles, iam para a Praça da República para vender. Eu tive uma bolsa de hippie dessa época, de couro pintado a mão, com franjas, que doei para uma pessoa alguns anos atrás. Mas nesse período, o que eu usava era só calça Lee⁵⁵ e blusa preta, eu e meus amigos.

Um dia a minha melhor amiga que era de Itapira, mas já morava há muitos anos em São Paulo, então era mais esperta do que eu, me chamou para passear. Não lembro em que ano foi, entre 1970 e 1973. Ela falou: "Zilda, vamos? Tem festa do

⁵⁴ O movimento hippie foi um movimento de contracultura que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 e que defendia uma sociedade mais libertária e naturalista (Hippie, 2024).

⁵⁵ A Lee é uma marca de Jeans criada em 1889. A marca Lee foi símbolo dos jovens nos anos 70 no movimento hippies e da contracultura e objeto de status nos anos 80 e 90, seguindo assim até os dias de hoje (Sou de algodão, 2024).

vinho em São Roque”. Eu pensei: *Nossa, ouvi tanto falar dessa festa, mas eu nunca vi. Deve ser legal*. Eu nem tomava vinho, mas aceitei. Falei “Quanto que vai gastar de trem?” Ela falou: “Ah, tanto”.

Então, contamos o dinheiro, colocamos no bolso da calça, no outro bolso um documento, um papel lá que a gente andava com os dados da gente e fomos embora. Encontramos duas meninas e três rapazes, ela era irmã de um, namorada do outro e o outro era amigo. Sei que ela tinha um irmão ali entre aqueles três.

E nós fomos no trem cantando, tinha um violão no meio. Carregava o violão nas costas, não era violão, era um violão menor, acho que era viola, eu que não conhecia. Aí nós chegamos em São Roque - SP, descemos. Olhamos o fluxo: o pessoal descendo, o pessoal subindo. Falei: “Então a gente vai descer que esse pessoal que desceu do trem vai para lá onde é a festa”.

A gente não tinha a mínima noção do que tinha nessa festa. Enquanto a gente estava descendo a ladeira, estavam subindo alguns militares que estavam trabalhando ali. Eles usavam aquele capacete redondo na cabeça e a gente descendo toda alegre, as mocinhas todas sorridentes, de repente, não sei o que aconteceu, quem que puxou a brincadeira, mas começaram a cantar: “Peniqueiro, peniqueiro. Oba!”.

E os militares odiavam que falasse que eles eram peniqueiros⁵⁶ por causa do capacete. Aí a gente estava descendo, cantando, e eles subiram com o fuzil nas costas, porque estavam de guarda. De repente a gente só escutou aquele barulho de coturno “pa pa pá”. Olhamos para trás, vimos que era com a gente o negócio.

Gritaram: “Para aí, para aí, para aí”. Todo mundo parou. “Encosta, encosta, encosta”. A gente não tinha nem onde encostar. Estávamos na rua, ficamos olhando para onde encostar. Aí nos prenderam, chamaram a viatura, entramos na viatura, botaram todo mundo atrás, os meninos. Mas, colocaram eu e a minha amiga na frente, com o motorista e o outro guarda.

A gente ficou pensando *por que nós não fomos lá atrás?* ficamos preocupadas. Aí ela me deu uns toques assim, como se diz, eu vou falar e você vai concordar. Ela falou assim: “Então, nós somos estudantes e nossos pais estão lá embaixo esperando a gente”. Eles questionaram: “Mas porque vocês estão com eles [os meninos]?”. Falei:

⁵⁶ A palavra pode se referir ao tipo de mesa de cabeceira sobre a qual se colocava o penico. Ou aquele que é responsável pela faxina, que trabalha na higienização do quarto, especialmente falando de quem recolhe e lava penicos; criado (Peniqueiro, c2025).

“Não, nós encontramos eles no trem. Meus pais vieram antes e a gente encontrou eles no trem. A gente fez amizades com eles. A gente nem sabe o nome deles”. Eu errei de falar isso na época, depois a gente analisou e concluiu que a gente errou. A gente tinha que ter falado que era primo, que era vizinho.

Bom, ela falou: “Meus pais estão esperando a gente lá embaixo. Eu tenho que ver onde que eu acho eles. Que eu nem conheço nada lá”. Minha amiga falou e eu concordei. Aí levaram a gente de volta para a estação de trem, onde estava o comando deles. Tomaram nota do nosso nome, do dos outros. Foi só aí que a gente viu os outros, eles estavam preocupados com o que podia ter acontecido conosco e a gente preocupada com o que podia acontecer com eles.

Naquele tempo a gente não ouvia falar tanto em gente que sumia, mas a gente sentiu na pele o perigo que estava correndo ali. Eles não levaram a gente de volta, mandaram a gente voltar a pé. Falaram: “Não, vocês vão por aqui, vocês chegam lá”. Aí nós fomos morrendo de medo, todo mundo assustado. E terminou assim nossa brincadeira.

Chegando lá, a gente se espalhou, andou um pouquinho, nos encontramos, pegamos o trem e voltamos juntos, todos com o rabinho no meio da perna. O trem chegou na estação, que era ali na Júlio Prestes, ali onde era a antiga rodoviária de São Paulo e cada um foi para o seu lado, mas ficou aquela preocupação. Quando chegou, eles iam para o bairro deles, que eu não me lembro na época que bairro era, então, trocamos endereço, porque a gente não tinha telefone. A gente não foi procurar eles, mas eles conseguiram ir no meu bairro que era de mais fácil acesso. Não tinha metrô aquele tempo, mas tinha ônibus, até elétricos. Alguns dias depois, eles apareceram na nossa porta, onde eu morava com a minha amiga, que era casada, tinha o filhinho. Eles apareceram lá para saber se estava tudo bem com a gente, se tinha passado o susto, sabe? Ficaram preocupados porque éramos duas meninas e eles estavam em mais. Eles eram três rapazes e duas meninas, todos magrinhos e com as calças Lee.

Foi uma aventura, mas a gente não era irresponsável. A gente tinha juízo. A gente se cuidava muito, a gente ia para bailinho de garagem, tudo, mas nunca pegava carro de ninguém, carro de carona. A gente não bebia, a gente tinha noção da responsabilidade, porque a gente não morava com os pais.

Ela também, ela não tinha a mãe e o pai dela morreu, velhinho, depois que ela foi para São Paulo. Mas, foi uma experiência que eu contei para os meus filhos logo,

para eles começarem a entender. Vira e mexe a minha filha fala: “lembra da história?”. A minha filha usa muita história minha para contar as coisas para as amigas. Quando eu contei, falei: “Olha, podia ter acontecido uma coisa pior ali, né?”. Porque a gente sabe que os militares estão servindo a pátria, mas são homens, né? E às vezes não tem nem família, então a gente fica preocupada. Hoje em dia eu tenho de exemplo isso.

O fato deles colocarem a gente na frente e não colocar lá atrás e tinha lugar para colocar, era um furgãozinho. Eu sei que eram do exército por causa da cor, né? E o capacete escrito PM: Polícia Militar. Eles estavam ali dando uma ronda, impondo um pouco de respeito, sabe? Mas a gente não tinha noção que essa brincadeira iria dar nisso, eu não sei nem da onde que surgiu. Eu acompanhei, minha amiga acompanhou e aconteceu o que aconteceu. A gente sabe que foi errado.

Enfim, foi uma história. Mas, a gente percebe que tinha alguma coisa, né? Um ambiente mais tenso, preocupado com as coisas. Aqui [no interior] a gente não vê polícia do exército, polícia militar, mas nas cidades maiores, você vê, sabe? Um deles, eu lembro que era PM e não tem nada de polícia municipal não, era PM, polícia militar.

A primeira coisa que eu vi assim na minha vida, a respeito de política. Começava a Hora do Brasil, meu pai ligava o rádio, ele era analfabeto, veio fugido de Minas por causa da Revolução⁵⁷. A Revolução entre Minas e São Paulo, inclusive Itapira, é o lugar onde estão os canhões enterrados na terra, para não os levar de volta.

Meu pai veio de Minas, ele morava em Varginha - MG ou Elói Mendes - MG, não sei, nasceu em uma, foi criado na outra. E ele fugiu para Artur Nogueira para se esconder da Revolução, foi onde conheceu minha mãe.

Bom, ele levantava, ligava o rádio na Hora do Brasil⁵⁸ e ele falava: “Ó, os comunistas estão falando, olha os comunistas estão falando”. Foi a primeira coisa que eu ouvi na minha vida sobre política. Eu nem sabia quem eram os comunistas. Depois, mais para a frente que eu fui saber de política. Mas a gente via aquele ambiente, os

⁵⁷ A Revolução Constitucionalista foi um movimento armado iniciado em 1932, liderado pelo estado de São Paulo, que defendia uma nova Constituição para o Brasil e atacava o autoritarismo do Governo Provisório de Getúlio Vargas (Revolução Constitucionalista de 1932, 2025).

⁵⁸ Atualmente intitulado de “A Voz do Brasil” é um noticiário radiofônico estatal, que passou ser transmitido a partir de 1935 com o nome de “Programa Nacional”, visando a divulgação dos principais acontecimentos da vida nacional. Em 1938, passou a ter transmissão obrigatória com horário fixo, mudando sua denominação para “A Hora do Brasil” (A Voz do Brasil, 2025).

homens, tinha um bar perto da minha casa, os vizinhos se reuniam lá para conversar, as mulheres se juntavam, era ali que saíam os assuntos.

Mas saber da ditadura mesmo foi lendo depois, né? O “Feliz Ano Velho”⁵⁹, logo quando ele lançou eu li, eu peguei ele na biblioteca. Mas, o que eu sei de ditadura hoje, casado com militar, são as coisas que ele conta, mas na época, ele também era jovem. Eu li muito sobre isso. Mas, nessa época em que aconteceu aquele encontro com os militares, eu não tinha noção, mas já era uma repressão isso aí.

A gente sabia que fez coisa errada, que a gente provocou, né? A gente mexeu com eles. Acho que era mais uma noção de que não poderia mexer com os militares, mas não necessariamente saber que estava tendo um regime que era uma ditadura ou que as pessoas sumiam, né? Nada nesse sentido, era só um medo deles.

⁵⁹ Feliz Ano Velho é um romance brasileiro de autoria de Marcelo Rubens Paiva lançado em 1982.

Patricia Liliana Pardo

Patricia nasceu na Argentina, na região da Grande Buenos Aires, a 50 km da capital. Seu pai desejava que os filhos fossem porteños, termo usado para quem nasce na capital Buenos Aires. No entanto, tecnicamente, Patricia é bonaerense, pois nasceu fora da capital, em San Martín, na Grande Buenos Aires, a uma curta viagem de 15 minutos de trem elétrico até a cidade.

Ela veio ao mundo em 22 de fevereiro de 1957, mas foi registrada apenas em 22 de abril do mesmo ano. Sua mãe conta que nenhum dos filhos nasceu pela manhã e embora um documento mencione 5h30, Patricia acredita que provavelmente nasceu às 17h30, o que considera importante para seu mapa astral.

Ela é a quinta de nove filhos. Seu pai se chamava Ernesto Fructuoso Pardo, e sua mãe, Vicenta Matilde Benítez, neta de Maria Benitez, uma brasileira provavelmente nordestina. Ela não sabe o nome de seu avô materno, mas sabe que era alemão. Seus avós paternos eram Antonio Ernesto Pardo, espanhol, e America Constantino, italiana. America foi a única avó que Patricia conheceu.

Patricia é mãe de quatro filhos, de três pais diferentes e avó de 11 netos. Sete netos nasceram na Tierra del Fuego, Argentina e quatro na Chapada Diamantina, Vale do Capão, Bahia, Brasil. Seu primeiro filho, Jorge Ezequiel Guereta, recebeu o nome em homenagem ao irmão mais velho de Patricia, que ela considerava mais presente em sua vida, presenciando todos os momentos, tanto os bons quanto os ruins, mais que seu próprio pai. Seu segundo filho é Pablo Sebastián Guereta. O pai desses dois rapazes foi o único com quem Patricia teve um casamento civil, do qual se separou legalmente.

Os dois filhos mais novos são Mayra Pardo Bender, a única mulher e Wara Inti, aluno da UNICAMP. Wara significa "estrela" em aimará, e Inti, "sol" em quéchua. Wara foi o único filho não registrado pelo pai, que estava no Brasil enquanto Patricia estava na Argentina. Por isso, seu nome completo é Wara Inti Pardo.

Patricia conclui sua biografia afirmando: "Eu fui por muito tempo 'clandestina', entre aspas, pois não acredito na ideia das fronteiras que dividem os países".

A menina que viajou com a própria história: fugindo para voltar

O que eu tenho de lembrança da infância é de quando meus pais se separaram. Nos puseram ao redor da cama e disseram: "Este eu levo, este fica com você". Meu pai ficou ressentido e viveu toda a vida amargurado porque não queria se separar, mas quando viviam juntos ele maltratava minha mãe, tanto verbal, moral quanto fisicamente. Ele queria levar todos os filhos, menos Jorge, porque Jorge não era seu filho natural; minha mãe o teve antes de conhecê-lo. Ele queria fazer isso apenas para contrariar minha mãe, pois na realidade ele não gostava de mim e se referia a mim como "aborígene", "índia", "burra". Eu era a mais morena dos filhos, a mais parecida com minha mãe e eu também não gostava dele. Não fiquei com ele por muito tempo. Eu era chorona e fazia xixi na cama, acho que era uma forma de rebeldia porque sabia que isso o incomodava. Também tinha pesadelos e sentia uma energia muito pesada. Então, meu irmão Jorge veio me buscar e eu voltei para minha mãe.

Depois de alguns anos, meu pai me buscou novamente para me levar a morar com minha avó. Meu pai trabalhava em barcos areeiros⁶⁰, era maquinista e ficava 15 dias embarcado e uma semana em casa de minha avó. Enquanto meu pai estava embarcado, eu ficava com ela e Raul, o marido dela. Acredito que minha avó via em mim a minha mãe. A primeira vez que fugi, eu tinha 9 anos. Minha avó vivia falando mal de minha mãe e eu não suportava ouvi-la falar mal porque, além de ser criada por minha mãe, ela não era a pessoa que minha avó paterna descrevia. Eu sempre a defendia. Um dia, me mandaram buscar vinho e pilhas, mas, em vez disso, peguei o dinheiro, fui à estação de trem e viajei até a casa de minha mãe.

Sabe que viajei um monte de quilômetros (...) sempre senti que tinha um instinto aguçado e sempre o escutei, e, nas vezes em que não escutei, me dei muito mal. Para que não me pegassem, inventei uma história: me aproximei de uma família com uma criança e falei que minha mãe estava doente e que minha avó tinha me dado o dinheiro para ir sozinha porque ninguém podia me acompanhar e perguntei se podia viajar com eles. Claro que a mulher falou que sim. Quando chegamos à estação de trem Constitución, ela falou com outra mulher que ia pegar o metrô e contou o motivo de eu estar viajando sozinha. A outra mulher foi comigo até a estação de trem Retiro e lá peguei outro trem até San Martín, e, por último, um ônibus que passava em frente à

⁶⁰ Barco que transporta areia (Informação fornecida por Patricia).

minha casa. Passei por trem, ônibus, metrô, repetindo essa mesma história. Fui do sul ao norte da Grande Buenos Aires, desde a casa de minha avó até a capital e de lá segui até outra ponta. Tinha 9 anos nessa viagem. Quando cheguei, minha mãe, a princípio, ficou mal, mas depois deu altas risadas ao ouvir como tinha viajado e como meu pai ia ficar puto da vida que eu tinha fugido sozinha contando minha historinha.

O caminho que não escolhi, mas que me salvou

Meu pai queria me domesticar, mas minha mãe estava com um homem ainda pior que ele. Como eu não queria voltar para a casa da minha avó, meu pai me colocou em um internato de freiras, onde minha irmã estudava. Mas lá também não gostavam de mim – me tratavam como um bicho do mato. Na época, isso me ofendia, mas, no fundo, eu realmente era um bicho do mato. Me chamavam de índia e até minha irmã tinha vergonha de mim porque eu não tinha ido à escola. Ela era abanderada⁶¹, tirava boas notas, tinha feito a comunhão. E eu, nada disso.

Ela ficou com meu pai e eu com minha mãe, que precisava de mim para cuidar dos meus irmãos enquanto trabalhava. Eles eram filhos dela com outro homem, que não nos respeitava – nem a minha mãe. Eu queria muito que ela se separasse dele. No fim, ninguém sabe de verdade o que acontece dentro de uma casa.

As freiras me colocavam de castigo porque eu fazia xixi na cama e, claro, porque não me ajustava às regras. Uma vez, em uma brincadeira em que girávamos rápido de mãos dadas, senti que a menina ia me soltar, então eu a soltei primeiro. Ela se golpeou numa coluna e quebrou o nariz. Me expulsaram.

Fiquei “dócil” até os 12 anos, mas depois parecia que nada mais me cabia. Se dentro de casa era tão ruim quanto fora, preferia estar na rua, onde ninguém me dizia o que fazer. Se eles mesmos não davam o exemplo, por que eu deveria respeitá-los? Comecei a ir e vir conforme me convinha. Quando meu pai enchia o saco, ia para a casa da minha mãe, e vice-versa. Saía sozinha à noite, ia a bares e clubes. Muitas vezes era detida por ser menor e meu pai tinha que me buscar.

⁶¹ Significa “porta-bandeira” e ser porta-bandeira/abanderada de uma instituição educacional é a maior distinção que um aluno pode obter em sua escola. Isso significa disciplina, respeito às regras e alto desempenho acadêmico. O aluno usa uma faixa no peito e carrega a bandeira da escola em desfiles (Informação fornecida por Patricia).

Aos 16 anos, ele me levou a um juiz de menores, que deu duas opções: um reformatório (tipo FEBEM) ou um internato de freiras. Meu pai escolheu o internato, o San José. No começo, odiei, mas depois vi que aquilo me salvou. Se não tivesse ido, talvez tivesse terminado morta, viciada ou alcoólatra. Lá, conheci a irmã Aurora, a única que me transmitia calor humano. Ela me ouvia, me entendia. Graças a ela, fui cedendo e aprendi muitas coisas: bordar, cozinhar, lavar, passar. Quando me sentia angustiada e não me deixavam ficar sozinha, pegava a tesoura e destruía meu bordado até entenderem que eu precisava de espaço. Não queria estar com pessoas o tempo todo.

Lá acordávamos às 5h, arrumávamos a cama rezando, tomávamos banho frio, íamos à missa e depois ao café da manhã. Durante o dia, trabalhávamos duro para sustentar a escola – lavávamos roupa, cozinávamos, fazíamos bordados sob encomenda. Era um trabalho duro, mas aprendi muito. Era um lugar chique, num bairro nobre de Martínez, na zona norte de Gran Buenos Aires, a escola ocupava um quarteirão inteiro. Éramos em 500, entre freiras, internas, externas, bolsistas e adolescentes como eu, enviadas pelo juizado de menores. As freiras faziam de tudo para sustentar a escola, pedindo doações no Mercado del Abasto. Os feirantes doavam caixas inteiras de frutas, verduras e legumes. Nas padarias, ganhávamos pão e *facturas*⁶².

Naquele tempo, a Argentina vivia dias sombrios. Quando Perón morreu e Isabel Perón assumiu, as freiras já previam um golpe militar, que veio dois anos depois. O toque de recolher proibia grupos de três ou mais na rua à noite. Às vezes, um ônibus fora de linha nos levava para averiguação. Se ninguém nos procurasse, não sei se voltaríamos. Amigos desapareciam de repente. Meu irmão Jorge e eu, as “ovelhas negras” da família, vivíamos com medo. Cada vez que ele saía, eu não relaxava até vê-lo de volta.

Meu pai poderia ter me tirado do internato aos 18, mas demorou. Ficamos quase um ano sem nos falar. Nesse tempo, me desliguei da família. No final, ele me procurou pouco antes de eu completar 19 anos. Apesar de tudo, agradeço essa

⁶² *Facturas* é a variedade de massas doces de padaria (Facturas, 2025).

experiência. Me tirou da rua e me ensinou a valorizar a vida. Me afastou de um destino muito pior.

Quando a liberdade não cabe em um lar

Voltei para casa e, novamente, não queria me adaptar às regras impostas pela família. Depois de um tempo, conheci Ramón, o pai dos meus filhos. Logo saímos viajando de carona para o litoral: Villa Gesell, Pinamar, Mar del Plata e Necochea, que foi a que mais gostei, com seus lindos bosques. Villa Gesell também me encantou, com suas feirinhas *hippies* e muitos *campings*. Foi nessa viagem que aprendi a fazer minha primeira pulseira de macramê.

Depois de alguns meses, voltamos, mas Ramón não estava pronto; queria voltar para a casa da mãe. Ele era um bom rapaz, o único defeito era viver debaixo das asas dela, fazendo tudo o que ela queria. A mãe dele, claro, não me suportava, pois eu era independente. Eu já tinha engolido tanta coisa até os 12 anos que, quando alguém tentava decidir o que eu tinha que fazer ou não, eu simplesmente não aceitava. Eu queria um relacionamento com um pouco de independência, não para traí-lo, mas para ter meu espaço, pois às vezes eu precisava ficar sozinha ou estar com amigas. Não queria estar o tempo todo com alguém.

Sempre precisei de meu tempo, meu espaço. Quando era mais nova, tinha muito medo de ficar sozinha, mas depois que aprendi, não queria mais estar cercada de pessoas o tempo todo. Acreditava que perdia minha identidade e isso me incomodava. A mãe de Ramón não gostava e dizia que, por ser casada, eu precisava da permissão dele para sair. Que permissão? Eu poderia avisar, pedir não. Claro que não nos dávamos bem, porque a mãe dele queria me controlar. Que desafio de vida, todos queriam me controlar. As pessoas não conseguem se controlar e ainda querem controlar os outros!

No meio disso, começou toda a história das Ilhas Malvinas⁶³ e foi um caos. Mães, esposas, noivas, amigos e irmãos viviam preocupados com a possibilidade de

⁶³ A Guerra das Malvinas foi um conflito em 1982 entre Argentina e Reino Unido pelo controle das ilhas Malvinas (Guerra das Malvinas, 2025).

seus filhos e entes queridos serem chamados. Até eu fiquei aflita, pois não queria que chamassem Ramón. Já se sabia que a Argentina iria perder.

O irmão de Ramón e o Omar, um amigo que mais tarde se tornou padrinho do meu filho Jorge; seguiam carreira militar e nos contavam que estavam convocando muitos jovens das províncias do norte, meninos de 16, 17, 18 anos, completamente despreparados. Enquanto isso, aqueles que já faziam carreira militar eram mandados para casa.

Eu trabalhava na capital e, um dia, vi o metrô cheio desses jovens. O medo em seus rostos era evidente: estavam apavorados, tremendo. Senti uma compaixão imensa e, ao mesmo tempo, uma impotência diante de tanta injustiça. Estavam enviando aqueles meninos para o matadouro. Para quem quisesse ver, era óbvio que a guerra já estava perdida.

Os poucos que retornaram contavam atrocidades: muitos morriam de frio, fome e até degolados. Realmente, tinham sido mandados para o matadouro. Foi um período muito triste. As mães se reuniam na Praça de Maio, chorando por seus filhos. Além dos mortos, houve muitos que voltaram mutilados e tantos outros que simplesmente desapareceram. O povo ficou devastado. A guerra durou dois meses e alguns dias, mas as mães choraram por décadas.

Depois de alguns meses, saímos novamente para viajar, agora com Jorge, nosso filho. Fomos para Rio Negro, onde tem a maior produção de maçã na Argentina, depois em Neuquén, consegui trabalho em uma rotisserie. Eu trabalhava duro e Ramón ficava em casa lendo revistas de D'Artagnan. Eu odiava! Chegava cansada e ele lá, encostado. Ele até conseguiu um emprego como carpinteiro, mas logo saiu porque não concordava com o salário. A mãe dele nos chamou de volta e ele voltou a ficar sob suas asas.

A família dele tinha uma condição econômica um pouco melhor que a minha e se achavam superiores, mas eu nunca me importei. O que importa é quem você é como pessoa, não as aparências. Queria que Ramón compreendesse isso, mas não funcionou. Acabei voltando para a casa da minha mãe com Jorge.

Enquanto isso, ele começou a sair com uma moça que andava sempre com uma Bíblia debaixo do braço. Sua mãe, claro, ficou encantada e queria que o filho

ficasse com ela, nem se importando com o fato de termos um filho juntos. Eu simplesmente não conseguia acreditar em tanta hipocrisia.

A mãe dele ia à igreja todos os domingos, mas de segunda a sexta fazia da minha vida e da vida das outras duas noras um inferno. Eu me perguntava: “Só porque carrega uma Bíblia, é uma santa?”. No fim, não deu certo nem comigo, nem com a “santa de pau oco”.

A verdade é que eu já sabia que não ia funcionar. Ele era completamente dependente da família e eu não. Ficamos mais tempo namorando do que casados. Só me casei no civil porque as famílias queriam. No fundo, acho que casamento é só mais uma mentira. Nem um ano durou e já estávamos separados. Ele era um grande companheiro, mas sua mãe e seus irmãos não suportavam isso.

Nos separamos e os problemas com a custódia começaram. Eu assinei um papel sem saber que estava cedendo a custódia, e depois, o juiz disse que não podia fazer nada e que se não entrássemos em um acordo, os meninos iriam para um lar de menores. Cedi, mas isso acabou comigo, era o que a mãe dele queria. Ramón levou os meninos para Tierra del Fuego e fiquei muito triste, a casa estava vazia sem meus filhos, sentia-me muito mal, sem incentivo.

Perdendo e encontrando caminhos na Tierra del Fuego

Depois de meses conheci Eduardo e começamos a viajar vendendo artesanato rumo a Tierra del Fuego onde estavam meus filhos, onde termina (ou começa) o continente na América do Sul, no mapa tem o formato de uma bota.

Eles estavam em Rio Grande e logo percebi que a suposta estabilidade econômica que Ramón dizia ter não passava de ilusão. Viviam em uma casa extremamente precária, impossível de viver daquela maneira onde as temperaturas podem chegar a 20 ou 30 graus abaixo de zero. A madrasta, claro, não gostava deles e já tinha um filho com Ramón.

Em vez de ficar em Rio Grande, segui para Ushuaia, que era mais turístico e realmente mais bonito. A cidade parecia um pedaço da Europa, com um porto, aeroporto, montanhas cobertas de neve e a beleza natural que faziam de Ushuaia um lugar muito mais estruturado e com mais dinheiro circulando.

Em Ushuaia, consegui trabalho como cozinheira na casa do prefeito da cidade enquanto meu companheiro vendia artesanato. Ganhávamos bem, mas o frio era insuportável, para viver ali era essencial ter roupas adequadas, uma boa alimentação e botas resistentes para enfrentar a neve. Tentei ficar com as crianças, mas mais uma vez Ramón não quis me conceder a guarda legal. O jogo era sempre o mesmo. Passei anos sentindo culpa, mas depois decidi que não queria mais viver assim.

Quando o inverno começou, partimos novamente, desta vez rumo à Grande Buenos Aires. No caminho, passamos por Santa Cruz, onde, em Rio Gallegos, enfrentamos ventos de 100 km/h que tornavam quase impossível caminhar. Depois seguimos para Chubut, na Península de Valdés, onde as baleias se acasalam e de lá fomos para Neuquén e Rio Negro. Queríamos conhecer El Bolsón, aos pés do Monte Piltriquitrón, na Cordilheira dos Andes, mas, com a chegada do inverno, não deu certo: fazia frio demais. Então continuamos até Cipolletti, na província de Rio Negro, depois seguimos para Carmen de Patagones e, de lá, pegamos um trem de volta para casa.

Meus filhos vieram me visitar e, depois de três meses, precisavam retornar, mas desta vez eu não os deixei ir. O pai teve que vir buscá-los. No fundo, eu acreditava que ficariam comigo, mas ele os comprou com botas, brinquedos e os levou outra vez. Lutei muito, mas sempre parecia que tudo conspirava para me manter longe deles. Vivi anos carregando essa história, esse peso, essa dor na alma, sem nada que me motivasse a seguir em frente. Mas, com o tempo, virei a página.

Artesanato e Liberdade

Comecei a viajar e a viver minha vida com Eduardo, produzindo artesanato e viajando de carona. Experimentamos essas ervas de poder, fomos a encontros de comunidades alternativas no Brasil, como dos Hare Krishna e Santo Daime. Fizemos muitas coisas juntos e separados, não conseguíamos ficar muito tempo juntos. Então, quando precisávamos desse tempo, cada um viajava para um lado.

Vim ao Brasil a convite do meu irmão Jorge, que produzia joias em prata e alpaca em alta produção, tipo uns 300 brincos e 500 anéis. Ele me ensinou a produzir brincos, anéis, colares e pulseiras usando materiais como pedras, resina, ossos e chifres. O trabalho era repetitivo e era preciso ter paciência, principalmente na

montagem e polimento. Evitava a soldagem com maçarico, pois o produto usado me fazia mal e, na época, eu estava grávida.

Também fazia pulseiras com um ponto que é chamado de peruano. Argolas de arame com alicate redondo. Quando estava tudo pronto, tinha que cortá-las com o alicate de corte uma a uma, depois separá-las e fazer a montagem: abrir, fechar, abrir, fechar. Bom, eu fazia isso e também ia para o polimento. Tudo isso acontecia durante uma temporada. Quando terminávamos, meu irmão, que tinha o maior capital, ferramentas, casa, tudo, claro que ficava com mais quantidade. Eduardo e eu dividíamos por igual a mercadoria e cada um ficava com seu lucro. Se ele vendia por atacado ou um a um, já era com ele mesmo.

Tudo isso foi em Pernambuco. Lá conheci o carnaval de Olinda e experimentei tapioca pela primeira vez, acompanhada de uma cerveja. Depois de viver muito tempo no Nordeste, quis explorar outros estados. Em uma viagem a São Paulo, visitei a 25 de Março e me surpreendi ao encontrar materiais idênticos aos que produzia manualmente sendo vendidos a preços muito baixos. Nesta viagem, fui vender na USP para financiar minha passagem de volta a São Tomé das Letras.

A partir disso, passei a comercializar joias de prata indiana e outros produtos importados, equilibrando artesanato e revenda, usando os produtos da 25 de março. Para atender às exigências das feiras, que requeriam 75% de produção artesanal, agregava acabamentos manuais às peças industriais. O trabalho precisava ser ágil para sustentar minha filha e cobrir despesas. Com o tempo, a indústria impactou os artesãos, mas ainda há pessoas e lugares que valorizam a artesanaria.

Durista: aventuras e sobrevivência nas estradas da América do Sul

Viajamos por todos os lados. Conhecemos a Argentina do norte ao sul, que é muito bonita. Em Tucumán, nos queriam bater porque meu companheiro era cabeludo e eu tinha o cabelo bem curtinho. Saímos voados. Era tanto preconceito que nos insultavam só porque éramos diferentes. Nessa província tem umas praças bem bonitas, chamam de “Jardim da República”. Também lá tem Tafí del Valle, que fica a não sei quantos quilômetros acima do nível do mar. Não conseguia respirar e ficávamos esmagados, dava a impressão que a terra nos puxava.

Viajamos de todo jeito que era possível: carro, caminhão, trem, até avião de carona. Viajar, para mim, é um vício; sempre quero e penso em viajar. A primeira vez que visitei o Brasil foi em 1985, para visitar meu irmão na Tijuca - RJ. Perto tinha uma feira de frutas e verduras que me deixava alucinada. Te davam para experimentar todo tipo de frutas, fazia o desjejum.

Fui a uma palestra em São Paulo de Guru Maharaj, conheci Embu das Artes, que parece muito com um bairro de Buenos Aires, San Telmo. Também conheci Itapeverica da Serra e Santo Amaro. De lá, voltei ao Rio. Meu irmão e cunhada tinham uma banca que ficava numa feira hippie muito badalada, em General Osório. Aos domingos, tinha tanta gente que parecia um formigueiro. Nesse tempo, não dávamos conta de vender; tinha gente de todo o mundo. Se escutavam quase todos os idiomas. Tinha altos artesãos, artistas plásticos, escultores, nômades, músicos. Minha cunhada costurava à mão e também tinha umas pessoas que trabalhavam com ela, fazendo roupas com tecido cru, e meu irmão, na época, trabalhava com prata. Sentia que estava no paraíso; gostava muito desse ambiente.

Nos três meses que fiquei no Rio, ia a essa praça aos domingos e na Praça Sáens Peña aos sábados. Também conheci a Rocinha com meu irmão que me levou e disse: “Fica de bico calado para não escutarem teu sotaque”, ele me chamava de Pato.

Demorei três anos para conseguir vir morar no Brasil. Quando vim, saí da casa que aluguei com Eduardo em um bairro de Gran Buenos Aires e começamos a viagem. Em Misiones nos separamos porque eu queria chegar logo e Eduardo não. Então fui de carona até o Rio de Janeiro e tomei o ônibus para Pernambuco, onde Jorge vivia em Casa Caiada, Olinda. Depois de uns meses, Eduardo veio.

Queria ter minha filha em parto humanizado em casa, mas Eduardo não queria. Então fui à Cidade Universitária, onde nasceu minha filha, no Hospital das Clínicas, hospital e faculdade de medicina.

Moramos perto de Cabo de Santo Agostinho. Fizemos um tratamento natural que consistia em uma limpeza de sangue e, por consequência, desintoxicação. Não podíamos ficar com outras pessoas porque estávamos sempre com cataplasma de barro. Não bebíamos, não fumávamos, não comíamos carne nem nada muito

elaborado. Nossa alimentação era frutas, verduras cruas e oleaginosas. Eduardo começou primeiro, eu comecei ainda grávida. Foi muito bom; em três meses antes, durante e depois da gravidez, emagreci 25 quilos.

Eduardo quis seguir viagem; eu fiquei em Pernambuco. Logo depois, quando minha filha tinha um ano, fui a Maricá e Mauá - RJ. Fiquei duas semanas em uma comunidade do Santo Daime e uma semana em Caparaó - MG, que é o tempo que se realiza o encontro na lua cheia de julho.

Voltei a Pernambuco, fiquei uns meses, mas depois voltei à Argentina de carona e fui até Tierra del Fuego com minha filha. Demorei uma semana e meia, tudo de carona. Foram quase 6.000 km por terra. Tem que passar pela fronteira do Chile.

Na fronteira, também rolou um estresse porque não queriam me deixar cruzar porque minha filha não estava registrada sem o nome do pai. Eu já estava começando a ficar passada, o caminhoneiro estava me esperando. Vem um carabineiro⁶⁴ e me pergunta se minha filha tinha um pai. Eu respondi: “Claro que tem um pai, porque o do Espírito Santo já se foi há muito tempo”. Ele ficou vermelho. Eu não dei risada na cara dele porque eles tinham fama de te matar por nada e Pinochet ainda estava vivo. Muitos chilenos viajantes e artesãos como eu nos contavam muitas injustiças que ele fazia com o povo, sobretudo os mais cultos. Enfim, o Chile sofreu durante muito tempo ditadura, repressão e morte de muitas pessoas.

Me quedei em Río Grande, em Tierra del Fuego. O caminhoneiro me deixou a um quarteirão da casa dos meus filhos. Visitei meus filhos e passei um tempo com meu irmão Marcelo em Río Grande. Ganhei uma *casita* e trabalhei em um lugar onde lavavam carros. Consegui colocar minha filha em uma creche perto, mas não queria viver em um lugar tão frio, convivendo com os pinguins. Era frio demais, entre 20 a 30 graus abaixo de zero. Além disso, meus filhos nem vinham me visitar.

Assistia à televisão e via uma propaganda que mostrava uma mulher em uma praia do Ceará e eu chorava de saudades do Brasil. Depois de um ano, vendi a casa por 4.000 dólares, me despedi de todos e voltei ao Brasil antes de minha filha completar três anos para não precisar pagar passagem para ela

⁶⁴ Originalmente, um carabineiro era um soldado de cavalaria armado com uma carabina (uma versão mais curta do mosquete) (Carabineiro, 2015).

Voltei a Buenos Aires, visitei a família, me despedi e segui viagem. Fui para Pernambuco, onde meu irmão ainda morava. Encontrei Eduardo e morei um tempo em Jericoacoara e depois convivi com um casal de italianos e os filhos em uma minicomunidade em Caiçara, a 12 km de Jericoacoara. De novo estava assim: a viajar e curtir a vida.

Fui ao Maranhão, mas a primeira vez fiquei pouco tempo. A cor do mar lá é marrom, devido à influência do Rio Amazonas. Não conseguia vender nada, era muito difícil. Fui para Belém do Pará, mas tampouco conseguia vender.

Encontrei, por acaso, dois amigos que conheci em Mauá, quando fui ao Rio de Janeiro em 85. Eles eram artesãos, trabalhavam como meu irmão em grandes produções, vendendo em feirinhas, para lojas ou por atacado. Contei que estava expondo, mas não estava gostando muito, que não nos deixavam usar os banheiros e as vendas não estavam boas. Disse que estava pensando em ir para Manaus para conhecer, me disseram que se em Belém estava difícil, Manaus era ainda mais. Mas, de todo lugar, sempre gostei de alguma coisa. As praças de Belém são belas, tem o mercado do Ver-o-Peso, que além de ser enorme, fica colado ao porto e tem uma variedade surreal de coisas, principalmente artesanatos regionais. A primeira vez que provei açaí foi lá. Era muito diferente do que se consome aqui: sem açúcar, acompanhado de farinha de mandioca e peixe-frito. Eles serviam uma tigela grande de açaí e um peixe-frito grande. Era uma refeição que deixava a pessoa satisfeita o dia inteiro.

Fiquei uma semana em um lugar afastado de Belém, com um casal que os dois amigos me apresentaram, lá me preparei para a próxima viagem, sempre tem que ter uma certa quantidade de artesanato. Fui para a ilha de Algodoal - PA, onde conheci algumas nativas que me convidaram para dançar Carimbó, uma dança típica do lugar. Amei Algodoal, mas na época não havia turismo, então não vendia nada. Voltei ao Maranhão, passei por Alcântara, São José de Ribamar e rapidamente pelo Piauí, onde também era ruim de vendas.

Fiz o passeio de barco de carona do delta do Rio Parnaíba até Tutóia - MA. Foi muito legal. Os rapazes nos convidaram para comer peixe com farinha de mandioca. Lá é farinha e peixe no café da manhã, pirão de peixe ao meio dia e peixe-frito e café de noite; então, meu amigo, se você não gosta de peixe nem de farinha, não vá!

Voltei ao Ceará, a Jericoacoara, a Caiçara, a Jijoca de Jericoacoara, que tem uma lagoa grande. Fiquei com amigos que têm uma pequena pousada lá. Depois de uns dias, segui viagem para a praia de Cumbuco e Fortaleza. Não fiquei muito tempo, pois é uma cidade grande e não é boa para vendas. Prefiro lugares pequenos com mais turistas, então segui para Canoa Quebrada - CE, Natal e Ponta Negra - RN.

Em Pernambuco, além da cidade, conheci Olinda, onde vivi com meu irmão. Conheci Gaibú, Calhetas e Cabo de Santo Agostinho. Anos depois, fui a Porto de Galinhas. Fui a uma comunidade dos Hare Krishna e fiquei em um templo em Caruaru, onde se festeja o forró, são duas cidades: uma pertence a Pernambuco e a outra a Paraíba e têm as maiores festas juninas que eu já vi.

Continuei viajando e vendendo artesanato. Passei por Minas Gerais: Belo Horizonte, São Tomé das Letras, Ouro Preto, Mariana. Na época, Mariana ainda não havia passado por essa tragédia. Mariana era linda, bem chiquérrima. Essas regiões estavam cheias de faculdades e praças bem bonitas.

Fui a Goiás, passando por Goiânia, Brasília, São Jorge, Alto Paraíso e Pirenópolis. Na época, o trabalho com prata, pedras preciosas e semipreciosas, além do tear, era bastante comum. Passei um tempo em uma comunidade no Parque Estadual dos Pirineus, junto a alguns amigos de Eduardo. Que lugares lindos!

Também estive em Águas de São João, no interior de Goiás, um lugar conhecido por suas águas ricas em enxofre. Muitas pessoas vão até lá para tratar problemas de pele e úlceras no estômago. Durante nossa estadia, bebíamos a água, cozinávamos com ela e tomávamos banho, aproveitando todos os seus benefícios.

Em Cristalina - GO, tive uma experiência tão ruim que nunca mais me esqueci. Eu estava voltando de Brasília e queria ir para a Argentina, pois minha relação com o pai de Wara estava em uma fase caótica. “Vou para a Argentina, onde minha família pode me ajudar”, pensei. Estava sozinha, grávida e com minha filha Mayra, de 5 anos.

Em Brasília, fiquei um tempo em uma comunidade de devotos de Krishna, mas logo quis seguir viagem. O templo ficava em uma cidade-satélite. Pedi uma passagem e me deram até Cristalina. Quando cheguei lá, fui direto para um posto de gasolina, pois, na maioria das vezes, são os caminhoneiros que oferecem caronas. Eles percorrem longas distâncias, o que é uma ótima opção para quem viaja com pouco

dinheiro. Alguns perguntam por que você faz isso, outros querem saber se não tem medo ou dizem que é preciso coragem. Há aqueles que perguntam se você está com fome e oferecem comida. Tem de tudo, mas, no geral, são os mais receptivos para quem viaja sem recursos.

Pedi para não me deixarem na rodoviária, mas sim no posto de gasolina, pois imaginei que conseguiria seguir viagem pegando carona. Minha filha e eu estávamos com fome, e eu, grávida de Wara. Fui até o restaurante do posto pedir comida, mas não me deram nada. Tentei oferecer um artesanato em troca, qualquer coisa, uma fruta, um pedaço de pão, mas a resposta continuou sendo não.

Vi um caminhoneiro e me aproximei. Ele disse que não queria mais comida, mas que também não queria se comprometer. Então falou: “Se quiser, pegue”. Eu tinha um pote, coloquei a comida nele e saí para comer do lado de fora.

Foi aí que o dono do restaurante saiu com uma vassoura na mão. Mesmo grávida, ele começou a me golpear de todos os lados. Cheguei a Buenos Aires, na casa da minha família, cheia de hematomas das pauladas que levei. O pior é que um policial viu tudo e ainda disse que o dono do restaurante estava certo, porque aquele era o estabelecimento dele e eu estava incomodando. Segundo ele, havia testemunhas dizendo que fui eu quem importunou.

Um funcionário que viu tudo me disse que não poderia denunciar, pois dependia daquele trabalho. Ele me explicou que as pessoas ali eram assim mesmo, cheias de maldade. Antes de sair embora, me deu dinheiro para que eu pudesse seguir viagem.

Depois que meu filho nasceu na Argentina, passei novamente por aquele lugar e o restaurante já não existia mais. Fechou, talvez porque a energia ruim que carregavam acabou afundando o negócio.

E assim é a vida: em alguns lugares, vivemos coisas boas; em outros, nem tanto.

Isso foi no Maranhão, que é muito pobre, mas muito pobre mesmo. São Luís tem uma fachada bonita, o projeto Reviver, todo pitoresco, cheio de artesanato. Mas basta virar a esquina que a realidade é outra.

Fui para o interior, onde as casinhas tinham cruz na frente. Bati em uma e perguntei se queriam trocar comida por um artesanato. Eu pedia porque não tinha dinheiro, mas tinha artesanato como moeda de troca. O homem me chamou de vagabunda e mandou eu ir trabalhar. E eu, primeiro, fiquei indignada e depois disse: “Ah, quando chegar o juízo final e Jesus te falar: ‘Te pedi um prato de comida e não me deste’. Era eu!”. Disse: “Você está pensando que ele vai vir pessoalmente te pedir?”. Ele entrou correndo e trancou a porta.

Os vizinhos ouviram tudo e nem precisei pedir. Saíram com arroz, feijão, suco e fruta. Em São Luís, vi muita gente passando necessidade, mas também aprendi muito.

Naquela praia que te disse que fui no Pará, Algodual, lá me convidaram para fazer uma dança típica que se chama Carimbó. Nossa, foi muito bom! Em São Luís do Maranhão também fui várias vezes dançar o Tambor de Crioula. Eu gostava de me misturar com o povo, não só de ir. Primeiro, porque não era turista, eu sempre fui uma dura. Então, quando as pessoas diziam que eu era turista, eu dizia: “Não, eu sou durista”. Que é diferente.

Uma vez estava voltando para a Argentina e quando fui para a Tierra del Fuego trabalhar, já estava com Mayra, que é pernambucana. Ela nasceu em Pernambuco, na Cidade Universitária. Peguei uma carona e, como sempre, antes de subir, avisei: “Estou viajando por necessidade. Se vai me levar de boa, me diz agora”. O caminhoneiro disse que sim, mas depois, no meio do nada, veio com: “Ou dá ou desce”. Como eu não dava nada, ele jogou minha mochila e tive que descer.

Logo atrás vinha um caminhão cheio de homens. Pensei: “Agora f**** mesmo”. O motorista parou e perguntou o que tinha acontecido. Expliquei, e ele disse: “Sobe, te levo até uma rodoviária”. E levou mesmo. Pagou minha passagem até a fronteira com a Argentina, me deu um prato de comida e até dinheiro para o trajeto.

Por isso digo: tem de tudo. Depois de um filho da mãe, apareceu um cara super gente fina.

As casas são as sepulturas das pessoas vivas

E assim, dessas aventuras, tive muitas. Sempre fui desse jeito, meus filhos dizem que sou “sem filtro”. Por isso, muita gente se incomoda, algumas pessoas até tinham medo. Eu viajava sempre com uma barraquinha, porque, dependendo de onde eu ficasse, precisava ter um teto. Não ia dormir debaixo da ponte, preferia dormir na minha barraquinha.

Algumas pessoas me perguntavam se eu tinha uma arma, se eu era guerrilheira... Sempre imaginavam coisas assim. Na verdade, eu viajava sempre com um facão. Às vezes, quando percebia que alguém queria tirar onda comigo, eu fingia que estava arrumando a mochila e tirava o facão, fazia questão de que vissem que eu tinha um.

Fui para Minas Gerais, para um lugar que não me lembro bem... Talvez fosse Ouro Preto. O que sei é que, no caminho, conheci uma família que me hospedou. Eram pessoas tão boas, gostaram tanto de mim que, sabe o que fizeram? Me ofereceram um lugar para ficar, queriam que eu morasse com eles. Disseram que me cederiam a parte de cima da casa, já que eu viajava sozinha com duas crianças. Eram pessoas realmente de bom coração.

Eu dizia: “Não posso”. Eles insistiam: “Não vá! Para onde você vai com as crianças sozinha?”. Mas eu ainda tinha muitas aventuras e desafios para viver. Não fiquei porque eu tinha fogo dentro de mim, ainda não queria parar em lugar nenhum. Para mim, ficar em um só lugar era como sentir que estava morrendo por dentro. Por muito tempo senti isso. E, para falar a verdade, ainda sinto. Vou seguir viagem. Já estou me preparando.

Em um tempo, sabe o que eu achava? Eu dizia que as casas eram como a sepultura dos vivos. Para mim, uma casa era uma prisão. Sigo pensando nisso às vezes. Agora, cada vez estou mais cansada, mais velha. Chegou a uma hora em que estou voltando de alguma atividade ou oficina, segura de que vou assistir a um filme ou uma série. Chego, tomo banho, como alguma coisa, assisto, depois durmo. Acordo e durmo de novo. Escuto música, que é meu alimento para a alma, faço algum artesanato. Então sinto que estou muito mais quieta.

Mas antes, parecia que estava perdendo alguma coisa da minha vida se ficasse parada em algum lugar. Sem contar que a gente investe muito em uma casa, comprando coisas. Sempre achei que se comprava um monte de porcaria. Uma geladeira, por exemplo, todo mundo dá alto valor, mas eu achava um monte de porcaria. Passar horas cuidando de casa, limpando, investindo, cozinhando, lavando... se perde a vida da gente. Prefiro viver de barraca. Abria a barraca, jogava as coisas fora. Não tinha que pagar aluguel, luz ou água. Se fosse em um *camping*, melhor. Se não fosse, teria que ser em um rio, uma lagoa, algum lugar onde se pudesse tomar banho. Porque da água dependemos, da energia nem tanto, mas da água sim.

Vivi tanto tempo assim. Meus filhos ficavam meio revoltados comigo por isso, porque eu preferia uma barraca a uma casa. Uma vez os convidei para viajar e conhecer toda a América do Sul. Os dois me perguntaram de que forma eu queria viajar e eu disse que de carona, vendendo artesanato. Que iam aprender muito, mas claro, não quiseram nem saber.

Do Vale ao Recomeço: uma jornada de gratidão

Meu terceiro lar foi na Chapada Diamantina, no Vale do Capão, onde vivi 23 anos com meus filhos e netos. Quando cheguei lá, senti que era uma amostra grátis do paraíso. Havia muitas pessoas como eu, buscando um modo de vida alternativo. Uma pessoa muito inteligente e importante no Vale do Capão é o Dr. Áureo Augusto, um médico naturopata que recebeu o prêmio Ordem do Mérito Médico nacional em Brasília.

Lá fazíamos mutirões, retiros espirituais, encontros de comunidades, danças circulares e reuniões de mulheres nas luas cheias. Foi enriquecedor para minha alma. Até hoje, o Circo e a escola fundada por amigos seguem lá. Foi o único lugar onde morei por tanto tempo, e onde nasceram meus netos brasileiros e baianos: Safira, Dante, Zion e Cauã. Esse lugar mora no meu coração.

Quando cheguei a Limeira, estava muito mal. Tinha acabado de me separar da minha filha e dos meus netos, que amo com todo meu ser. Entrei em depressão, não saía de casa e chorava de saudade. Com o tempo, meu filho caçula, Wara, me incentivou a recomeçar. Fui à yoga com Gisele, fiz ginástica com Max, Pilates com Ariane e hidro com Gustavo. Conheci Maria Eunice, com quem faço atividades na

Unicamp. Depois, Pollyana me falou da UniversIDADE, que me deu ânimo para seguir com alegria. Sou muito grata ao programa, à Leninha, Livia, Pedro, Marcos, a todas as professoras, professores, ajudantes, colaboradores. Não vou nomear todos, porque de algumas pessoas não me lembro o nome, e acho que fica mal só nomear algumas, porque foram todas muito importantes. Gratidão, gratidão, gratidão.

Se tem uma música com a qual me identifico, é *Gracias a la vida*, de Violeta Parra, interpretada por Mercedes Sosa.

Pollyana Cristina Ribeiro

Nascida em Limeira, é mãe de três filhos e avó de uma netinha, que ela descreve com carinho como “uma princesa”.

Pollyana se define como uma assistencialista por natureza. — Gosto de estender a mão, olhar nos olhos, acolher, abraçar, integrar.

Atua como Agente Comunitária de Saúde e é também Psicóloga Social. Além disso, Pollyana mantém uma vida ativa. — Pratico esportes e amo dançar.

Seu lema reflete sua essência solidária: — “Que o pouco de mim... Seja o muito do outro”.

Infância e a vida escolar

Minha infância sempre foi muito junto com os meus primos. Minha família, meus avós, tios moravam aqui. Eu sempre fui muito maria moleque, sempre gostei de brincar na rua. Na escola, eu tive uma certa dificuldade por conta de comportamento. Eu era rebelde, acho que sou até hoje. Eu estudava no Coronel Flamínio Ferreira de Camargo, onde hoje é um museu. Adorava, adorava. Passei por algumas escolas, estudei no colégio de freira, mas sempre tinha problema e meu pai me trocava de escola. Por rebeldia, discutia com professora, desobedecia.

Hoje o meu filho, com vinte e dois anos, tem exatamente o mesmo comportamento. Os profissionais usam o termo "comportamento inadequado". Sempre tive coisa com horário, com regra, com hierarquia. Eu confrontava muito, mas sempre gostei de ler, de estudar, sempre fui muito inteligente, sempre tirei notas boas.

Mudança para Barão Geraldo

Meu pai passou em um concurso e trabalhava aqui na UNICAMP. Eu não lembro qual era a função dele, mas sei que ele ajudou a construir esse lugar. Depois, meu pai foi transferido para Barão Geraldo. A gente ficou morando aqui, e ele ia para lá, mas ficou muito ruim. Foi quando eu tinha dez, onze anos, que meu pai falou que a gente ia se mudar. Nossa, para mim foi assim, acabou! A casa onde eu nasci, os amigos, vizinhos, os primos, a minha avó...

“Eu não quero, não quero, não vou, não vou” e meus pais: “mas a gente vai ter que ir.”

Foi nessa época que comecei a me identificar com características que depois associei ao TDAH. Meu pai e meu filho têm traços muito parecidos comigo. Cheguei em Barão Geraldo bem brava, muito brava.

Lá fui eu para a escola com doze anos, na sexta série. Reprovei a sexta série quatro vezes, mesmo tirando notas boas. Os professores implicavam comigo por causa do meu jeito maria moleque, mas eu entendia as matérias, fazia as provas. Adorava o ambiente escolar: os amigos, a movimentação, o intervalo, a aula de educação física, as gincanas. Tudo que se relacionava à escola eu adorava. Mas

aquela questão de disciplina, hierarquia, de quem manda e quem obedece, aquilo me incomodava.

Amizades e rebeldia na adolescência

Foi quando conheci as meninas que são minhas amigas até hoje. Passamos por essa adolescência juntas. Vivemos muita coisa desde os doze anos. Uma das coisas que mais marcou foram as saídas de final de semana, os bailinhos. Eu as via passando de ano e eu reprovava. A gente foi tentar fazer o supletivo juntas no centro de Campinas, na rua José Paulino. Mas também não deu certo porque meu pai me tirou, dizendo que eu tinha enforcado a aula uma vez. Eu não tinha feito nada disso, mas já tinha essa fama. Acabei terminando na escola regular.

Uma situação que me marcou muito, negativamente, foi quando uma das meninas perdeu tragicamente os pais...um acidente fatal.

Como eu era muito rebelde, já com uns dezesseis, dezessete, briguei feio com a minha mãe e fui morar com elas.

“Posso ir morar com você?” - “Pode.”

Peguei minhas coisas e fui. Fui morar com elas na vila Santa Isabel, perto da moradia estudantil da UNICAMP. Andávamos por tudo, conhecíamos tudo, sempre juntas.

Uma casou, a Lina tinha um namoradinho, o Ricardo, que hoje é marido dela. Eles estavam se conhecendo quando tudo aconteceu. Ele levou a Lina para a casa dos pais dele. Eles se casaram e estão juntos até hoje. Têm duas filhas lindas. Algumas coisas que acontecem na vida são encontros assim. Quando a gente se encontra, lembramos dessas coisas. Já a Su, casou com um policial.

Amores e desencontros

Nós éramos um grupo de amigas na faixa dos 12, 13, 14 anos, e a gente gostava muito de dançar e participar das atividades da escola, como gincana, aula de educação física, estávamos sempre uma na casa da outra. Íamos também pras discotecas da época, que ficavam em Campinas, porque morávamos em Barão Geraldo, a terra do Boi Falô. Uma das discotecas se chamava Voodoo, a outra era a

Estratosfera. A gente costumava ir aos domingos à tarde, sempre com um grupo grande.

Também aconteciam os bailinhos nas casas dos nossos amigos, aqueles bailinhos que rolavam nas garagens ou nas salas. A gente foi se conhecendo assim, porque sempre tinha um bailinho organizado pelos amigos, com apoio das famílias, das mães, muitas vezes em aniversários. Na sala, os sofás eram encostados nas paredes, tinha aquele globo pendurado no teto com luzes coloridas e um aparelho de som grandão no canto. Às vezes, algumas mães preparavam um lanchinho, com suco e tudo.

Com esse grupo grande, a gente já dançava os passinhos das discotecas, que até hoje são dançados. Fomos nos familiarizando com esse ambiente, conhecendo outras pessoas, porque Campinas é uma cidade grande, né? A gente ia de ônibus, às vezes algum pai levava e depois buscava.

Foi assim que conhecemos um menino que dançava muito. Ele tinha um jeito angelical: era doce, simpático, bonito, branquinho, alto, com o cabelo enrolado. O nome dele era Atílio. As meninas do grupo já tinham ficado com ele, e falavam muito bem. Diziam que ele beijava super bem, que era muito carinhoso. Eu, pessoalmente, não gostava muito de “ficar”; gostava mais era de bagunçar, de dançar. Então todas ficaram com ele primeiro, e eu fui a última.

Na discoteca, tinha um lugar mais alto, tipo um espaço mais reservado, com umas namoradeiras e uma escada. A gente adorava dançar ali, especialmente o bate-cabelo. No dia seguinte, era aquela dor no pescoço, que a gente nem conseguia olhar pros lados. E foi nesse clima que eu também fiquei com o Atílio que era uma graça, um lindo, um fofo, que marcou a nossa história, entre tantas outras.

A gente até namorou os mesmos meninos. Eu roubei um namorado da Suzi. Foi horrível o que eu fiz. Anos depois, não sei o que me deu. Acho que eu estava anestesiada. Foi um negócio tão horrível e eu tenho um amor tão grande pela Suzi. Éramos muito amigas, sempre juntas: na escola, nos finais de semana, uma na casa da outra.

Lembro que era aniversário dela. Ela estava apaixonadinha, um menino que tinha um fuscão vermelho. Ela me disse: “Pollyana, vai buscar ele, traz ele aqui para mim”.

E eu fui. Cheguei pra ele e disse: “Olha, vamos ali na casa da Suzi e tal”.

Ele ficou meio sem entender, mas foi. Estacionei na frente da casa da Suzi, e lá estava ela, nos fundos, com a família e a festinha. Ela olhava para nós do portão vazado enquanto eu conversava com o ele no carro. Então ele disse: “Vamos sair daqui?”. E eu concordei: “Vamos.”

Saí com ele e pouco depois começamos a namorar. Fiquei com ele por uns seis meses e depois terminamos. A Suzi ficou anos sem falar comigo. Eu implorava pelo perdão dela, mas ela não queria nem me ouvir. Lembro de andar de carro ao lado dela na avenida, pedindo para ela falar comigo: “Su, fala comigo! Eu já larguei ele. Não gosto dele, não quero mais!”. Mas ela fazia de conta que não ouvia. Foram uns três ou quatro anos assim, até que, um dia, ela cedeu: “Tá bom, tá bom.”

Mais tarde, quando eu saí de Barão e fui morar na região de Sumaré, a família dela estava passando por uma situação delicada com o pai. A gente ainda conversava, mas eu sentia falta dela. Então, com uns 15 ou 16 anos, eu disse: “Suzi, vamos morar onde eu tô morando? Sai daí de Barão, vem para cá”. Ela deu risada: “Ai, como é que vai fazer?”. “Eu arrumo uma casa para você!”. E arrumei. Convenci a mãe dela e elas foram para Sumaré.

Depois, aos 18 anos, eu fui para Santos e a Suzi ficou morando no mesmo bairro. Ela casou e teve duas filhas. Era engraçado porque eu e a Suzi sempre estávamos juntas, enquanto a Lina, que já morava com o Ricardo em Campinas, estava mais distante. Ainda assim, sempre mantivemos contato. A Suzi, a Lina, eu e até a Suzana tivemos duas meninas cada uma. Coincidências da vida.

Recentemente, estávamos conversando no grupo sobre ir ao aniversário da Teresinha. Mesmo estando longe, em Limeira, eu quis ir. No dia, estava chovendo muito, mas fui assim mesmo. Quando cheguei, vi todas elas sentadas na mesa, e percebi algo curioso: todas estavam usando roupas verdes, sem combinar. Lembrei de quando éramos adolescentes e íamos para as domingueiras, combinando as roupas. Na época, a Suzi implicava com o meu estilo. Eu adorava vestidos indianos,

saías longas de ponta, roupas que hoje chamam de “três Marias”. Ela dizia: “Com essa roupa, você não vai!”. E eu achava graça.

Até hoje é assim. Quando saímos, levo algumas roupas extras e pergunto: “Su, qual eu posso usar?”. Ela continua opinando: “Essa não, Pollyana!”. A Suzi é toda princesa, gosta de vestidos tubinho, frente única, enquanto eu prefiro pantalonas e vestidos soltos. A Lina sempre me defende, porque é meio mãezona do grupo.

Nossa amizade tem mais de 40 anos. Houve uma época em que a Suzi estava casadíssima, com duas filhas pequenas. Eu ia até a casa dela chamá-la para sair, mas ela dizia: “Não, Pollyana, isso não é mais para mim”.

A gente tinha os grupinhos da escola e acabava conhecendo outros grupos do bairro. Em Barão Geraldo, tinha uma casa que era ponto de encontro: a casa da Renata. Todo mundo ia para lá, o pessoal da escola, da rua, da igreja. A mãe da Renata era um amor, a casa tinha uma rampa, a sala e a garagem, tudo muito marcante na minha memória.

Era lá que aconteciam os bailinhos, mas às vezes também rolavam na casa de outros amigos. A Fabiana, que a gente chamava de Bibi, morava na Cidade Universitária e também recebia a galera. Lembro de um bailinho na casa da minha vizinha Solange. Ela gostava muito de dançar e chegou a namorar um menino que todo mundo admirava, o Moreno. Esses meninos, Moreno, Banha, Sapinho, Cabeleira, Bugre, Minhoca, sabiam todos os passinhos de dança, que a gente dança até hoje. Eles eram tipo os líderes, grandões, bons de dança e a gente se espelhava neles.

Um desses bailinhos marcou muito para mim. Eu tinha 14 anos e estava apaixonadinha pelo Toninho, Antônio Carlos, que tinha 18. Ele era loiro, de olhos claros e usava uma camisa havaiana estampada. Na festa, enquanto a música rolava e a galera se divertia, eu tomei coragem e falei com ele na frente da casa, perto do relógio de luz:

“Eu preciso falar com você.”

“Pode falar.”

“Eu gosto de você.”

Foi aí que levei meu primeiro toco, o mais dolorido: “Cresce e aparece.”

A dor foi imensa. Saí da festa, fui para casa e me tranquei no banheiro, chorando tanto que parecia que meu rosto ia desmanchar. Minha mãe, preocupada, ficava na porta perguntando o que tinha acontecido. Eu não sabia como explicar.

Depois disso, decidi que, se ele não ia me amar, pelo menos ia me odiar. Comecei a infernizar a vida dele. Ele trabalhava numa ótica ao lado da minha escola e tinha uma Caravan amarela. Ligava para ele do orelhão, sem dizer nada, várias vezes por dia. Furei o pneu do carro dele com um canivete. Passei na porta da casa dele de mobilete, jogando pedras só para ouvir o barulho das vidraças. Fiz isso por um ano e meio, até que esgotei toda a dor e resolvi deixá-lo em paz.

Um dia, voltando da escola sozinha, já quase escuro, ouvi alguém se aproximando. Era o Toninho. Ele me surpreendeu:

“Oi.”

“Oi.”

“Quero saber se você quer namorar comigo.”

Mas aí já era tarde. Eu estava envolvida com outro menino, o Artur e não dei bola. Depois disso, foi ele quem começou a me infernizar. Aparecia na minha casa todos os dias com flores, chocolates e até chorava para a minha mãe. Minha mãe começou a ter pena dele e um dia pediu: “Pollyana, dá uma chance para o Toninho.”

Eu não queria mais. O encanto já tinha passado.

Caminhos da vida adulta

Eu já morava em Santos há um bom tempo. As meninas chegaram a ir onde eu morava. Depois de adultas e com os filhos pequenos, elas foram passar uns dias comigo lá em Santos. Morei na rua Ana Costa por bastante tempo, ali pertinho de onde era o Extra. Naquela época, o mercado funcionava 24 horas. Nossa, eu estava no céu! Era 4 horas da manhã e eu podia estar no mercado.

Quando saí de Sumaré e fui para Santos, comecei morando sozinha em uma kitnet no canal dois. O prédio chamava Kontik e ficava do lado do prédio com

elevador panorâmico. Depois, morei no canal dois, no Gonzaga, na Avenida Ana Costa. Antes de voltar para cá, morei no Itararé, bem na divisa com São Vicente.

Faz uns dez, doze anos que voltei para Limeira. Mas eu curti para caramba o tempo que vivi em Santos. Fiz uma amigona, que até hoje eu chamo de “amor”. Muita gente achava que a gente tinha um caso, porque vivemos uma fase intensa de saídas juntas, parecida com o que eu vivi com as meninas na época dos bailinhos. A gente ia para a Juá, uma casa noturna que tem um mirante lá em cima, íamos para as baladas. Foi uma fase legal. Eu gosto de falar de ciclos, sabe? Teve a fase fervorosa das amigas para sempre e depois essa fase com as Julianas, especialmente essa minha amiga “amor”, que é um vínculo que eu levo até hoje.

Com os pais dos meus filhos, não tenho muitas memórias boas de fases, não. Só do pai da Bárbara, quando fizemos uma loucura juntos. Eu tinha uns 19 para 20 anos e trabalhava numa casa lotérica com uma tia minha. A Bárbara nasceu quando eu tinha 21. Ele chegou para mim e disse: “Vamos viajar?”

E eu, sempre pronta para tudo: “Vamos!”

“Mas a gente vai sem destino e sem dia para voltar.”

“Tá bom!”

Pegamos o Uno com uma mochila nas costas e fomos. Passamos quase um mês viajando sem destino, sem roteiro. Conhecemos quatro estados diferentes. Fomos para Búzios, Rio de Janeiro, Bahia... Rodamos 7.000 km. Essa fase foi muito legal. Conheci tanta coisa em tão pouco tempo! Mas, depois voltei para Santos, a Bárbara nasceu e o relacionamento não deu certo.

Minha vida sempre foi de ciclos intensos e o que vivi em Santos foi bom, mas parecia que não fluía. Eu gostava, curti, tinha tias e primos por lá, o pai da Bárbara e o pai da Ana Clara moram lá, mas sentia que não era meu lugar. Fui para Santos com 18 anos e vivi muita coisa. Conheci muita gente, trabalhei de *motogirl*, entreguei pizza, e “rolei” muito por lá.

Mas chegou um momento, já morando no Itararé com os dois pequenos, que eu pensei: “Ai, que saco! Tem alguma coisa errada.”

Então voltei para Limeira. Faz uns doze, treze anos. Voltei sem trabalho, sem renda, com duas crianças pequenas, sem móveis. Vamos que vamos, né, Pollyana? Aos poucos, fui me ajeitando. Limeira tem muito trabalho informal de montagem de joias. Conheci uma galera, comecei a montar umas coisas em casa e até montei uma equipe com jovens, amigos do Júnior, meu filho.

De Agente Comunitário a Psicóloga: um sonho conquistado

Sempre gostei de ler jornal. Um dia, estava lendo e vi um quadradinho bem pequenininho que dizia: “Processo seletivo, concurso para agente comunitário de saúde”. Tinha sido encerrado, mas foi prorrogado até o dia tal. Na época, o Júnior era pequeno, bem pequeno. Eu nem lembro onde a Ana Clara estava. Aí falei: “Júnior, vamos ali comigo.”

Peguei o ônibus e fui até a prefeitura para saber como fazia a inscrição. Eles explicaram e eu fiz. Paguei os R\$30 e voltei para casa.

Eu nunca tinha prestado um concurso antes. Só fiz um vestibular em 2014. Fiz a inscrição só para ver qual era, para sentir como era fazer uma prova, prestar um concurso público. Era um negócio sério, né? E eu nunca levei as coisas muito a sério. Até hoje, às vezes eu fico pensando: *Caraca, eu sou adulta e mãe de três filhos. Como é que eu consigo fazer as coisas como uma pessoa séria?*

Para mim, as coisas sempre foram acontecendo assim, meio que no embalo, do jeito que foi esse concurso. A prova foi marcada e eu fui. Era aquela tensão, sabe? Um monte de questões e eu nem tinha estudado. Fui meio que brincando fazer a prova. Respondi, mas nem lembro se eram 30 ou 40 questões, coisas de conhecimentos gerais.

Teve uma pegadinha que eu lembro bem. Era sobre Limeira, perguntava se o poder econômico da cidade vinha da laranja ou do café. Todo mundo respondeu laranja. Depois da prova, lá fora, todo mundo falava disso. Mas eu sabia que era café. Não sei como eu sabia, mas sabia.

Era muita gente, uma chance pequena. Mesmo assim, fiz. Depois, as meninas do postinho, que me conheciam porque o Júnior tinha TDAH e tomava Ritalina⁶⁵, viram

⁶⁵ Medicamento para TDAH.

meu nome no jornal oficial. Elas disseram: “Pollyana, o seu nome tá aqui no negócio da seleção! Você viu?”

“Eu? Não vi nada não.”

“Você foi chamada!”

Na hora me deu um medinho: *“Putá merda, e agora? O que eu tenho que fazer?”*

Falaram que tinha um curso de três dias para fazer. Fui, fiz o curso, peguei o crachá e comecei a ir para o território. Fazia tudo meio brincando, sabe? Ainda pensando que tanta gente se inscreveu, tinha pouca vaga... mas, de repente, eu estava lá.

O pessoal me dizia: “Esses concursos são demorados. Só chamam depois de uns dois anos.”

Aí, um dia, eu estava no mercado, toda descabelada, de moletom, chinelo, camisa rasgada, com a Ana Clara pequenininha e meu telefone toca. Um número diferente: “Oi, aqui é da Secretaria da Saúde. Você pode trazer seus documentos para efetivação?”

“Eu? Ô, moça, como assim?”

“Você prestou o concurso, né? Você vai ser efetivada.”

Na hora pensei: *Agora eu vou ter que trabalhar!*

Perguntei o que tinha que fazer. A moça explicou que era para levar meus documentos e fazer os exames. Respondi: “Tá bom, moça, eu vou aí agora!”

Saí do mercado toda doida: *Meu Deus, e agora? Como é que eu vou fazer?* Eu tinha a Ana Clara pequena, o Júnior, a casa e eu sozinha. Mas fui administrando.

Hoje eu adoro ser Agente Comunitário de Saúde. Acho uma categoria tão mágica! A gente entra na casa das pessoas, faz relatórios, acompanha as crianças, as gestantes, os diabéticos... É tão importante, embora tão pouco reconhecido.

Eu já estava há uns dois, três anos trabalhando no postinho de saúde. Já tinha abraçado a causa, levantado a bandeira. Trabalhava com médicos cubanos, fazia cursos e adorava. Foi então que surgiu a ideia de fazer faculdade. Tudo começou numa reunião do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS com a Maria Rita Lemos, uma psicóloga muito conhecida aqui em Limeira, o Renilson, assistente social e a coordenadora do CRAS.

Na dinâmica, formaram uma roda de mulheres e pediram para cada uma falar sobre seu sonho. Uma dizia: “Eu queria um carro”. Outra: “Eu queria uma casa”. Ou: “Eu queria ir para Miami”. Quando chegou a minha vez, respondi: “Meu sonho é fazer um curso superior, uma graduação”.

Nesse momento, li nos lábios de algumas mulheres no canto da sala: “Você viu a Pollyana falando de graduação?!”. Elas mencionaram o Colmeia e aquilo ficou na minha cabeça. Fui atrás, fiz a inscrição e frequentei o Colmeia por dois anos. Adorava! Fiz um ano à tarde e outro à noite. Muitas vezes, a Ana Clara e o Júnior iam comigo, ficavam na sala e até fizeram amizades por lá.

Eu já tinha essa vontade de cursar uma graduação, principalmente porque algo me incomodava nas reuniões de escola dos meus filhos. Sempre que havia alguma movimentação, os professores perguntavam para eles: “O que a sua mãe faz?”. Antes de eu ser Agente Comunitário de Saúde, meus filhos não tinham uma resposta. Alguns colegas deles diziam: “Minha mãe é faxineira”. “Minha mãe é costureira”. “Minha mãe é pasteleira”. Mas eu? Eu não tinha algo para eles dizerem.

Foi então que decidi: “*Preciso fazer uma graduação. Quero que meus filhos digam: ‘Minha mãe é Psicóloga.’*” Sempre gostei de psicologia, mas, no começo, tentei Serviço Social. Não deu certo no ISCA, porque a coordenadora não aceitava que eu levasse a Ana Clara comigo. Ela era muito pequena e eu expliquei: “Olha, minha filha vai vir comigo”. A resposta foi: “Não pode vir criança”.

Desisti. Mais tarde, uma colega agente de saúde sugeriu: “Por que você não tenta outra vez?”.

Eu ganhava pouco, era sozinha com duas crianças, trabalhava o dia todo e teria que estudar à noite. Não sabia como ia fazer, mas resolvi tentar. As pessoas diziam: “Que loucura começar faculdade com 45 anos!”

Fui na Anhanguera e conversei com uma atendente. Era a primeira turma de Psicologia em 2016 e tinha um preço especial. Mesmo assim, era puxado para mim. Perguntei o que poderia fazer com a Ana Clara, que estava comigo. A atendente disse: “Tem uma brinquedoteca na faculdade, é um projeto das alunas de Pedagogia. Você pode trazer sua filha e ela fica lá enquanto você está em aula.”

No primeiro dia de aula, entrei com a Ana Clara e, ao passar pela catraca, parecia que eu estava pisando em nuvens. Pensei: *Cara, eu tô aqui, dentro de uma faculdade!* Ver os alunos, os livros, as bibliotecas, os laboratórios... aquilo era um sonho realizado.

Passei cinco anos e meio na faculdade. Fiz três anos na Anhanguera e dois anos e meio na Einstein. Na Anhanguera, tive problemas, inclusive com a qualidade do curso e acabei organizando uma transferência. Conversei com o diretor da Einstein e consegui levar um grupo de dez alunos comigo. Fizemos a mudança em condições especiais, mas isso não foi bem recebido por todos.

Mesmo assim, eu segui. Me formei na pandemia e quando finalmente me tornei psicóloga, senti um alívio enorme. Pensei: *Eu consegui, eu consegui!*

Hoje, virou até um bordão meu no postinho de saúde: “Meu nome é Pollyana, eu sou Agente Comunitário de Saúde e Psicóloga.”

Sempre disse que seria isso: uma Agente Comunitário de Saúde e Psicóloga, não o contrário. Porque vejo como essas duas áreas têm tudo a ver uma com a outra.

Resiliência e reconstrução: a vida após o diagnóstico

Me formei psicóloga, e, nem um ano depois, descobri o câncer. Quando me formei, pensei: *Agora vou prestar uns concursos e atuar como psicóloga em alguma instituição.* Mas, então, veio o diagnóstico. Fiquei me perguntando: *E agora? Vou ter que fazer o tratamento?*

Já estou há mais de dois anos nessa luta.

Pode parecer clichê ou um contrassenso, mas o câncer me trouxe tantas coisas boas. Quando descobri que estava com câncer em estágio avançado, minha primeira reação foi pensar: *Caraca, consegui tanta coisa até agora. Será que agora acabou?* E não tinha graça nenhuma. Eu pensava na Ana Clara, pequenininha, e no meu

molecção, com vinte anos. Sou sozinha com os dois. Acabei de me formar, cheia de gás para atuar, porque amo a psicologia social. Sempre soube que queria trabalhar nessa área, fazer trabalho de campo, como o pessoal do CEDECA⁶⁶, que vai aos territórios fazer abordagens. Mas, naquele momento, me senti perdida: *Será que depois de lutar tanto, vou morrer na praia?*

O diagnóstico foi duro. Já estava em estágio avançado, com metástases. Câncer de mama que já tinha atingido os ossos, o pulmão, dois tumores na mama e linfonodos contaminados. E o pior: eu não sentia nada. Fazia Krav Maga, lutava, trabalhava muito. Durante os dois anos da pandemia, estava no posto de saúde, preocupada com a Covid. Perdi amigos queridos, colegas de trabalho, médicos e familiares para o vírus. E eu, ironicamente, não peguei Covid, mas estava com câncer sem saber.

No final de um ano, com os exames em mãos, corri para o oncologista e soube que precisaria começar a quimioterapia imediatamente. Dezesesseis sessões. Ouvir “quimioterapia” foi um baque. Justo quando a pandemia estava dando uma trégua e eu achava que poderia focar na minha carreira, veio isso.

Conversei com o oncologista, ele me deu um cronograma: “Dezesesseis sessões de quimioterapia, cirurgia, radioterapia e medicação.” Quando terminei a quimio e fui ao cirurgião oncológico, ele olhou meus exames e disse: “Não vou fazer essa cirurgia”. Eu respondi: “Pelo amor de Deus, doutor, não me assusta!”. E ele foi sincero: “Seu câncer está muito avançado. Não adianta operar. A cirurgia só é feita se for possível remover todo o câncer, mas você ainda tem metástases nos ossos. Vamos voltar à quimioterapia.”

Chorei por três dias. Senti que todo o esforço tinha sido em vão. Mas o Dr. André veio com um plano B: um medicamento de alto custo, o ribociclibe. Cada caixinha custa R\$ 25.000 e eu precisava de uma por mês. A briga para conseguir a medicação foi longa: dois anos de processos na justiça, bloqueios judiciais e recusas

⁶⁶ Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente - CEDECA Davi Arantes, é uma organização da Sociedade Civil de Limeira que tem como missão “Nossa missão é potencializar a efetivação, a defesa e a garantia dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes e de suas Famílias” (Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente “David Arantes”, c2024).

do plano de saúde. Ontem, finalmente, recebi uma mensagem do plano autorizando a compra. Pulei de alegria. Foi uma vitória após tantas batalhas.

Hoje, meu câncer, que é do tipo luminal B, está controlado. O remédio está fazendo efeito, as metástases regrediram e meus exames mostram cicatrizes onde antes havia atividade. Ainda sou considerada paciente paliativa, mas cada dia que passo é uma vitória. Conheci outras mulheres com câncer através de grupos de apoio, como o *Mulheres Rosas*. Algumas já estão tomando o ribociclibe por causa da minha luta. Quando encontro pacientes no consultório do Dr. André, ele às vezes me pede para conversar com elas. Faço questão de ajudar, acalmar e compartilhar minha história.

Essa interação, essa rede de apoio, é essencial. Eu mesma encontrei no programa UniversIDADE uma nova forma de conexão. Quando vi as postagens da Amanda Abreu, me animei: “Voltar para o ambiente acadêmico? Que legal!”. Hoje, faço parte deste programa e isso me enche de gratidão. Sinto que, mesmo com o câncer, estou construindo algo, ajudando outras pessoas. Se eu tivesse ficado quietinha em casa, talvez não servisse de exemplo para outras mulheres que precisam de força e orientação.

Às vezes, penso: *Que legal que deu tudo certo, que ainda estou aqui, que meus filhos ainda têm a mãe deles*. Hoje, eles podem dizer com orgulho:

“O que sua mãe é?”

“Agente Comunitário de Saúde e Psicóloga!”

Considerações finais

Chegar ao encerramento deste livro foi uma tarefa desafiadora. De certo modo, estas considerações funcionam como um complemento, oferecendo uma contribuição sobre temáticas comuns aos depoimentos, além da experiência relatada na introdução.

Compartilhamos da perspectiva de Faleiros (2008, p. 65) ao reconhecer a inexorabilidade do envelhecimento, mas também ao destacar que “a velhice não estanca o processo de relações e de autodesenvolvimento e nem encerra o ciclo da vida, mas constitui um momento, uma etapa de ganhos e de perdas num equilíbrio instável entre ambos”.

Os depoimentos evidenciam esse processo, mostrando como as histórias narradas só se tornam possíveis a partir dessas perdas e ganhos. Ao contar suas trajetórias, os participantes não apenas compartilham suas experiências, mas também as transformam, atravessadas por questões sociais, culturais e históricas.

O grupo construiu junto aos coordenadores, uma psicóloga, um psicólogo e uma professora/bibliotecária, uma relação de reciprocidade, que, como aponta Bosi (2024), é justamente o que falta nas relações intergeracionais no contexto do etarismo contemporâneo.

De acordo com Bosi (2024) a relação entre adultos e pessoas idosas muitas vezes carece de reciprocidade, manifestando-se em uma tolerância distante, sem verdadeira sinceridade. Raramente há espaço para debate ou confronto de ideias, o que priva os mais velhos da possibilidade de exercer a alteridade, de questionar e ser questionado, de enfrentar contradições e conflitos: elementos fundamentais nas interações humanas. Muitas relações acabam se tornando superficiais e monótonas porque permitimos que o outro apenas repita suas falas, evitando pontos de discordância e temas essenciais que poderiam gerar tanto aprendizado quanto desconforto. Se essa forma de tolerância significa renunciar ao diálogo genuíno, talvez seja mais justo chamá-la de exclusão ou discriminação (Bosi, 2024, p. 429).

É justamente nessa possibilidade de diálogo que os depoimentos aqui apresentados se constroem, revelando noções comuns que permanecem vívidas e são constantemente atualizadas na velhice.

Além disso, este livro demonstra possibilidades de trabalhos multidisciplinares no âmbito das universidades, aqui unimos os conhecimentos de psicologia ao da biblioteconomia em um trabalho de extensão para preservação da memória em uma atividade terapêutica.

A seguir, seguimos temáticas apontadas por Ecléa Bosi em seu trabalho de livre-docência (2024) que se repetem nos testemunhos de idosos colhidos em seu trabalho, essas temáticas também foram percebidas nas histórias narradas nesta publicação. As temáticas são: tempo e memória, lembranças de família, vizinhos e comunidade, os espaços da memória, memória e política. A temática “o indivíduo como testemunha” é um tópico discutido por Bosi na introdução de seu trabalho que discutimos também nesta conclusão. A temática sobre mulheres, raça, identidade e autonomia foi uma percepção dos organizadores quanto aos testemunhos das mulheres em relação aos homens pertencentes ao grupo.

Tempo e memória

A organização do tempo pela memória segue o movimento descrito por Bosi (2024, p. 432): “a infância é larga”, enquanto “o território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado” e “a idade madura com passo mais rápido”.

Além disso, certos eventos marcam nossa trajetória, dividindo-a em períodos distintos: “o primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento” (Bosi, 2024, p. 434).

A memória, por sua vez, é um processo dinâmico, em constante reconstrução. As lembranças ganham novos significados à medida que o presente se desenrola. A mente tende a reorganizar nossas experiências em categorias claras, repletas de significado e úteis para o presente. Assim que vivenciamos algo, nossa memória já começa a reinterpretá-lo, influenciada por nossas experiências anteriores, hábitos, emoções e normas sociais. Buscamos constantemente entender e dar sentido ao que vivemos, encaixando essas experiências em estruturas que nos ajudam a orientar

nossa trajetória. Esse esforço para dar coerência à própria história faz com que nossas lembranças sejam permeadas por um desejo contínuo de explicação (Bosi, 2024, p. 436).

Dessa forma, a apreensão do tempo depende da interação entre passado e presente, variando conforme cada indivíduo. Como destaca Bosi (2024, p. 440), um tempo abstrato e desvinculado da experiência não poderia abarcar lembranças, nem constituir a essência humana. O tempo que realmente nos forma é aquele “represado e cheio de conteúdo, que dá substância à memória”.

Os depoentes, embora tivéssemos combinado que relatassem histórias específicas, se dedicaram bastante a contextualizar a infância. Esse movimento de rememoração vai além da simples localização de eventos importantes, que se tornam fundações duradouras ao longo da vida. Os relatos revelam não apenas a interpretação singular de cada um desses momentos, mas também um processo contínuo de reinterpretação, como uma tentativa de atribuir novos significados ao que foi vivido. Para os mais velhos, a infância não é encarada apenas com nostalgia, mas como um espaço onde as memórias se misturam com as experiências da maturidade, carregadas de diferentes perspectivas e significados.

Lembranças de família

Sobre as lembranças familiares, Bosi afirma que a “distância física, é, às vezes, um fator de aproximação: o membro distante pode tornar-se uma figura mítica, amada de forma especial. Enfim, das oposições exteriores, a família pode tirar força para o estreitamento de seus vínculos” (Bosi, 2024, p. 422).

Sobre as figuras de importância da infância: “figuras exemplares, modelos, cuja fisionomia se procura reconhecer nos mais jovens; avós lendários ou vindos de país remoto que imprimem a todos os seus um traço distintivo” (Bosi, 2024, p. 422).

Vimos exemplos marcantes dessas figuras nas narrativas compartilhadas: na freira paciente que acompanhou Patricia e, principalmente na figura de seu irmão Jorge, no primo de Otacílio, cuja influência foi fundamental para sua erudição, nos avós de Martinha, no rapaz que inspirou Artur Colella a vender gibis, e no avô de Maria Virginia, que preparava a melhor groselha do mundo.

Vizinhos e comunidade

Os vizinhos e a comunidade onde vivemos têm efeitos nas nossas memórias. Segundo Bosi (2024, p. 450), a convivência com outras pessoas além da família exerce um papel importante na construção das lembranças. Laços estreitos com a vizinhança, especialmente em bairros onde se vive por muitos anos, fazem com que memórias individuais se formem a partir da interação com diferentes grupos. Situações cotidianas, como o cuidado de uma vizinha diante de um machucado ou a presença dela em momentos de doença, se entrelaçam às recordações familiares. As paredes finas das casas populares também contribuem para essa troca, misturando vozes e sons que se tornam parte das lembranças compartilhadas. Os vizinhos acompanham e celebram conquistas, como os sucessos escolares, criando uma rede de apoio que reforça as memórias. Quando há mudança de bairro, a corrente de lembranças ligadas à vizinhança se rompe, tornando a influência da família mais predominante (Bosi, 2024, p. 450).

Vemos o exemplo das relações com vizinhos e bairro no relato de Maria Virginia sobre as brincadeiras com as crianças do bairro, as casas dos vizinhos. Também podemos estender a ideia de vizinhança à feira no bairro, no depoimento de Artur Colella, a história sobre a mudança de casa do menino Otacílio que não sabia o nome do lugar de onde tinha acabado de se mudar. Zilda também menciona a relação com os vizinhos hippies, a amiga da irmã que ela acompanha em São Paulo. Em um depoimento como o de Patricia, entendemos um amplo território como sua vizinhança, mas no irmão Jorge o lugar para onde ela sempre podia voltar. Pollyana tem forte vínculo com a cidade de Limeira e ao se mudar para Campinas, estabelece fortes vínculos com as casas que frequenta em Barão Geraldo.

Os espaços da memória

Sobre os espaços da memória, segundo Bosi (2024), a casa da infância ocupa um lugar privilegiado nas lembranças autobiográficas, mesmo que não tenha sido a primeira residência conhecida, mas aquela onde foram vividos os momentos mais marcantes da infância. Essa casa se torna o centro do mundo, com a cidade se expandindo a partir dela, e sua dimensão pode parecer surpreendentemente menor quando revisitada na vida adulta. Certos detalhes permanecem vívidos, como o

número de janelas voltadas para a rua ou o quintal onde as crianças brincavam – lembranças que contrastam com a tendência atual de muros altos que escondem as fachadas.

Os objetos do cotidiano também guardam memórias, envelhecendo junto aos seus donos e carregando experiências afetivas, o relógio da família, a medalha conquistada, o mapa de viagens. Esses objetos revelam histórias e despertam um certo respeito silencioso ao entrar em ambientes que os abrigam. A memória dos espaços não se restringe à visão, mas também é marcada pelos sons – ruídos, vozes e músicas que povoam o imaginário. Além disso, os lugares estão intimamente ligados aos eventos que ali ocorreram, como trajetos para a escola ou o centro da cidade, descritos com riqueza de detalhes (Bosi, 2024).

Os depoimentos deste livro confirmam essa relação entre memória e espaço, como a lembrança dos detalhes da casa de infância e do primeiro casamento por Maria Virginia, Marcinha também descreve em detalhes a sua casa da infância, também verificamos a descrição das escolas de freiras por Artur Colella e Patricia, para quem a escola foi um verdadeiro lar. Também nas memórias de Pollyana, onde as casas, marcam os espaços de encontros entre os jovens nos bailinhos, em Barão Geraldo, além das memórias dos espaços, conforme Bosi, Pollyana também tem a memórias das músicas, dos cheiros. As lagoas e cachoeiras também foram objeto de rememoração, assim como estabelecimentos comerciais e ruas por onde os depoentes sempre passavam e as detalham minuciosamente.

Memória política

Os depoimentos deste livro contêm lampejos que nos mostram as transformações sociais e históricas ocorridas no Brasil ao longo das últimas décadas, como a urbanização, a ditadura militar e a mudança nas relações familiares. Ainda, oferecem um panorama das mudanças sociais e políticas no Brasil e Argentina, destacando como esses eventos impactaram suas vidas. Também mostram a capacidade de resiliência diante de mudanças e incertezas políticas, as angústias e medos, mas também uma certa indiferença aos acontecimentos políticos dos diferentes tempos, seja por não terem influenciado diretamente as histórias relatadas, seja pela compreensão de que, nos momentos narrados, ainda não tinham consciência crítica dos acontecimentos políticos.

Zilda e Márcia mencionam diretamente a ditadura no Brasil, destacando cenas que as marcaram profundamente. Patricia menciona a ditadura na Argentina, além da Guerra das Malvinas, preocupada principalmente com a vida de seu companheiro, oferecendo sua própria análise sobre o reflexo e o sentimento sobre a guerra na população.

Memória do trabalho

Sobre a memória do trabalho, temos “[...] duas dimensões do trabalho: sua repercussão no tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista” (Bosi, 2024, p. 492).

A memória do trabalho dá sentido e justifica toda uma trajetória de vida. Quando o senhor Amadeu encerra a narrativa de sua história, o conselho que deixa é um apelo à tolerância. Tolerância com os mais velhos e até mesmo com aqueles que se desviaram na juventude. Afinal, como ele diz: “Eles também trabalharam” (Bosi, 2024, p. 502).

Alguns dos participantes começaram a trabalhar cedo, muitas vezes ainda crianças, como Artur, para ajudar no sustento da família. Patricia cuidava dos irmãos e aprendeu seu ofício de artesã na estrada, ela descreve os pormenores do fazer artesanal e reflete sobre o reflexo da industrialização sobre esse trabalho.

O trabalho na loja Mascote por Maria Virginia e o trabalho com contabilidade por Artur rege o romance dos dois. Otacílio menciona os trabalhos que teve e a busca pela arte e Pollyana manifesta no trabalho a sua autonomia e orgulho. Além disso, o trabalho não remunerado de ser mãe e dona de casa circunda o relato de vida de Zilda.

Mulheres, raça, identidade e autonomia

O tema *mulheres* e *raça* se relaciona com a construção da identidade e da autonomia. Tema presente em especial nos depoimentos das próprias mulheres, que neste contexto, falaram bem mais que os homens. Elas enfrentaram desafios para conquistar independência em suas vidas e têm papel fundamental na construção da memória social e familiar, em contextos marcados por forte desigualdade entre mulheres e homens. Fica evidente nas falas das mulheres o sofrimento ligado às

limitações impostas pelo patriarcado, mas também seu enfrentamento, na luta pela autonomia e pela voz própria.

Estas limitações são perceptíveis nas memórias de Pollyana, que falam da dificuldade de conciliar a maternidade com os estudos, ou as histórias de Maria Virginia sobre as barreiras imposta pelo professor que duvidou de suas capacidades devido ao seu sexo e na falta de apoio da diretora da escola em que trabalhava para manter o trabalho com a filha pequena. Patricia, que teve que abdicar dos estudos para cuidar dos irmãos, é categórica ao dizer que as casas são sepulturas, em que é preciso investir tempo e dinheiro para mantê-la, cerceando a liberdade de conhecer o mundo, além da figura do seu primeiro marido que ficava em casa lendo revistas de D'Artagnan enquanto ela trabalhava, marcam um tempo ainda presente, em que expectativas sociais impõem desafios e barreiras específicos às mulheres, mas também demonstram sua capacidade de resistir, inspirar e reinventar suas trajetórias.

Sobre a questão de raça, é importante mencionar que Patricia, especificamente, sofreu preconceitos de raça no interior de sua própria família quando menciona que era repelida por ter a pele mais escura que o restante, além de ser chamada de índia e aborígene como ofensa.

O indivíduo como testemunha

Lembrar não é uma simples operação mental, tampouco um ato isolado de reviver o passado. Como afirma Ecléa Bosi, “para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado” (Bosi, 2024, p. 429). A memória, portanto, é entrelaçada por diferentes camadas de experiência e percepção, exigindo um esforço que ultrapassa o individual.

Essa complexidade se evidencia no relato em que Bosi rememora a rua onde morou, descrevendo como suas lembranças se transformam e se enriquecem pelo olhar de outros. Ao caminhar por aquele espaço urbano, ela é guiada por afetos, histórias e vozes que se sobrepõem à sua própria perspectiva:

Subindo a rua onde morei, lembro-me de que ela se unia à avenida Rebouças por uma transversal de calçadas altas, com degraus. O

encontro de um amigo que se tenha sentado nos mesmos degraus nos traz uma espécie de euforia e tranquilidade. [...] Os pontos de vista dos que subiram comigo a rua tornam minha evocação múltipla e profunda e alicerçam minhas visões (Bosi, 2024, p. 429).

Esse testemunho reforça a ideia de que a memória não é individual, mas construída coletivamente, tornando-se social à medida que é compartilhada e reconstituída com os outros. A lembrança deixa de ser solitária para se tornar uma evocação plural, um verdadeiro “mapa de infância” continuamente redesenhado por diferentes mãos, olhares e experiências.

Ao final de sua clássica obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, Bosi encerra com as já mencionadas palavras de um de seus entrevistados, o senhor Amadeu: “Eles também trabalharam”. Essa frase, aparentemente simples, carrega o peso do reconhecimento e da dignidade da memória daqueles que viveram à margem dos registros oficiais. Marilena Chauí, que participou da banca da tese de livre-docência de Bosi, retoma essa compreensão ao afirmar que os recordadores que depõem para a autora são, de fato, trabalhadores da memória.

Segundo Chauí, lembrar “não é reviver, mas re-fazer”. Trata-se de um gesto reflexivo que ilumina o presente a partir do passado; é sentimento, é presença do que foi, não uma mera repetição, mas a ressignificação do vivido (Bosi, 2024).

Dessa forma, a memória aparece não como um arquivo estático, mas como um processo vivo, marcado por revisões, diálogos e afetos. Reconstituí-la é também uma forma de resistência, de reexistência e um trabalho subjetivo, coletivo e político.

Aqui pudemos entrar em contato com o trabalho de nossos depoentes, que apontam para uma riqueza de experiências humanas, marcadas por relações entre família, comunidade e cultura, mas marcam também pela capacidade de enfrentar os desafios cotidianos, de saúde, políticos e das guinadas que a vida dá. Essas histórias não apenas preservam memórias individuais, mas também memórias territoriais que encontram em Limeira seu *locus* de desvelamento, encontro e trabalho, trabalho de produção material e imaterial, na medida em que contribuíram com a construção de seus territórios espaciais e existenciais.

Os encontros com Artur Colella, Maria Virginia, Otacílio, Pollyana, Patricia, Zilda, Márcia, Érica, José e Mariana, desta forma, configuram uma *experiência*, no

sentido de Bondía (2002), em que a *experiência* “é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque”, aqui, por meio do relato e da memória.

Esta *experiência*, segundo o autor,

requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p. 24)

Como estas são Memórias Vivas, no primeiro encontro, e no penúltimo, Pollyana mencionou a frase: “eu espero que quando a morte me encontrar, ela me encontre viva” que foi complementada por Otacílio ao mencionar: “todo homem morre, mas poucos vivem”. Contar suas próprias histórias, compartilhar e elaborar memórias com os demais e buscar viver novas experiências, a partir do olhar, da escuta, dos detalhes, da atenção, da delicadeza, da lentidão e da paciência, requer, além de estar vivo, coragem.

Referências

- A NEGRA. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82977-a-negra>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- A VOZ DO BRASIL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Voz_do_Brasil. Acesso em: 10 abr. 2025.
- ALBERNAZ, Antonio Luiz Goncalves; COUTO, Maria Cristina Ventura. A puericultura no SUS: o cuidado da criança na perspectiva da atenção integral à saúde. **Saúde em Debate**, v. 46, n. esp, p. 236–248, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E519>
- ALTMANN, H. Barbie e sua história: gênero, infância e consumo. **Pro-Posições**, v. 24, n. 1, p. 275–279, jan. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000100017>
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 20–28, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- BOSI, Ecléa. Ecléa Bosi: Formando o olhar de testemunhas do presente. **Comunicação & educação**, v. 18, n. 2, jul/dez, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v18i2p99-106>
- BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. **Novos estudos CEBRAP**, v. 32, p. 111-118, 1992.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 20 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- CARABINEIRO. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carabineiro>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE "DAVID ARANTES". **Sobre nós**. c2024. Disponível em: <https://cedecalimeira.org.br/>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- CÉSAR LATTES. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9sar_Lattes. Acesso em: 10 abr. 2025.
- COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO DE SÃO PAULO. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Metropolitana_de_Habita%C3%A7%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Paulo
- COPA DO MUNDO FIFA DE 1970. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1970#:~:text=A%20Copa%20do

%20Mundo%20de,e%20uma%20africana%20(Marrocos).&text=nenhum%20gol:,M%C3%A9xico. Acesso em: 10 abr. 2025.

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL. *In*: Wikipédia, a enciclopédia livre, 2025. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Departamento_de_Ordem_Pol%C3%ADtica_e_Social. Acesso em: 10 abr. 2025.

DIA DA INDEPENDÊNCIA (BRASIL). *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_da_Independ%C3%Aancia_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_da_Independ%C3%Aancia_(Brasil)). Acesso em: 20 maio 2025.

DIETÉTICA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Diet%C3%A9tica>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DIRETAS JÁ. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Diretas_J%C3%A1. Acesso em: 10 abr. 2025.

DITADURA MILITAR BRASILEIRA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar_brasileira. Acesso em: 10 abr. 2025.

EU TE AMO, MEU Brasil. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eu_Te_Amo,_Meu_Brasil. Acesso em: 10 abr. 2025.

FACTURAS. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Facturas>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FALEIROS, Vicente. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. *In*: _____. **Envelhecimento e Subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social; Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 2008, p. 63-77.

FREIRE, Érika. Encontros e Despedidas: o significado da música de Milton Nascimento. **Letras.mus.br**, 2020. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/encontros-e-despedidas-significado/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

GENSCHOW, Karen. Tarsila do Amaral: Viajante, mediadora e experimentadora. **Chiricú Journal**: Latina/o Literatures, Arts, and Cultures, v. 4, n. 2, p. 90-105, 2020. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/3/article/762431>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GUERRA DAS MALVINAS. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_das_Malvinas. Acesso em: 10 abr. 2025.

HENFIL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Henfil>. Acesso em: 20 maio 2025.

HIPPIE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hippie#:~:text=O%20movimento%20hippie%20foi%20um,si%20e%20com%20o%20mundo>. Acesso em: 10 abr. 2025.

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS APLICADAS. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Superior_de_Ci%C3%A7%C3%A2ncias_Aplicadas#:~:text=O%20Instituto%20Superior%20de%20Ci%C3%A7%C3%A2ncias,e%20Direito%2C%20que%20se%20destacam. Acesso em: 10 abr. 2025.

JORNAL NACIONAL. Acadêmico Hélio Jaguaribe morre no Rio aos 95 anos. **G1**, 10 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/10/academico-helio-jaguaribe-morre-no-rio-aos-95-anos.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

JUSCELINO KUBITSCHEK. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Juscelino_Kubitschek. Acesso em: 10 abr. 2025.

MASSACRE DO CARANDIRU. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Carandiru. Acesso em: 20 maio 2025.

MONTEIRO, Otacílio Cesar. **Frutas doces colhemos aos montes**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2024.

MPB. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/MPB>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MUNICÍPIO DE SANTA BÁRBARA D'OESTE. Inauguração da Ponte do Funil. **[Notícias da Prefeitura]**, Santa Barbára do Oeste, 2006. Disponível em: <https://www.santabarbara.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/11275/inauguracao-da-ponte-do-funil>

MUSEU DA PROPAGANDA. **Prada | 1961**. [s.d.]. Disponível em: <https://museudapropaganda.com/2019/05/25/prada-1961/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ORESTES QUÉRCIA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Orestes_Qu%C3%A9rcia. Acesso em: 10 abr. 2025.

OROSCO, Dolores. Vik Muniz cria abertura de 'Passione' e se diz 'filho da cultura de massa'. **G1**, São Paulo, 12 maio 2010. G1 Pop e Arte Cinema. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/vik-muniz-cria-abertura-de-passione-e-se-diz-filho-da-cultura-de-massa.html>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PAPA JOÃO PAULO II. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_Paulo_II. Acesso em: 10 abr. 2025.

PASTORAL DA CRIANÇA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pastoral_da_Crian%C3%A7a#:~:text=A%20Pastoral%20da%20Crian%C3%A7a%20%20C3%A9,todos%20os%20credos%20e%20etnias. Acesso em: 10 abr. 2025.

PEDRO MALASARTES. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Malasartes. Acesso em: 20 maio 2025.

PENIQUEIRO. *In*: Dicio, Dicionário Online de Português. Matosinhos, PT: 7Graus, c2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/piniqueiro/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PESQUISADOR de Limeira reúne documentos e ilustrações raras em livro sobre colônias europeias no estado de São Paulo. **G1**, São Paulo, jun. 2018. G1 Piracicaba e Região. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/pesquisador-de-limeira-reune-documentos-e-ilustracoes-raras-em-livro-sobre-colonias-europeias-no-estado-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PINHEIRO, L. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. **Revista USP**, v. 26, p. 108–119, jun/ago. 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i26p108-119>

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA DO BRASIL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%ABlica_do_Brasil. Acesso em: 10 abr. 2025.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que foi a Guerra Fria? **National Geographic Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/11/o-que-foi-a-guerra-fria>. Acesso em: 14 abr. 2025.

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Constitucionalista_de_1932. Acesso em: 10 abr. 2025.

REVOLUÇÃO CUBANA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cubana. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOU DE ALGODÃO. Marca que “construiu a América”, Lee é representada no Brasil por grupo mineiro com jeans no DNA, 2024. Disponível em: <https://soudealgodao.com.br/imprensa/release/marca-que-construiu-a-america-lee-e-representada-no-brasil-por-grupo-mineiro-com-jeans-no-dna/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

TANCREDO NEVES. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tancredo_Neves. Acesso em: 10 abr. 2025.

ULYSSES GUIMARÃES. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ulysses_Guimar%C3%A3es. Acesso em: 10 abr. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Programa Universidade**. Campinas: UNICAMP, [s.d]. Disponível em: <https://www.proec.unicamp.br/programa-universidade/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

VIK MUNIZ. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vik_Muniz. Acesso em: 10 abr. 2025.

ZEFERINO VAZ. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeferino_Vaz. Acesso em: 10 abr. 2025.

Agradecimentos

Nossa sincera gratidão à Alice Helena de Danielli, coordenadora do Programa UniversIDADE da Universidade Estadual de Campinas, pelo apoio institucional. Agradecemos igualmente a Dra. Lívia Salvador Basso, também do Programa UniversIDADE, por ter proposto a impressão deste livro e por seu suporte fundamental na implementação do programa na cidade de Limeira. Estendemos os agradecimentos a Pedro José Calille Sanches, do mesmo programa, pelo apoio prestado nesse processo.

Mariana manifesta gratidão a Felipe de Souza Bueno, bibliotecário-chefe, por ter autorizado a sua participação neste projeto de forma voluntária.

Agradecemos também à Andréa Cristina Missoni, Thiago Rodrigo dos Santos, Patricia Oliveira e Winderson Jesus Gomes por comporem a comissão editorial.

Por fim, nosso reconhecimento aos funcionários terceirizados que, com dedicação e gentileza, colaboraram para a realização deste trabalho no cotidiano, aqui, representados por: Monique da Silva Dias, Maria Zilma Moreira Honorato, Ana Cleide G. Felizardo, Ingrid Alves da Silva Braga, Patricia M. da R. Passuelo, Vanessa Cristina Passuello, Ezael Nóbrega, Elielia Silva dos Santos Dutra, Claudilaine Bonifácio, Fabiano Soares e Wagner Campos.

A todos e todas, o nosso muito obrigado.

Sobre os organizadores

Mariana Xavier

Graduada em Biblioteconomia e Documentação, mestre e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo, com formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo.

É bibliotecária na UNICAMP, docente no curso Técnico em Biblioteconomia da ETEC Parque da Juventude. Atuou como docente no programa de pós-graduação do Instituto Butantan, na Universidade Metropolitana de Santos, como orientadora do Projeto Integrador na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) e realizou estágio de docência na USP durante o mestrado e o doutorado.

Ministra treinamentos sobre busca de informação técnico-científica, escrita acadêmica, gerenciadores de referências, ética e integridade em pesquisa, Ciência Aberta, gestão de dados pesquisa, inteligência artificial na escrita científica e metodologia científica. Também atua em projetos sociais com mulheres em situação de vulnerabilidade social e em projetos culturais como clubes de leitura com pessoas idosas.

Érica Estevam

Psicóloga formada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), especialista em Psicopedagogia (Psicologia da Saúde no Contexto Hospitalar) pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP). Possui também especialização em Políticas Públicas e Socioeducação pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, exerce a função de psicóloga escolar no Colégio Técnico de Limeira (Cotil) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Sua experiência abrange diversas áreas, incluindo psicologia da saúde, psicopedagogia, psicologia educacional, psicologia histórico-cultural e psicanálise. Ao longo de sua formação, acumulou vivências práticas em diferentes contextos institucionais, atuando no acolhimento e apoio psicológico de pacientes, na realização de perícias psicológicas e em psicologia criminal. Na educação, participou de projetos relacionados à formação de leitores e o auxílio a professores no contexto da educação

básica. Também possui experiência no atendimento a pessoas com transtorno do espectro autista.

José Eduardo Gama Noronha

Psicólogo formado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Campus Baixada Santista, com especialização em Infâncias e Juventudes pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). É mestre e doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

No mestrado, desenvolveu a pesquisa intitulada *"Educação política, infâncias e juventudes: subjetivações calungas"*, sobre os processos de subjetivação da infância e juventude no município de São Vicente, vinculadas a uma proposta de educação política com ênfase em práticas coletivas e participação política.

Tem ampla experiência em atuação comunitária e educacional e em defesa de direitos humanos, especialmente com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, atuando como psicólogo e educador social com grupos, assembleias e mobilizações populares.

Atualmente trabalha como Psicólogo Educacional no Colégio Técnico de Limeira (COTIL) da UNICAMP, onde desenvolve ações de apoio educacional e de permanência estudantil.

